



- R -

Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

**Práticas e processos de reconhecimento
do gosto alimentar na infância**

316.738-053.2

(Anexos)

Ana Maria Levy Aires
Mestrado em Antropologia
(1995 - 1998)

Lisboa, 1998

LISTAGEM DE ANEXOS

Grupo A – Documentos utilizados

- A.1 – Modelo de ementa (1996/97 – 1997/98).
- A.2 a A.11 – Ementas semanais de Setembro de 1996 a Junho de 1997.
- A.12 – Documentos do B.A.C.F. (Banco Alimentar Contra a Fome).
 - a – Análise de guias de saída.
 - b – Guias de saída.
 - c – Relatório de actividades - 1997.
- A.13 – Mapas de aquisição de produtos para as Festas.
 - a – Festa do XXII aniversário.
 - b – Sardinhada.
- A.14 – Documentos internos da Associação.
 - a – Estatutos (até 1998).
 - b – Novos estatutos.
 - c – Regulamento interno do jardim de infância (1996/97)
 - d – Modelo da ficha de inscrição.
- A.15 – Relação peso – estatura das tabelas de registo de crescimento do National Center for Health Statistics, Ed. Nestlé / utilizadas nos Centros de Saúde portugueses.

Grupo B – Trabalhos das crianças.

- B.1 – Cartaz das ementas.
- B.2 – Representações de situações alimentares.
- B.3 – Texto sobre os ouriços/castanhas.
- B.4 – As nossas receitas. (Livro de Textos).
- B.5 – Texto – A avó do Jacinto trouxe um tronquinho com cerejas...
- B.6 – Texto – Hoje o nosso lanche foi muito bom.

Grupo C – Entrevistas

C.1 – Entrevista com a coordenadora da Associação.

C.2 – Jacinto.

a – Entrevista com mãe.

b – Entrevista com a avó.

C.3 – João

a – Entrevista com a mãe.

b – Entrevista com a avó.

C.4 – Ana – Entrevista com a mãe.

C.5 – Verónica – Entrevista com os pais.



O QUE VAMOS

COMER [mod

Anexo A.1

SEGUNDA

02/06/97

Sopa: Agnôes

2º Prato: Carne Assada com espar-
guete, salada

Sobremesa: Fruta (miste)

TERÇA

03/06/97

Sopa: Purê de batata com hortaliça

2º Prato: Peixe Grelhado com batata
e molho de manteiga

Sobremesa: Fruta (miste)

QUARTA

04/06/97

Sopa: Canja

2º Prato: Frango de fricassê com
arroz e salada

Sobremesa: Fruta (miste)

QUINTA

05/06/97

Sopa: Espinafres

2º Prato: Peixe à Braz, salada

Sobremesa: Fruta (miste)

SEXTA

06/06/97

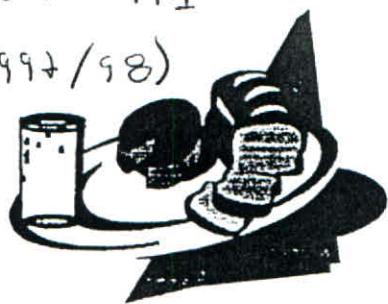
Sopa: Nabitcas

2º Prato: Esparguete à Bolonhesa
salada

Sobremesa: Fruta (miste)



Itneko A1
(modelo de ementa 1997/98)



O que é hoje a comida ?

2ª Feira _/_/_	Fruta : Sopa : Prato : Salada :
3ª Feira _/_/_	Fruta : Sopa : Prato : Salada :
4ª Feira _/_/_	Fruta : Sopa : Prato : Salada :
5ª Feira _/_/_	Fruta : Sopa : Prato : Salada :
6ª Feira _/_/_	Fruta : Sopa : Prato : Salada :

Universidade Nova de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

**Práticas e processos de reconhecimento
do gosto alimentar na infância**

(Anexos)

51798



Ana Maria Levy Aires
Mestrado em Antropologia
(1995 - 1998)

Lisboa, 1998

Anexo A.2

Ementas / Setembro de 1996:

Ementa de 5 a 6 de Setembro

5/09/96 - Quinta-feira:

- Sopa – canja
- Frango assado com batatas fritas e salada
- Fruta (pêssego)

6/09/96 - Sexta-feira:

- Sopa de espinafres
- Filetes com arroz e salada
- Fruta (maçã)

Ementa de 9 a 13 de Setembro

9/09/96 - Segunda-feira:

- Sopa de legumes
- Jardineira e salada
- Fruta (pêssego)

10/09/96 - Terça-feira:

- Sopa de agriões
- Peixe grelhado com batatas cozidas e salada
- Fruta (maçã)

11/09/96 - Quarta-feira:

- Caldo verde
- Empadão de carne e salada
- Fruta (pêro)

12/09/96 - Quinta-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe cozido com batatas cozidas, ovo e legumes
- Fruta (laranja)

13/09/96 - Sexta-feira:

- Sopa de nabiças
- Carne assada com esparguete cozido e salada
- Fruta (pêra)

Ementa de 16 a 20 de Setembro

16/09/96 - Segunda-feira:

- Sopa de nabiças
- Hambúrgueres com arroz e salada
- Fruta (maçã)

17/09/96 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe grelhado com batatas cozidas e salada
- Fruta (pêssego)

18/09/96 - Quarta-feira:

- Sopa de agriões
- Arroz à salsicheiro e salada
- Fruta (maçã)

19/09/96 - Quinta-feira:

- Caldo verde
- Atum com massa
- Fruta (maçã)

20/09/96 - Sexta-feira:

- Sopa juliana
- Bifes panados com batatas fritas e salada
- Fruta (pêssego)

Ementa de 23 a 27 de Setembro

23/09/96 - Segunda-feira:

- Sopa de nabijas
- Esparguete à bolonhesa e salada
- Fruta (pêssego)

24/09/96 - Terça-feira:

- Caldo verde
- Peixe à Braz com salada
- Fruta (maçã)

25/09/96 - Quarta-feira:

- Sopa de espinafres
- Carne à stroganoff com batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

26/09/96 - Quinta-feira:

- Sopa de legumes
- Filetes com arroz e salada
- Fruta (pêssego)

27/09/96 - Sexta-feira:

- Sopa – canja
- Frango estufado com massa e salada
- Fruta (maçã)

Ementa de 30 Setembro

30/09/96 - Segunda-feira:

- Sopa de feijão verde
- Salsichas com ovos, batatas fritas e salada
- Fruta (pêssego)

Anexo A.3

Ementas / Outubro de 1996

Ementa de 1 a 4 de Outubro

1/10/96 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe frito com arroz e salada
- Fruta

2/10/96 - Quarta-feira:

- Sopa de legumes
- Carne assada com massa e salada
- Fruta

3/10/96 - Quinta-feira:

- Sopa de nabiças
- Peixe assado com batatas assadas e salada
- Fruta

4/10/96 - Sexta-feira:

- Sopa de agriões
- Almôndegas com batatas fritas e salada
- Fruta

Ementa de 7 a 11 de Outubro

7/10/96 - Segunda-feira:

- Sopa de espinafres
- Costeletas com batatas fritas, arroz e salada
- Fruta

8/10/96 - Terça-feira:

- Caldo verde
- Atum com massa e salada
- Fruta

9/10/96 - Quarta-feira:

- Sopa de legumes
- Rolo de carne com arroz e salada
- Fruta

10/10/96 - Quinta-feira:

- Sopa de nabijas
- Carne com massa e salada
- Fruta

11/10/96 - Sexta-feira:

- Sopa de nabijas
- Peixe grelhado com batatas cozidas e salada
- Fruta

Ementa de 14 a 18 de Outubro

14/10/96 - Segunda-feira:

- Sopa de legumes
- Jardineira com salada
- Fruta

15/10/96 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Filetes com arroz e salada
- Fruta

16/10/96 - Quarta-feira:

- Sopa de agriões
- Perna de peru com batatas fritas
- Fruta

17/10/96 - Quinta-feira:

- Puré de feijão com hortaliça
- Peixe cozido com ovo, batatas e legumes
- Fruta

18/10/96 - Sexta-feira:

- Sopa – canja
- Frango com massa e salada
- Fruta

Ementa de 21 a 25 de Outubro

21/10/96 - Segunda-feira:

- Sopa de legumes com feijão verde
- Omelete, salsichas, batatas fritas e salada
- Fruta

22/10/96 - Terça-feira:

- Sopa de agriões
- Atum com massa e salada
- Fruta

23/10/96 - Quarta-feira:

- Sopa de espinafres
- Bife grelhado com arroz e salada
- Fruta

24/10/96 - Quinta-feira:

- Caldo verde
- Peixe assado com batatas e salada
- Fruta

25/10/96 - Sexta-feira:

- Sopa – canja
- Arroz à salsicheiro e salada
- Fruta

Ementa de 28 a 31 de Outubro

28/10/96 - Segunda-feira:

- Sopa de abóbora
- Carne guisada com massa e salada
- Fruta

29/10/96 - Terça-feira:

- Sopa de agriões
- Peixe grelhado com batatas salteadas
- Fruta

30/10/96 - Quarta-feira:

- Caldo verde
- Bifes de peru com arroz, batatas fritas e salada
- Fruta

31/10/96 - Quinta-feira:

- Sopa de feijão verde
- Peixe à Braz com salada
- Fruta

Anexo A.4

Ementas / Novembro de 1996

1/11/96 – Sexta-feira:

Feriado

Ementa de 4 a 8 de Novembro

4/11/96 - Segunda-feira:

- Sopa de agriões
- Bife com batatas fritas, arroz e salada
- Fruta

5/11/96 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe grelhado com batatas, molho de manteiga e salada
- Fruta

6/11/96 - Quarta-feira:

- Caldo verde
- Empadão de carne e salada
- Fruta

7/11/96 - Quinta-feira:

- Sopa de nabijas
- Bacalhau no forno e salada
- Fruta

8/11/96 - Sexta-feira:

- Sopa de legumes
- Carne guisada com massa
- Fruta

Ementa de 11 a 15 de Novembro

11/11/96 - Segunda-feira:

- Sopa – canja
- Frango de fricassé com arroz e salada
- Fruta

12/11/96 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe cozido com batatas, legumes e ovo
- Fruta

13/11/96 - Quarta-feira:

- Sopa de agriões
- Rolo de carne com batatas fritas, arroz e salada
- Fruta

14/11/96 - Quinta-feira:

- Sopa de nabiças
- Atum com massa e salada
- Fruta

15/11/96 - Sexta-feira:

- Sopa de feijão verde
- Perna de peru com batatas fritas e salada
- Fruta

Ementa de 18 a 22 de Novembro

18/11/96 - Segunda-feira:

- Sopa de espinafres
- Carne estufada com massa cozida e salada
- Fruta

19/11/96 - Terça-feira:

- Caldo verde
- Filetes com arroz de cenoura e salada
- Fruta

20/11/96 - Quarta-feira:

- Sopa – canja
- Frango assado com batatas fritas e salada
- Fruta

21/11/96 - Quinta-feira:

- Sopa de nabiças
- Peixe assado com batatas salteadas, arroz e salada
- Fruta

22/11/96 - Sexta-feira:

- Sopa de legumes
- Jardineira de carne e salada
- Fruta (maçã)

Ementa de 25 a 29 de Novembro

25/11/96 - Segunda-feira:

- Sopa de agriões
- Ovos com salsichas, batatas fritas e salada
- Fruta (laranja)

26/11/96 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres

- Peixe frito com arroz e salada
- Fruta (laranja)

27/11/96 - Quarta-feira:

- Sopa de legumes
- Costeletas com batatas fritas e salada
- Fruta (laranja)

28/11/96 - Quinta-feira:

- Puré de feijão com hortaliça
- Peixe grelhado com batatas cozidas e salada
- Fruta (pêra)

29/11/96 - Sexta-feira:

- Sopa de carne
- Cozido à portuguesa
- Fruta

Ementas / Dezembro de 1996

Ementa de 2 a 6 de Dezembro

2/12/96 - Segunda-feira:

Cimeira O.C.D.E. / Belém.
O jardim de infância esteve encerrado

3/12/96 - Terça-feira:

4/12/96 - Quarta-feira:

- Sopa de legumes (cenouras, couves)
- Atum com massa (tomatada com muita cebola, salsa e ovo)
- Fruta (pêra)

5/12/96 - Quinta-feira:

- Sopa de espinafres
- Bife grelhado com batata cozida, molho de manteiga, salada
- Fruta (pêra)

6/12/96 - Sexta-feira:

- Sopa de agriões
- Filetes com arroz e salada
- Fruta (maçã)

Ementa de 9 a 13 de Dezembro

9/12/96 - Segunda-feira:

- Sopa de agriões
- Hambúrgueres com arroz e salada
- Fruta (pêra)

10/12/96 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe assado no forno com batatas assadas e salada
- Fruta (maçã/pêro)

11/12/96 - Quarta-feira:

- Caldo verde
- Carne guisada com massa e salada
- Fruta (maçã)

12/12/96 - Quinta-feira:

- Sopa de legumes
- Peixe cozido com batatas, ovo e hortaliça
- Fruta (laranja)

13/12/96 - Sexta-feira:

- Sopa de nabijas
- Rolo de carne com batatas fritas, arroz e salada
- Fruta (maçã)

Ementa de 16 a 20 de Dezembro

16/12/96 - Segunda-feira:

- Sopa de agriões
- Carne estufada com esparguete e salada
- Fruta (pêra)

17/12/96 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe à braz com salada
- Fruta (laranja)

18/12/96 - Quarta-feira:

- Sopa de legumes
- Bife com batatas fritas e salada
- Fruta (laranja)

19/12/96 – Quinta-feira:

- Sopa de grão
- Salmão grelhado com batatas e molho de manteiga
- Fruta (maçã)

20/12/96 - Sexta-feira:

- Sopa de nabijas
- Esparguete à bolonhesa e salada
- Fruta (maçã)

Ementas / Janeiro de 1997

Ementa de 6 a 10 de Janeiro

6/01/97 - Segunda-feira:

- Sopa de nabijas
- Frango assado com batatas fritas e salada
- Fruta (tangerina)

7/01/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Filetes com arroz e salada
- Fruta (kiwi)

8/01/97 - Quarta-feira:

- Sopa de legumes
- Esparguete à bolonhesa e salada
- Fruta (maçã)

9/01/97 - Quinta-feira:

- Sopa de agriões
- Peixe cozido com ovo, batatas e legumes
- Fruta (tangerina)

10/01/97 - Sexta-feira:

- Caldo verde
- Rolo de carne com arroz, batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

Ementa de 13 a 17 de Janeiro

13/01/97 - Segunda-feira:

- Sopa – canja
- Carne guisada com massa e salada
- Fruta (kiwi ou maçã)

14/01/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe grelhado com batatas cozidas
- Fruta (maçã)

15/01/97 - Quarta-feira:

- Sopa de nabijas
- Bife panado com batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

16/01/97 - Quinta-feira:

- Sopa – puré de feijão com hortaliça
- Atum com massa e salada
- Fruta (laranja)

17/01/97 - Sexta-feira:

- Sopa de agriões
- Peru estufado com esparguete e salada
- Fruta (laranja)

Ementa de 20 a 24 de Janeiro

20/01/97 - Segunda-feira:

- Sopa de espinafres
- Ovos com salsichas, batatas fritas e salada
- Fruta (pêra)

21/01/97 - Terça-feira:

- Sopa de legumes
- Peixe frito com arroz e salada
- Fruta (pêra)

22/01/97 - Quarta-feira:

- Sopa de nabijas
- Carne assada com esparguete e salada
- Fruta (maçã)

23/01/97 - Quinta-feira:

- Sopa de agriões
- Peixe à Braz
- Fruta (maçã)

24/01/97 - Sexta-feira:

- Caldo verde
- Jardineira de carne
- Fruta (pêra)

Ementa de 27 a 31 de Janeiro

27/01/97 - Segunda-feira:

- Sopa de agriões
- Bifes com batatas fritas e salada
- Fruta (pêra)

28/01/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Filetes com arroz e salada
- Fruta (maçã)

29/01/97 - Quarta-feira:

- Sopa de nabijas
- Esparguete à bolonhesa e salada
- Fruta (pêra)

30/01/97 - Quinta-feira:

- Sopa de legumes
- Peixe grelhado com batatas e molho de manteiga; salada
- Fruta (laranja)

31/01/97 - Sexta-feira:

- Sopa de feijão verde
- Rolo de carne com batatas frita, arroz e salada
- Fruta

Anexo A.7

Ementas / Fevereiro de 1997

Ementa de 3 a 7 de Fevereiro

3/02/97 - Segunda-feira)

- Sopa de espinafres
- Carne assada com batatas fritas, arroz e salada
- Fruta (maçã)

4/02/97 - Terça-feira:

- Sopa de agriões
- Peixe grelhado com batatas cozidas e salada de alface e tomate
- Fruta (maçã)

5/02/97 - Quarta-feira:

- Caldo verde
- Esparguete à bolonhesa e salada
- Fruta (laranja)

6/02/97 - Quinta-feira:

- Sopa de legumes
- Filetes com arroz e salada
- Fruta (laranja)

7/02/97 - Sexta-feira:

- Sopa de nabijas
- Costeletas com batatas fritas e salada
- Fruta (pêra)

Ementa de 10 a 14 de Fevereiro

10/02/97 - Segunda-feira:

- Sopa de nabijas
- Jardineira de carne e salada
- Fruta (maçã)

11/02/97 - Terça-feira:

Feriado de Carnaval

12/02/97 - Quarta-feira:

- Sopa de espinafres
- Atum com massa e salada
- Fruta (maçã)

13/02/97 - Quinta-feira:

- Sopa de agriões
- Perna de peru com batatas no forno, arroz e salada
- Fruta (tangerina)

14/02/97 – Sexta-feira:

- Sopa de legumes
- Peixe cozido com ovo, batatas, cenoura e outros legumes (couve-flor)
- Fruta (tangerina)

Ementa de 17 a 21 de Fevereiro

17/02/97 - Segunda-feira:

- Sopa primavera (legumes)
- Carne assada com esparguete e salada
- Fruta (laranja)

18/02/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres (agriões)
- Arroz de lulas (com ervilhas e cenouras)
- Fruta (maçã)

18/02/97 - Quarta-feira:

- Sopa – canja
- Frango assado com batatas fritas e salada
- Fruta (banana)

20/02/97 - Quinta-feira:

- Sopa de nabiças
- Filetes com arroz e salada
- Fruta (banana)

21/02/97 - Sexta-feira:

- Sopa de legumes
- Rolo de carne com batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

Ementa de 24 a 28 de Fevereiro

24/02/97 - Segunda-feira:

- Sopa de agriões
- Empadão de carne com arroz e salada (empadão de arroz)
- Fruta (laranja)

25/02/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe espada grelhado com batatas cozidas, salada e molho de manteiga
- Fruta (banana)

26/02/97 - Quarta-feira:

- Sopa de nabijas
- Frango guisado com esparguete

(adultos: • Caril com arroz branco)

- Fruta (kiwi)

27/02/97 - Quinta-feira:

- Sopa de legumes
- Atum com massa e salada

(adultos: • Pizzas) → Banco Alimentar Contra a Fome

- Fruta (tangerinas)

28/02/97 - Sexta-feira:

- Caldo verde
- Bife com batatas fritas, arroz e salada
- Fruta (maçã)

Ementas / Março de 1997

Ementa de 3 a 7 de Março

3/03/97 - Segunda-feira:

- Sopa de espinafres
- Ovos com salsichas, batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

4/03/97 - Terça-feira:

- Caldo verde
- Peixe frito com arroz e salada
- Fruta (maçã)

5/03/97 - Quarta-feira:

- Sopa de agriões
- Carne guisada com massa e salada
- Fruta (laranja)

6/03/97 - Quinta-feira:

- Sopa de legumes
- Peixe assado no forno com batatas assadas e salada
- Fruta (laranja)

7/03/97 - Sexta-feira:

- Sopa de nabiças
- Arroz à salsicheiro e salada
- Fruta (maçã)

Ementa de 10 a 14 de Março

10/03/97 - Segunda-feira:

- Sopa de agriões
- Carne assada com esparguete e salada
- Fruta (laranja)

11/03/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe grelhado com batatas cozidas, molho de manteiga e salada
- Fruta (maçã)

12/03/97 – Quarta-feira:

- Sopa de legumes (nabiças e cenouras)
- Rolo de carne com batatas fritas (hambúrguer)
- Fruta (bananas)

13/03/97 - Quinta-feira:

- Sopa de nabiças
- Peixe frito com arroz e salada
- Fruta (sumo de laranja)

14/03/97 - Sexta-feira:

- Caldo verde
- Hambúrguer com batatas fritas e salada (rolo de carne)
- Fruta (laranja)

Ementa de 17 a 21 de Março

17/03/97 - Segunda-feira:

- Sopa de agriões
- Bife com batatas fritas, arroz e salada
- Fruta (pêra)

18/03/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Atum com massa e salada
- Fruta (pêra)

19/03/97 - Quarta-feira:

- Sopa de legumes
- Rolo de carne com batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

20/03/97 - Quinta-feira:

- Sopa de nabijas
- Peixe frito (solha) com arroz (de ervilhas) e salada
- Fruta (maçã)

21/03/97 - Sexta-feira:

- Caldo verde
- Esparguete à bolonhesa e salada
- Fruta (banana)

Ementa de 24 a 27 de Março

24/03/97 - Segunda-feira:

- Sopa – canja
- Perna de peru no forno com arroz (de ervilhas e cenouras, batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

25/03/97 - Terça-feira:

- Sopa de agriões
- Atum com massa (não houve salada)
- Fruta (laranja)

26/03/97 - Quarta-feira:

- Sopa de espinafres
- Costeletas com batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

27/03/97 - Quinta-feira:

- Sopa de nabijas
- Peixe cozido (pescada) com batatas cozidas, ovos e legumes
(cenouras às tiras)
- Fruta (maçã)

28/03/97 - Sexta-feira:

Feriado / Páscoa

31/03/97 – Segunda-feira:

ENCERRADO

Ementas / Abril de 1997

Ementa de 1 a 4 de Abril

1/04/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe à Braz e salada
- Fruta (maçã)

2/04/97 - Quarta-feira:

- Sopa de canja
- Frango com esparguete e salada
- Fruta (maçã)

3/04/97 - Quinta-feira:

- Caldo verde
- Peixe grelhado com batatas e molho de manteiga
- Fruta (morangos)

4/04/97 - Sexta-feira:

- Sopa de legumes
- Bife grelhado com arroz e salada
- Fruta (laranja)

Ementa de 7 a 11 de Abril

7/04/97 - Segunda-feira:

- Sopa de nabijas
- Carne guisada com massa
- Fruta (laranja)

8/04/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Panadinhos de pescada com arroz e salada
- Fruta (maçã)

9/04/97 - Quarta-feira:

- Sopa de legumes
- Peru estufado com batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

10/04/97 - Quinta-feira:

- Sopa de agriões
- Pescada frita com arroz de cenoura e salada
- Fruta (laranja)

11/04/97 - Sexta-feira:

- Caldo verde
- Esparguete à bolonhesa e salada
- Fruta (pêra)

Ementa de 14 a 18 de Abril

14/04/97 - Segunda-feira:

- Sopa de legumes
- Carne assada com arroz, batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

15/04/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe grelhado com batatas e molho de manteiga; salada
- Fruta (maçã)

16/04/97 - Quarta-feira:

- Sopa de agriões
- Frango assado no forno com batatas fritas e salada
- Fruta (laranja)

17/04/97 - Quinta-feira:

- Sopa de nabijas
- Atum com massa e salada
- Fruta (morangos)

18/04/97 - Sexta-feira:

- Caldo verde
- Bife grelhado com arroz branco e salada
- Fruta (banana)

Ementa de 21 a 25 de Abril

21/04/97 - Segunda-feira:

- Sopa de agriões
- Ovos com salsichas, batatas fritas e salada
- Fruta (laranja)

22/04/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe frito com arroz e salada
- Fruta (maçã)

23/04/97 - Quarta-feira:

- Sopa de legumes
- Frango com esparguete e salada
- Fruta (maçã)

24/04/97 - Quinta-feira:

- Sopa de nabijas
- Peixe à Braz e salada
- Fruta (laranja)

25/04/97 - Sexta-feira:

Feriado

Ementa de 28 a 30 de Abril

28/04/97 - Segunda-feira:

- Sopa de espinafres
- Atum com massa e salada
- Fruta (pêra)

29/04/97 - Terça-feira:

- Sopa de agriões
- Jardineira e salada
- Fruta (pêra)

30/04/97 - Quarta-feira:

- Sopa de nabijas
- Peixe frito com arroz e salada
- Fruta (maçã)

Anexo A.10

Ementas / Maio de 1997

Ementa de 1 a 2 de Maio

1/05/97 - Quinta-feira:

Feriado

2/05/97 - Sexta-feira:

- Caldo verde
- Esparguete à bolonhesa e salada
- Fruta (maçã)

Ementa de 5 a 9 de Maio

5/05/97 - Segunda-feira:

- Sopa de agriões
- Carne assada com esparguete e salada
- Fruta (laranja)

6/05/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe cozido com batatas, cenouras, ovo e legumes
- Fruta (maçã)

7/05/97 - Quarta-feira:

- Sopa de canja
- Frango assado no forno com batatas fritas, arroz e salada
- Fruta (laranja)

8/05/97 - Quinta-feira:

- Sopa de nabijas
- Peixe grelhado com batatas cozidas e molho de manteiga
- Fruta (tangerina)

9/05/97 - Sexta-feira:

- Sopa de legumes
- Rolo de carne com arroz, batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

Ementa de 12 a 16 de Maio

12/05/97 - Segunda-feira:

- Caldo verde
- Carne guisada com massa e salada
- Fruta (maçã)

13/05/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe à Gomes de Sá e salada
- Fruta (laranja)

14/05/97 - Quarta-feira:

- Sopa de nabijas
- Ovos com salsichas, batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

15/05/97 - Quinta-feira:

- Sopa de puré de feijão com hortaliça
- Peixe frito com arroz e salada
- Fruta (maçã)

16/05/97 - Sexta-feira:

- Sopa de nabijas
- Bifes panados com batatas fritas e salada
- Fruta (laranja)

Ementa de 19 a 23 de Maio

19/05/97 - Segunda-feira:

- Sopa de canja
- Frango com esparguete e salada
- Fruta (maçã)

20/05/97 - Terça-feira:

- Sopa primavera
- Peixe grelhado com batatas cozidas, molho de manteiga e salada
- Fruta (banana)

21/05/97 - Quarta-feira:

- Sopa de espinafres
- Costeletas com arroz, batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

22/05/97 - Quinta-feira:

- Sopa de nabijas
- Filetes com arroz e salada
- Fruta (maçã)

23/05/97 - Sexta-feira:

- Sopa de agriões
- Almôndegas com batatas fritas e salada
- Fruta (morangos)

Ementa de 26 a 30 de Maio

26/05/97 - Segunda-feira:

- Sopa de nabijas
- Bifes com batatas fritas, arroz e salada
- Fruta (maçã)

27/05/97 - Terça-feira:

- Sopa de agriões
- Peixe cozido com batatas, ovo e legumes
- Fruta (morangos)

28/05/97 - Quarta-feira:

- Sopa de espinafres
- Arroz à salsicheiro e salada
- Fruta (morangos)

29/05/97 - Quinta-feira:

Feriado

30/05/97 - Sexta-feira:

- Sopa de legumes
- Atum com massa
- Fruta (maçã)

Ementas / Junho de 1997

Ementa de 2 a 6 de Junho

2/06/97 - Segunda-feira:

- Sopa de agriões
- Carne assada com esparguete e salada
- Fruta (morangos)

3/06/97 - Terça-feira:

- Puré de feijão com hortaliças
- Peixe grelhado com batatas cozidas e molho de manteiga
- Fruta (maçã)

4/06/97 - Quarta-feira:

- Sopa de canja
- Frango de fricassé com arroz branco e salada
- Fruta (maçã)

5/06/97 - Quinta-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe à Brás com salada
- Fruta (morangos)

6/06/97 - Sexta-feira:

- Sopa de nabiças
- Esparguete à bolonhesa com salada
- Fruta (maçã)

Ementa de 9 a 13 de Junho

9/06/97 - Segunda-feira:

- Sopa de nabijas
- Carne guisada com massa e salada
- Fruta (banana)

10/06/97 - Terça-feira:

Feriado

11/06/97 - Quarta-feira:

- Sopa de espinafres
- Empadão (arroz assado) de atum e salada
- Fruta (pêssego)

12/06/97 - Quinta-feira:

- Sopa de agriões
- Bife com batatas fritas e salada
- Fruta (pêssegos)

13/06/97 - Sexta-feira:

Feriado

Ementa de 16 a 20 de Junho

16/06/97 - Segunda-feira:

- Sopa de legumes
- Bife grelhado com batatas fritas e salada
- Fruta (maçã)

17/06/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe cozido com batatas, ovo e legumes
- Fruta (maçã)

18/06/97 - Quarta-feira:

- Sopa de nabijas
- Frango estufado com esparguete e salada
- Fruta (banana)

19/06/97 - Quinta-feira:

- Sopa de agriões
- Filetes com arroz e salada
- Fruta (banana)

20/06/97 - Sexta-feira:

- Caldo verde
- Jardineira com salada
- Fruta (laranja)

Ementa de 23 a 27 de Junho

23/06/97 - Segunda-feira:

- Sopa de agriões
- Carne assada com esparguete e salada
- Fruta (maçã)

24/06/97 - Terça-feira:

- Sopa de espinafres
- Peixe à Braz e salada
- Fruta (laranja)

25/06/97 - Quarta-feira:

- Sopa de canja
- Frango de fricassé com arroz e salada
- Fruta (pêssego)

26/06/97 - Quinta-feira:

- Sopa de legumes
- Atum com massa
- Fruta (banana)

27/06/97 - Sexta-feira:

- Sopa de nabijas
- Peru estufado com batatas fritas e salada
- Fruta (pêra)

Anexo A.12

1 – Análise de Guias de Saída B.A.C.F. (Setembro 1996 / Maio 1997)

- Produtos básicos
- Outros produtos
- Produtos especiais

A análise das Guias de Saída mensais (Setembro 1996 a Maio de 1997) de produtos fornecidos (para consumo próprio / destinatário) pelo Banco Alimentar Contra a Fome a este estabelecimento indica estabilidade tanto nas quantidades como no tipo de matérias que constituíam o cabaz de mantimentos que era designado pela "box" / produtos básicos.

Relativamente aos produtos e quantidades fornecidas encontramos a seguinte informação em cada mês:

Produtos Básicos/Peso (Kg)	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.
• Leite (magro/gordo)	52	52	57	57	51	51	43	36	36
• Arroz	26	26	26	26	26	26	20	21	31
• Açúcar	12	12	12	12	11	11	13	14	14
• Farinha	7	1	7	7	7	7	10	10	8
• Leguminosas enlat. (feijão)	4	4	4,9	4	4	4	4	5	5
• Carne enlat. (salsichas)	3	3	5	0	0	4	6	6	7
• Conservas peixe (atum)	4	4	3,1	3	3	3	5	5	5
• Leguminosas secas (grão)	3	3	3	3	4	4	5	5	5
• Óleo	11	11	11	11	11	11	12	13	13
• Azeite	3	3	3	0	0	4	6	6	6
• Massas	13	12	13	10	12	12	30	32	15
• Bolachas	12	10	14	14	20	20	6	5	10*

A "box" mensal integrava também um conjunto de produtos designados por "outros produtos" que variavam consoante os produtos disponíveis nas instalações do Banco Alimentar Contra a Fome. Além disso, encontramos também guias de saída

* Broas de Natal (10Kg)

de “produtos especiais” cuja natureza obrigava a uma distribuição rápida não podendo esperar em armazém pelo dia da entrega mensal.

Relativamente aos produtos designados por “outros produtos” encontramos as seguintes informações nas guias de saída mensais.

Outros Produtos/ /Peso (Kg)	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.
• Bledines	6	-	5	8	7	-	-	-	-
• Molhos Diversos	8	6	2	-	2	-	3	-	4
• Refrigerantes	14	10	16	24	38	75	105	113	101
• Tostas	8	6	8	6	-	6	-	-	-
• Maionese	4	-	-	-	-	3	7	5	4
• Compotas / Geleias	3	-	3	4	4	2	-	5	9
• Confeitaria / Bolos	5	3	-	-	3	-	3	3	-
• Tomate Pelado	5	-	1	-	-	-	-	-	-
• Massinhas	6	3	-	-	-	-	5	-	-
• Sopas de lata ou em pó	-	6	2	5+2	-	-	-	-	-
• Sopas – caldo knorr	-	-	-	-	-	3	-	-	-
• Chocolates	-	6	-	-	-	3	3	9	5
• Sobremesas em pó	-	2	3	-	-	-	4	-	5
• Cereais	-	4	-	-	2	3	-	-	-
• Chá	-	-	3,1	-	-	-	-	-	-
• Leite em pó	-	-	-	-	-	15	16	29	35
• Leite em pacote / /condensação	-	-	-	-	-	-	10	-	4,7
• Aperitivos / Pickles	-	-	-	-	-	3	-	3	-
•Hambúrgueres	-	-	-	-	-	-	-	4	-

Verificamos que a diminuição das quantidades fornecidas de leite nos meses de Março, Abril e Maio coincidiu com um aumento de fornecimentos de leite em pó (facultado pelo serviço de manutenção militar ao B. A. C. F.). Os fornecimentos foram suplementados ao longo dos meses através da entrega de produtos especiais que em Maio (14 de Maio de 1997) incluíram 94,5 Kg deste “leite/CEE”. Verificamos que em Novembro (26 de Nov. de 1996) a guia de produtos especiais também indicava a entrega de 5 Kg de leite em pó para bebés. A guia de saída / produtos de Abril (21 de Abr. De 1997) nomeava também leite em pó – “leite CEE”, mas o fornecimento não se efectivou.

Observamos que em Dezembro / Janeiro não houve fornecimentos de salsichas (nem em produtos básicos, nem em produtos especiais), mas mesmo assim no dia 20 de Janeiro o almoço foi salsichas / ovos / batatas fritas, recorrendo a fornecimentos anteriores não utilizados em Dezembro. Consequentemente em Fevereiro não houve recurso a esta preparação culinária que se repetiu a 3 de Março recorrendo ao fornecimento de Fevereiro (de 19 de Fev.). O aumento das quantidades deste produto em Março – Abril – Maio justifica a sua utilização numa refeição em cada um desses meses.

Relativamente a outro produto conservado em lata (atum), notamos que em Novembro – Dezembro – Janeiro foi usado em uma refeição mensal, mas em Fevereiro – Março – Abril – Junho houve sempre duas refeições com atum de lata gastando produtos fornecidos na “box”.

Em Dezembro, Janeiro de 1997 o não fornecimento de azeite implicou a compra deste num hipermercado de Lisboa. A diminuição de fornecimento de açúcar não foi significativa e não implicou alterações no conjunto de aquisições realizadas (informação veiculada pela coordenadora em Novembro de 1997). Atribuímos a redução destes fornecimentos ao facto de serem produtos muito consumidos no Natal, não tendo chegado aos depósitos do Banco Alimentar Contra a Fome que os recebe de várias entidades, nomeadamente de hipermercados.

As guias de saída de produtos especiais fornecem-nos as seguintes informações:

Produtos Especiais/ / Peso (Kg)	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.
• Fruta	-	6	-	21	5 cx.	45 + 36 + 4 cx.	8 + 10 cx.	6	-
• Iogurtes	-	7	68	40	37	-	-	20	-
• Leite em pó, pacote, condensado	-	-	5	-	-	-	4	-	94,5 em pó
• Pão / Tostas	-	9	-	-	-	22	-	14 + 5	-
• Frangos	-	20	-	-	-	54	-	-	-
• Carne de vaca / hambúrgueres	-	-	-	-	-	27 + 74	26 + 4 + 58	-	-
• Pré- cozinhados / Congelados	-	-	-	18	16	26 + 77 lulas	15 + 2	-	-
• Abóbora / Legumes	-	17	-	7	8	-	-	-	33
• Batatas	-	-	-	-	-	-	-	-	88
• Tomate	-	-	8 cx.	-	-	-	-	-	-
• Puré de batata	-	-	-	-	-	-	3	-	-
• Gelatinas	-	-	-	-	-	-	11	-	-
• Bledines	-	-	128 emb.	-	-	-	-	-	-
• Sumos	-	-	100 emb.	-	1 emb.	-	-	10 emb.	-
• Bolachas	-	-	-	-	-	16	31	-	-
• Gelados	-	-	-	-	-	87	34	13 + 12	90

O último grupo de materiais adquiridos no Banco Alimentar Contra a Fome (natas / manteiga / cerveja) é explicável como materiais para a festa da fundação do estabelecimento em 19 de Abril de 1997. Os produtos de higiene / limpeza (shampoos; sabonetes; óleos protectores) foram utilizados durante o mês de Julho, na colónia de férias fechada, com os meninos mais velhos (em Janas / Azenhas do Mar) e no mês de praia com os meninos mais novos (Costa da Caparica).

Os produtos alimentares impossíveis de consumir atempadamente, ou que as crianças não gostavam, eram distribuídos pelas famílias mais carenciadas. Assim aconteceu com os fornecimentos de kiwis e de lulas congeladas que apenas serviram para uma refeição em 18 de Fevereiro.

A este propósito a entrevista com a coordenadora do estabelecimento esclarece (Anexo C.1): *“Antes de haver esse compromisso, de fazer os cabazes, que eles chamam os cabazes para as famílias, nós já dávamos a algumas famílias porque achávamos que essas famílias tinham necessidade. Não havendo nenhum compromisso com o Banco Alimentar, fazíamos isso. Recebíamos de tal maneira que permitia ... Então dávamos a certas famílias, mesmo sem haver nenhum contrato. Neste momento, há uma supervisão da Segurança Social. Eu quando recebo e aquilo que envio para as famílias ... eu tenho uma requisição que preencho e tem que ser enviada para o Banco nos Alimentar. Ficamos com o duplicado e mandamos um original para o Banco Alimentar. Um fica no Banco Alimentar, outra cópia ainda vai para a Segurança Social (...) Mensalmente levam sempre e, depois, é a tal coisa, varia. Se eles nos mandam muitas coisas, eu vou contactando as famílias. Se são dos pais dos meninos que frequentam o jardim de infância, ao fim do dia a D. E (é que está encarregue disso) diz: ‘Olha, há coisas lá dentro para levarem...’. Pode ser fruta, pode ser leite. Depende do que é que há, do que é que vem. As outras famílias, que não pertencem à instituição, eu tenho o contacto telefónico e digo: ‘Olhe, pode cá vir...’ ”.* Neste sentido, compreendemos que o Banco Alimentar Contra a Fome actua em rede centralizando e descentralizando dádivas de outras instituições que, como este estabelecimento, funcionam também como redistribuidores locais dos produtos alimentares adquiridos.

Iva esclareceu-nos assim quanto ao contacto com as famílias que não têm filhos a frequentar este estabelecimento: *“Geralmente é assim: as pessoas vão ao I.A.C. Vão-se queixar que têm problemas, querem inscrever os seus filhos numa instituição e não há vagas. Estão com dificuldades, não têm alimentação que chegue para dar aquelas crianças e dirigem-se ao I.A.C.. O I.A.C., por sua vez, encaminha para aqui para inscrevermos os meninos, para ver se há vagas, não é? Também encaminha para o Banco Alimentar. As pessoas não devem dirigir-se ao Banco Alimentar directamente. Há lá sempre uma grande confusão ... iam lá diariamente pedir alimentos e o Banco Alimentar não dá directamente alimentos às pessoas. O*

Banco Alimentar dá às instituições e as instituições organizam-se e distribuem. É assim agora.”.

Esta componente de resposta social por parte do jardim de infância foi reforçada na entrevista quando Iva aludiu a outras situações de apoio às famílias “... nós demos durante muitos anos a uma senhora que teve cá os filhos. Depois tiraram-nos de cá ... até foi um caso complicado. Foram para a Santa Casa, foram para um internato, ela não tinha condições. Ficou sozinha, mas nós continuámos a dar. Mas a essa era diariamente. Todos os dias vinha cá buscar a sopa e algum bocado de comida que houvesse ...”. E em relação a um caso presente ainda referiu: “a Dona M. também ao fim de semana, além de levar do Banco Alimentar, nós fazemos para essa senhora mais um acréscimo: damos-lhe a sopa para o fim de semana.”.

Reflectindo sobre este trabalho de apoio e colaboração social, Iva ainda nos disse: “Eu acho que sim. Desde o princípio, só que com organizações diferentes. No princípio era a cooperativa, funcionou aqui ao fim de semana. Isso eu sei porque me contaram. Não sou desse tempo. Eu acho que logo após a ocupação, organizaram-se aqui ao fim de semana ... funcionava como uma cooperativa onde as pessoas vinham comprar produtos a muito baixo preço – bacalhau, azeite, batatas, cebolas. Não sei qual era o tipo de fornecimento. Não sei dizer como é que isso se organizou, não sei. Sei que se chamava cooperativa. As pessoas vinham aqui ao fim de semana. Só funcionava ao Sábado. Então, as pessoas vinham aqui adquirir produtos que havia mas com preços muito simbólicos. Durante um tempo funcionou assim, mas depois começou a correr mal.”.

Esta informação sobre a cooperativa remete-nos também para aspectos de colaboração com os pais e de institucionalização da pedagogia que são analisados no capítulo das Festas – a ruptura com a alimentação no quotidiano.

ACORDO DE AJUDA ALIMENTAR
TIPO A

Entre:

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME, adiante designado por B.A., Instituição Particular de Solidariedade Social, inscrita com o nº 77/91, a fls 5 verso do livro 5 das Associações de Solidariedade Social da Direcção Geral da Segurança Social e com o nº de Identificação de Pessoa Colectiva 502671858, com sede na Estrada da Torre, nº 26, 1700 Lisboa e armazém na Estação da C.P. Alcântara-Terra, armazém 1, Av. Ceuta, 1300 Lisboa e

Instituição de Beneficência e Assistência
de Ajuda
Colónia da Ajuda 35 - BUC LISBOA

adiante designada por ASSOCIAÇÃO BENEFICIÁRIA é acordado o seguinte:

1. O B.A. compromete-se a pôr, gratuitamente, à disposição da ASSOCIAÇÃO BENEFICIÁRIA os produtos alimentares disponíveis no seu armazém, nas quantidades por si, B.A., consideradas convenientes.
2. A ASSOCIAÇÃO BENEFICIÁRIA compromete-se a:
 - 2.1. Não utilizar os produtos alimentares fornecidos pelo B.A. com fins comerciais, bem como abster-se da distribuição destes por pessoas não necessitadas.
 - 2.2. Aceitar a visita periódica do delegado do B.A., devidamente credenciado, a fim de melhor conhecer as suas necessidades e projectos.
 - 2.3. Comprometer-se, sempre que pelo B.A. fôr para isso solicitada, a analisar casos de pessoas necessitadas que entram em contacto com o B.A. e residam perto da sua área de acção, dando-lhe assistência alimentar de acordo com as vossas normas de funcionamento e se assim o entenderem.
 - 2.4. Ao abastecer-se no armazém do B.A., utilizar os seus próprios meios de transporte, de acordo com calendário previamente acordado e fazendo-se acompanhar do respectivo cartão de identificação.
 - 2.5. Tomar todas as medidas necessárias para manter os produtos alimentares, recebidos do B.A., em bom estado de conservação, a partir do momento em que lhe são entregues, assumindo integral responsabilidade pelo seu transporte e utilização.



2/

ÀS
INSTITUIÇÕES BENEFICIÁRIAS
DO PROGRAMA DE APOIO
ALIMENTAR A CARENCIADOS

n/referência Data
Circ.006/CEE 96 96/11/05

Exmos. Senhores,

Informam-se as Instituições beneficiárias do programa de distribuição de excedentes comunitários que os mesmos deverão ser levantados nas instalações da Manutenção Militar - R. do Grilo, 111, 1900 Lisboa - Horário : 8h30 - 12h00/ 13h30 - 16h30.

Congratulamo-nos pelo facto de ter sido possível incluir a vossa instituição como mediadora (distribuição de cabazes às famílias) e destinatária (consumo próprio), sendo as quantidades atribuídas para cada um dos casos especificadas em credenciais separadas. Esta divisão dos produtos deve ser rigorosamente respeitada.

Junto enviamos as **Credenciais** e as **Guias de Entrega** (como mediadoras e destinatárias) dos produtos com a discriminação das quantidades que foram atribuídas à vossa instituição, para apresentação na Manutenção Militar.

A vossa instituição deverá assim dirigir-se à Manutenção Militar no dia 10 de Dezembro e programar a distribuição dos géneros aos beneficiários.

Recomendamos que, sempre que possível, a distribuição às famílias seja feita de forma parcelar para evitar que recebam de uma só vez grandes quantidades de produtos.

Oportunamente faremos a entrega das credenciais do utente que, à semelhança dos anos anteriores, devem ser preenchidas no acto da distribuição dos produtos às famílias e logo que possível enviadas para o Banco Alimentar. Este envio é condição indispensável para que a vossa benemérita instituição seja incluída no programa do próximo ano.

Com os melhores cumprimentos,

Pelo Banco Alimentar Contra a Fome


Maria Isabel Jonet



ÀS
INSTITUIÇÕES BENEFICIÁRIAS
DO PROGRAMA DE APOIO
ALIMENTAR A CARENCIADOS

n/referência	Data
Circ.006/CEE 96	96/11/05

Exmos. Senhores,

Vimos por este meio informar todas as instituições incluídas no programa de distribuição de excedentes comunitários que, à semelhança do ano passado, mediante apresentação de factura endossada ao **Centro Regional de Segurança Social de Lisboa e Vale do Tejo** (R.Afonso Costa ,6/8,1999 Lisboa Codex) ,podem reaver os custos de:

- aluguer de transporte
- armazenagem em espaço frigorífico
- As operações de carga e descarga

As facturas deverão ser enviadas para o Banco Alimentar Contra a Fome.

É do nosso conhecimento que as despesas relativas ao ano de 1995 ainda não foram pagas por dificuldades de processamento das mesmas na Segurança Social .Estamos no entanto a fazer todos esforços para que as mesmas sejam pagas o mais rapidamente possível.

Estas despesas não deverão portanto impedir a vossa benemérita Instituição de beneficiar do programa da distribuição de excedentes comunitários.

Sem outro assunto subscrevemo-nos com os melhores cumprimentos,

Pelo Banco Alimentar Contra a Fome

Maria Isabel Jonet



N FAZER

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME					
Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1 - Av. de Ceuta, 1300 LISBOA - Tel 364 96 55 / Fax 362 24 42					
GUIA DE SAÍDA				SETEMBRO	
Instituição Destinatária :		Código	18	Data	
Assoc. de Protecção à Infância da Ajuda				Guia de Remessa Nº	
QUARTA 5ª Feira			26/9/96	Factura nº	
Produto	Código	Nº de unidades	Peso atribuído	Peso a entregar	Observações
Leite (Magro/Gordo)	09 10 0	48	52		
Arroz	11 90 0		26		
Açúcar	19 00 0		12		
Farinha	10 00 0		7		
Legumin.Enlt	21 50 0		4		
Charc.Enlt.	23 60 0		3		
Cons.Peixe	22 00 0		4		
Legumin. Secas	12 50 0		3		
Óleo	17 30 0	12	11		
Azeite	17 50 0	2	3		
Massas	11 00 0		13		
Bolachas	02 00 0		12		
Total produtos básicos			150		
Bledines	25 10 0		6		
Molhos	14 40 0		8		
Refrigerantes	28 10 0		14		
Tostas	02 20 0		8		
Maionese	14 10 0		4		
Compotas	20 00 0		3		
Confeitaria	07 00 0		5		
Tomate Pelado	21 60 0		5		
Massinhas	11 40 0		6		
Total outros produtos			59		
Total atribuído			209		← (a) Total a entregar
Peso total na balança			270		
Tara			55		
Peso Líquido			215		
Box(s) feita(s) por	Inst.	Nº de Boxes	1		
Box(s) conferida(s) por		Data			
Produtos especiais	Código			Peso a entregar	
Total produtos especiais (b)					
Peso total entregue (a+b)					
A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar					
Local de Carga		Instalações do Banco Alimentar			
Entregue por		Recebido por			
Matricula		Conductor			
Introduzido no Computador		Data			

3/

V0.000

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME					
Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1 - Av. de Ceuta, 1300 LISBOA - Tel: 364 96 55 / Fax: 362 24 42					
GUIA DE SAÍDA				OUTUBRO	
Instituição Destinatária :		Código	18	Data	
Assoc. de Protecção à Infância da Ajuda				Guia de Remessa Nº	
QUARTA 5ª Feira			24/10	Factura nº	
Produto	Código	Nº de unidades	Peso atribuído	Peso a entregar	Observações
Leite (Magro/Gordo)	09 10 0	49	52		-
Arroz	11 90 0		26		-
Açúcar	19 00 0		12		-
Farinha	10 00 0		17		
Legumin.Enlt	21 50 0		4		-
Charc.Enlt.	23 60 0		3		-
Cons.Peixe	22 00 0		4		-
Legumin. Secas	12 50 0		3		-
Óleo	17 30 0	11	11		-
Azeite	17 50 0	2	3		-
Massas	11 00 0		12		-
Bolachas	02 00 0		10		-
Total produtos básicos			147		
Tostas	02 20 0		6		-
Molhos diversos	14 40 0		6		-
Refrigerantes	28 10 0		10		-
Bolos	01 30 0		3		-
Sopa de lata	13 30 0		6		-
Chocolates	06 00 0		6		-
Prep. pó sobremesas	08 00 0		2		-
Cereais	04 30 0		4		-
Massinhas	11 40 0		3		-
Total outros produtos			46		
Total atribuído			193		← (a) Total a entregar
Peso total na balança					236
Tara					55
Peso Líquido					181
Box(s) feita(s) por	instituição	Nº de Boxes	1		
Box(s) conferida(s) por	Nilton	Data			
Produtos especiais	Código			Peso a entregar	
FRANGOS = 1CA				20 kg	
Total produtos especiais (b)					
Peso total entregue (a+b)					
A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar					
Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar				
Entregue por	Nilton		Recebido por	[Assinatura]	
Matricula			Conductor		
Introduzido no Computador			Data	24/10/96	

6^{da} = 22/11/96

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME					
Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1 - Av. de Ceuta, 1300 LISBOA - Tel: 364 96 55 / Fax 362 24 42					
GUIA DE SAÍDA				NOVEMBRO	
Instituição Destinatária :			Código	18	Data
Assoc. de Protecção à Infância da Ajuda					Guia de Remessa Nº
QUARTA 5ª Feira					Factura nº
Produto	Código	Nº de unidades	Peso atribuído	Peso a entregar	Observações
Leite (Magro/Gordo)	09 10 0	54	57		✓
Arroz	11 90 0		26		✓
Açúcar	19 00 0		12		✓
Farinha	10 00 0		7		✓
Legumin. Enlt	21 50 0		4	+ 500g	✓
Charc. Enlt.	23 60 0		5		✓
Cons. Peixe	22 00 0		3	+ 100g	✓
Legumin. Secas	12 50 0		3		✓
Óleo	17 30 0	11	11		✓
Azeite	17 50 0	2	3		✓
Massas	11 00 0		13		✓
Bolachas	02 00 0		14		✓
Total produtos básicos			158		
Tostas	02 20 0		8		✓
Molhos diversos	14 40 0		2		✓
Refrigerantes	28 10 0		16		✓
Tomate pelado	21 60 0		1		✓
Sopa pó	13 00 0		2		✓
Compotas	20 00 0		3		✓
Prep. pó sobremesas	08 00 0		3		✓
Bledines	25 10 0		5		✓
Chá	03 50 0		3	+ 100g	✓
Total outros produtos			43		
Total atribuído			201		← (a) Total a entregar
Peso total na balança				255	
Tara				53	
Peso Líquido				202	
Box(s) feita(s) por	40 x 40 x 1,15	Nº de Boxes	1		
Box(s) conferida(s) por	Albino	Data	19.11.96		
Produtos especiais	Código			Peso a entregar	
Fruta enlatada	20 40 0			50	← não estava na box
iogurte 200g				68	
Total produtos especiais (b)				68	
Peso total entregue (a+b)				270	
A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar					
Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar				
Entregue por	fulsi		Recebido por		
Matrícula			Condutor		
Introduzido no Computador			Data		96.11.22

Vene taxa 20/12

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME					
Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1 - Av. de Ceuta, 1300 LISBOA - Tel: 364 96 55 / Fax: 362 24 42					
GUIA DE SAÍDA				DEZEMBRO	
Instituição Destinatária :		Codigo 18		Data	
Assoc. de Protecção à Infância da Ajuda				Guia de Remessa Nº	
QUARTA 5ª Feira				Factura nº	
Produto	Código	Nº de unidades	Peso atribuido	Peso a entregar	Observações
Leite (Magro/Gordo)	09 10 0	54	57	✓	
Arroz	11 90 0		26	✓	
Açúcar	19 00 0		12	✓	
Farinha	10 00 0		7	✓	
Legumin.Enlt	21 50 0		4	✓	
Charc.Enlt.	23 60 0		0		
Cons.Peixe	22 00 0		3	✓	
Legumin. Secas	12 50 0		3	✓	
Óleo	17 30 0	11	11	✓	
Azeite	17 50 0	0	0		
Massas	11 00 0		10	✓	
Bolachas	02 00 0		14	✓	
Total produtos básicos			147		
Tostas	02 20 0		6	✓	
Cubos <i>hooze</i>	13 70 0		2	3 ✓	
Refrigerantes	28 10 0		24	✓	
Leite pó bebé	25 50 0		4		
Sopa lata	13 30 0		5	✓	
Compotas	20 00 0		4	✓	
Chocolate em pó	04 00 0		3	✓	
Bledines	25 10 0		8	✓	
Chocolates	06 00 0		2	✓	
Total outros produtos			57		
Total atribuido			204		← (a) Total a entregar
Peso total na balança					
Tara					
Peso Líquido					
Box(s) reita(s) por	<i>custo</i>	Nº de Boxes			
Box(s) conferida(s) por	<i>Paulo A.</i>	Data	<i>12-12-96</i>		
Produtos especiais	Código			Peso a entregar	
<i>P.P. Coriunda</i>	<i>completos</i>			<i>100</i>	
<i>Fanta</i>				<i>21</i>	✓
<i>70mls</i>				<i>40</i>	✓
Total produtos especiais (b)				<i>233</i>	
Peso total entregue (a+b)				<i>429</i>	
A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar					
Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar				
Entregue por	<i>Paulo A.</i>	Recebido por			
Matricula	<i>01-06-93</i>	Condutor	<i>Isabel Martins</i>		
Introduzido no Computador		Data	<i>12-12-96</i>		

*Família PA Gêri
5 kg.
28 kg (alimentos) Feccs.
60 kg (alimentos) 21 kg*

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME					
Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1 - Av. de Ceuta, 1300 LISBOA - Tel: 364 96 55 / Fax: 362 24 42					
GUIA DE SAÍDA				JANEIRO DE 1997	
Instituição Destinatária : Assoc. de Protecção à Infância da Ajuda				Codigo 18	
QUARTA 5ª Feira				Data	
				Guia de Remessa Nº	
				Factura nº	
Produto	Código	Nº de unidades	Peso atribuido	Peso a entregar	Observações
Leite (Magro/Gordo)	09 10 0	48	51		
Arroz	11 90 0		26		
Açucar	19 00 0		11		
Farinha	10 00 0		7		
Legumin.Enlt	21 50 0		4		
Charc.Enlt.	23 60 0		0		
Cons.Peixe	22 00 0		3		
Legumin. Secas	12 50 0		4		
Óleo	17 30 0	11	11		
Azeite	17 50 0	0	0		
Massas	11 00 0		12		
Bolachas	02 00 0		20		
Total produtos básicos			147		
Leite em pó CEE	09 60 9		0		
Chocolate em pó	04 00 0		2		NAO HA
Refrigerantes	28 10 0		38		
Leite pó bebé	25 50 0		5		NAO QUER TEMPO
Cereais	04 30 0		2		
Compotas	20 00 0		4		
Confeitaria	07 00 0		3		
Bledines	25 10 0		7		
Molhos diversos pacote	14 40 0		2		
Total outros produtos			62		
Total atribuido			209	(a) Total a entregar	
Peso total na balança			241		
Tara			53		
Peso Liquido			188		
Box(s) feita(s) por		Nº de Boxes	1		
Box(s) conferida(s) por		Data			
Produtos especiais	Código			Peso a entregar	
Pastas de barrar	20700			50	
Chocolates	06000			50	
Total produtos especiais (b)					
Peso total entregue (a+b)					
A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar					
Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar				
Entregue por	Alexandre		Recebido por		
Matricula			Conductor		
Introduzido no Computador			Data	22/1/97	

Box

Vem fazer
19/2/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1 - Av. de Ceuta, 1300 LISBOA - Tel: 364 96 55 / Fax: 362 24 42

GUIA DE SAÍDA

FEVEREIRO DE 1997

Instituição Destinatária :

Codigo 18

Data

Assoc. de Protecção à Infância da Ajuda

Guia de
Remessa Nº

QUARTA 5ª Feira

Factura nº

Produto	Código	Nº de unidades	Peso atribuido	Peso a entregar	Observações
Leite (Magro/Gordo)	09 10 0	48	51	✓	
Arroz	11 90 0		26	✓	
Açúcar	19 00 0		11	✓	
Farinha	10 00 0		7	✓	
Legumin.Enlt	21 50 0		4	✓	
Charc.Enlt.	23 60 0		4	✓	
Cons.Peixe	22 00 0		3		
Legumin. Secas	12 50 0		4	✓	
Óleo	17 30 0	11	11	✓	
Azeite	17 50 0	3	4	✓	
Massas	11 00 0		12	✓	
Bolachas	02 00 0		20	✓	
Total produtos básicos			157		

Leite em pó CEE	09 60 9		15	✓	
Chocolate em pó	06 00 0		3	✓	
Refrigerantes	28 10 0		75		
Tostas	02 20 0		6	✓	
Cereais	04 30 0		3	✓	
Compotas	20 00 0		2	✓	
Aperitivos	02 10 0		3	✓	
Cubos caldos	17 30 0		3	✓	
Maionese	14 10 0		3	✓	

Total outros produtos → 114

Total atribuido → 271

← (a) Total a entregar

Peso total na balança → 326

Tara → 53

Peso Líquido → 273

Box(s) feita(s) por ISABEL/DANA Nº de Boxes 1

Box(s) conferida(s) por Alex. Data 19/2/97

Produtos especiais	Código		Peso a entregar
		→	
		→	
		→	

Total produtos especiais (b) →

Peso total entregue (a+b) →

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga Instalações do Banco Alimentar

Entregue por: Alexandre Recebido por

Matricula PL-06-43 Condutor

Introduzido no Computador Data

ISABEL
19/2/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1 - Av. de Ceuta, 1300 LISBOA - Tel. 364 96 55 / Fax: 362 24 42

GUIA DE SAÍDA

MARÇO DE 1997

Instituição Destinatária : Código 18

Data

Assoc. de Protecção à Infância da Ajuda

Guia de
Remessa Nº

QUARTA 5ª Feira

Factura nº

Produto	Código	Nº de unidades	Peso atribuído	Peso a entregar	Observações
Leite (Magro/Gordo)	09 10 0	41	43		
Arroz	11 90 0		20		✓
Açúcar	19 00 0		13		✓
Farinha	10 00 0		10		✓
Legumin.Enlt	21 50 0		4		
Charc.Enlt.	23 60 0		6		
Cons.Peixe	22 00 0		5		✓
Legumin. Secas	12 50 0		5		✓
Óleo	17 30 0	12	12		
Azeite CEE	17 50 0	4	6		✓
Massas	11 00 0		30		✓
Bolos	01 30 0		6		✓

Total produtos básicos

158

Leite em pó CEE	09 60 9		16		✓
Chocolates	06 00 0		3		✓
Refrigerantes	28 10 0		105		✓
Molhos diversos	14 40 0		3		✓
confeitaria	07 00 0		3		✓
Gelatina	08 00 0		4		✓
Massinha	11 40 0		-9	5	✓
Leite com	09 70 0		10		✓
Maionese	14 10 0		7		

Total outros produtos

159

Total atribuído

317

(a) Total a entregar

Peso total na balança

378

Tara

61

Peso Líquido

317

Box(s) feita(s) por ISABEL / D.ª ADELYNE Nº de Boxes 1

Box(s) conferida(s) por Alexandre Data 19/3/97

Produtos especiais	Código	Peso a entregar
LEITE CONDENSADO		4
PURÉ BATATA		3
GELATINAS		4

Total produtos especiais (b)

11

Peso total entregue (a+b)

328

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar	Recebido por	
Entregue por	Alexandre	Conductor	ISABEL MARTINS
Matricula		Data	19/3/97
Introduzido no Computador			

Para: D. Isabel

FAX 079.79638

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1 - Av. de Ceuta, 1300 LISBOA - Tel: 364 91 55 / F: 362 24 42

GUIA DE SAÍDA

ABRIL DE 1997

Instituição Destinatária: Código 18

Assoc. de Protecção à Infância da Ajuda

QUARTA 5ª Feira

Data

ula de

essa Nº

atura nº

1862

10172

Produto	Código	Nº de unidades	Peso atribuído	Peso a entregar	Observações
Leite (Magro/Gordo)	09 10 0	34	36	✓	
Arroz	11 90 0		21	✓	
Açúcar	19 00 0		4	✓	
Farinha	10 00 0		10	✓	
Legumin.Entl	21 50 0		5	✓	
Charc.Entl.	23 60 0		6	✓	
Cons.Peixe	22 00 0		5	✓	
Legumin. Secas	12 50 0		5	✓	
Óleo	17 30 0	14	13	✓	
Azeite	17 50 0	5	6	✓	
Massas	11 00 0		32	✓	
Bolachas	02 00 0		5	✓	
Total produtos básicos			159		
Leite em pó CEE	09 60 9		29	✓	
Chocolates	05 00 0		9	✓	
Refrigerantes	28 10 0		113	✓	
Molhos diversos Mayones	02 20 0		5	✓	
Doces Bolos	02 20 0		3	✓	
Doces e geleias	20 00 0		5	✓	
Pickles	21 70 0		3	✓	
Hamburguers	23 30 0		4	✓	
0	0		0	✓	
Total outros produtos			171		
Total atribuído			329		
Peso total na balança				380	
Tara				50	
Peso Líquido				330	
Box(s) feita(s) por	INSTITUIÇÃO		Nº de Boxes	150X	
Box(s) conferida(s) por	Alexandre		Data	18/4/97	
Produtos especiais	Código		Peso a entregar		
PAV			14		gelatina - 2 kg
Produtos especiais (b)			35		
Troceta (a+b)			366	✓	

Nota acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

ações do Banco Alimentar

Recebido por

Condutor

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME
Estação de C.P. Alcândara-Terra, Armazém 1 - Av. de Ceuta, 1300 LISBOA - Tel: 384 65 55 / 382 24 42

GUIA DE SAÍDA

22/5/97
MAIO DE 1997

Instituição Destinatária: Codigo 18

CABAZES

Assoc. de Protecção à Infância da Ajuda

Recebo de
Nº 02465

QUARTA 5ª Feira

Factura nº 10775

Produto	Código	Nº de unidades	Peso atribuído	Peso a entregar	Observações
Leite (Magro/Gordo)	09 10 0	35	36	✓	
Arroz	11 90 0		31	✓	
Açúcar	19 00 0		4	✓	
Farinha	10 00 0		8	✓	
Legumin. Enlt	21 50 0		5	✓	
Charc. Enlt.	23 60 0		7	✓	
Cons. Peixe	22 00 0		5	✓	
Legumin. Secas	12 50 0		5	✓	
Óleo	17 30 0	14	3	✓	
Azeite	17 50 0	5	6	✓	
Massas	11 00 0		5	✓	
Broas / Bolachas	01 30 0		10	✓	
Total produtos básicos			157		
Leite em pó CEE	09 60 9		35	✓	
Chocolates	06 00 0		5	✓	
Refrigerantes	28 10 0		101	✓	
Molho tomate	14 50 0		4	✓	
Doces e geleias	20 00 0		9	✓	
Gelatina	08 00 0		5	✓	
Sobremesas prontas	08 40 0		3	✓	
Leite condensado	09 30 0		4	✓	4.200
Maionese	14 10 0		4	✓	
Total outros produtos			209		
Total atribuído			365		(a) Total a entregar
Peso total na balança				419	
Tara				54	
Peso Líquido				365	
Box(s) feita(s) por	ISABEL	Nº de Boxes		BOX	
Box(s) conferida(s) por	Alexandre	Data	22/5/97		
Produtos especiais	Código			Peso a entregar	
BANANAS				88	
COQUE FIOR				33	
Total produtos especiais (b)				121	
Peso total entregue (a)				426	486.2
A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar					
Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar				
Entregue por	Alexandre		Recebido por	Valter Martins	
Matrícula			Conductor		
Introduzido no Computador	C. Leal		Data	22/5/97	

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1 Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442	BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME Cont. nº 502 671 885 Estação C. P. Alcântara-Terra Armazém 1 - Av. de Ceuta
--	---

GUIA DE SAIDA	Produtos Especiais
----------------------	---------------------------

Instituição Destinatária : <i>Ass. de Protecção e Infância de Ajuda</i>

Produto	Código	Peso atribuido	Peso a entregar
<i>Leite (resca)</i>		<i>6</i>	<i>✓</i>
<i>Infante</i>		<i>7</i>	<i>✓</i>
<i>Alubora</i>		<i>17</i>	<i>✓</i>
<i>Pão</i>		<i>5</i>	<i>✓</i>
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	<i>Alma</i>	Recebido por	<i>Yvel Martins</i>
Matrícula	<i>BF-38-37</i>	Condutor	<i>Yvel Martins</i>
Introduzido no Computador		Data	<i>30/10/96</i>

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME
 Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1
 Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME
 Cont. nº 502 671 858
 Estação C. P. Alcântara-Terra
 Armazém 1 - Av. de Ceuta

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária :

A P I A

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
Tomate		8 cx	
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Lena	Recebido por	[Assinatura]
Matrícula BF-38-37		Condutor	[Assinatura]
Introduzido no Computador		Data	26/11/04

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME
 Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1
 Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária :

ASS. Protecção Infância Agudé

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
Bledine		128	
Leite PA Beb.		56	
Suco		100	
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alvaredo	Recebido por	[Assinatura]
Matrícula		Condutor	Isabel Martins
Introduzido no Computador		Data	26/11/06

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária:

INF. DA AJUDA

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
PERAS			5 ca
YOGURTES			37
WLG. CONG			16
CONFE			7
SUMOS			1
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alexandre	Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	3/1/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária:

Assoc. Protecção à Infância de Angola

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
Macas		6	4
Kiwis		92	737
dos-gang		4	11
Gelados		26	6
Pizzas		17	18
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por		Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária:

ASS. PROT. INFANCIA AJUDA

Produto	Código	Peso atribuido	Peso a entregar
WIS		14	36 ✓
PERAS			4 Cx ✓
ULAS			77 Kp
CARNE			74 ✓
COUVE Flor			8 Kp ✓
Total produtos especiais	Bolos -	22 ✓ PAU -	13 ✓

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alexandre	Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	12/2/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária:

ASS. PROT. INFANCIA AJUDA

18

Produto	Código	Peso atribuido	Peso a entregar
ULAS			26
CARNE			27
WIS		31	45 ✓
BOLACHAS			36
TOSTAS			822 ✓
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alexandre	Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	7/2/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária:

AJUDA

Produto	Código	Peso atribuido	Peso a entregar
MACÃS			8 Gx
PIZAS			15 kg
HAMB.			58 kg ✓
GELADOS			34 ✓
DOÇAS		31	31 ✓
Total produtos especiais	AGUA		4 kg

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alexandre	Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	7/3/97

(27)

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária:

AJUDA

Produto	Código	Peso atribuido	Peso a entregar
GELADOS		22 + 65	87 ✓
FRANGOS		14 + 40	54 ✓
PIZAS		2 + 3	13
PEIXE		2 + 4	15
PAV			
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alexandre	Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	21/12/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária: 18 - Assoc. de Protecção e Infância de Ajuda

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
Fruta			10x
Hamburgueses			4 kg
Cervejas			216 ✓
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alex	Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	21/3/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária: ASS. PROT. INF. AJUDA

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
CHAM. NATAS			20
HAMB.			6
P/IAS			26
			2
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alexandra	Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	14/3/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária :

ASS. PROT. INF. AJUDA

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
GELADOS			12
DOCE			200
MANTEIGA			1 LX
BOLACHA			
LEITE LFE			
Total produtos especiais	GELADOS 59		

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar PIRAS-32

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alexandre	Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	21/4/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária :

ASS. PROT. AJUDA

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
LEITE LFE		90	90
GELADOS		90	
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alexandre	Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	14/5/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária:

Associação à Suprência da Ajuda

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
MAÇÃS			6
MANTEIGA			4
SUMOS			10 TAB.
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alex	Recebido por	
Matricula		Conductor	
Introduzido no Computador		Data	4/4/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA

Produtos Especiais

Instituição Destinatária:

ASS. PROT. AJUDA

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
416. UMCEBA			527 88
PAO			5
GELADOS			13
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alexandre	Recebido por	
Matricula		Conductor	
Introduzido no Computador		Data	30/4/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME			
Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1			
Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442			

GUIA DE SAÍDA	Produtos Especiais
---------------	--------------------

Instituição Destinatária :	ASS. PROTEÇÃO AJUDA
----------------------------	---------------------

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
FEIJÃO			2kg + 1kg
FRANGOS			1kg + 1kg
GELADOS			10 kg = 5kg
MAÇÃS REINETA	MAÇÃ LENA		1kg
MAÇÃS GOLDEN			29 kg
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alexandra	Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	3/6/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME			
Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1			
Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442			

GUIA DE SAÍDA	Produtos Especiais
---------------	--------------------

Instituição Destinatária :	ASS. PROT. INF. AJUDA
----------------------------	-----------------------

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
PERU			1x 15 ✓
FEIJÃO			5 ✓
DOGOTES			6
KIWIS			21
TO MATE		27 kg	27 kg
Total produtos especiais		BATATAS	13

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alexandra	Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	25/6/97

(20)

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA**Produtos Especiais**

Instituição Destinatária:

ASS. PROT. INF. AJUDA

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
PERAS		44 ✓	33 kg ✓
GERADOS			4 " ✓
P.P. COZ.			25 " ✓
TOMATE		28 ✓	26 " ✓
PIÃO CONG.			8 kg ✓
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alsi	Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	2/7/97

BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME

Estação da C.P. Alcântara-Terra, Armazém 1

Av. de Ceuta, 1300 Lisboa - Tel: 3649655/ fax: 3622442

GUIA DE SAÍDA**Produtos Especiais**

Instituição Destinatária:

(18) A PIA

Produto	Código	Peso atribuído	Peso a entregar
DOGUITES			2 TAB.
SALGADOS		13 kg	2 kg
MARGARINA			1 kg
Total produtos especiais			

A mercadoria acima indicada é uma oferta do Banco Alimentar

Local de Carga	Instalações do Banco Alimentar		
Entregue por	Alex	Recebido por	
Matrícula		Condutor	
Introduzido no Computador		Data	16-7-97

RELATÓRIO DAS ACTIVIDADES DO BANCO ALIMENTAR CONTRA A FOME DE LISBOA EM 1997

A Direcção do Banco Alimentar vem com muito gosto dar conta das actividades desenvolvidas e dos resultados conseguidos em 1997. Mas antes de mais quer assinalar que estes resultados só foram possíveis graças a uma enorme e discreta conjugação de esforços, principalmente:

das Empresas, outras Entidades e muitos milhares de Pessoas que generosamente contribuíram oferecendo alimentos, serviços ou donativos em dinheiro,

dos Voluntários que tão desinteressadamente colaboraram com o seu trabalho

e **das Instituições de Solidariedade Social** a quem são entregues os alimentos e executam com exemplar abnegação a insubstituível tarefa de os distribuir aos mais necessitados.

I. O ÂMBITO DE ACÇÃO DOS BANCOS ALIMENTARES

Considerando a triste realidade da enorme extensão do flagelo da pobreza em todo o mundo, o passado dia 17 de Outubro de 1997 foi celebrado internacionalmente, e também entre nós, como o "Dia Internacional Para a Erradicação da Pobreza". E da mesma feita as Nações Unidas inscreveram no seu programa o período 1997-2006 como sendo a "1ª Década para a Eliminação da Pobreza".

A pobreza em Portugal afecta ainda uma alta percentagem da população. Segundo as últimas estatísticas disponíveis, publicadas em Dez. 96 pelo Ministério Para a Qualificação e o Emprego, a "taxa de pobreza" no nosso país é de perto de 20% da população - cerca de 2 milhões de pessoas. E um número superior a 4.5% vive em situação de "grande pobreza". Ou seja, em Portugal mais de 450.000 pessoas - e na área da grande Lisboa, campo de acção deste Banco Alimentar, mais de 90.000 - não têm garantida de forma persistente e satisfatória nenhuma das suas necessidades básicas (alimentação, vestuário, habitação, consumos essenciais, saúde...).

Sabemos pois que aqui ao nosso lado **muitas dezenas de milhares de pessoas têm fome todos os dias, hoje, amanhã...** Para essas, infelizmente ainda só para uma parte dessas, os Bancos Alimentares encaminham as ofertas de alimentos que lhes são remetidas e os excedentes de produtos a que têm acesso e que de outra forma seriam destruídos. É assim que aqui em Lisboa **ajudamos a atenuar a fome das 32.800 pessoas** que estão a ser assistidas através deste Banco Alimentar.

É este o âmbito da nossa acção.

Outros Bancos Alimentares fazem o mesmo no Porto, em S. Miguel, em Évora, e em Coimbra.



Todos os custos deste relatório
foram cobertos pelas empresas:
Ars Design: Design
C.S.S.: Fotolitos
Tipografia Jerónimus: Impressão
Inapa: Papel

2. A EVOLUÇÃO DESDE O INÍCIO

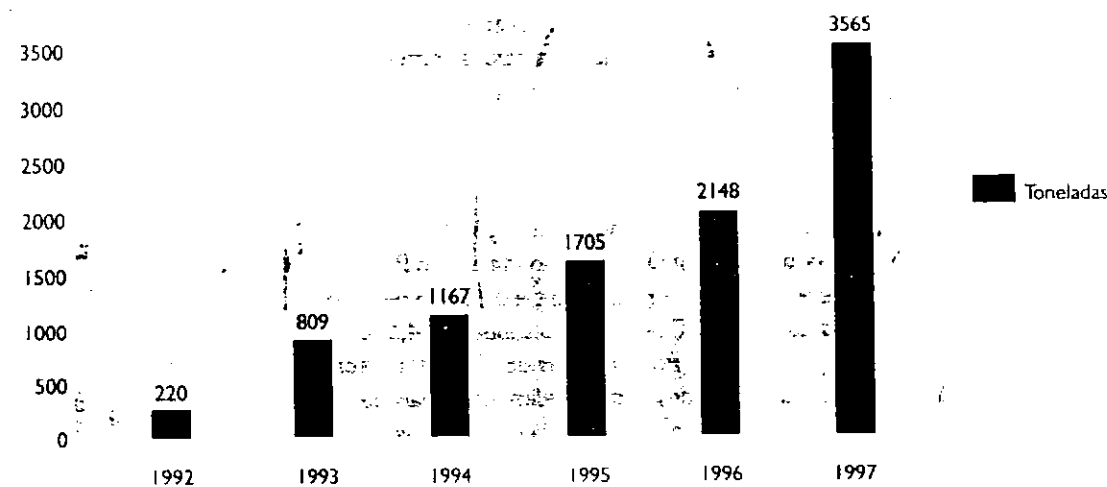
Em 1992, primeiro ano de actividade, o BA de Lisboa movimentou 220 toneladas de produtos alimentares.

No ano que terminou foram recebidas e distribuídas 3.565 toneladas: 14 por dia útil. Relativamente a 1996 foi um acréscimo de 66%.

O grande aumento de tonelagem verificado tornou possível reforçar as dotações mensais às Instituições já assistidas, bem como aumentar o número destas e dos beneficiários. Assim, entre Dez. 96 e Dez. 97, o número de Instituições apoiadas com acordo assinado aumentou de 107 para 123 e o número de pessoas assistidas de 27.000 para 32.800.

Para além disso muitas vezes ao longo do ano foram entregues às Instituições em lista de espera apreciáveis quantidades de produtos perecíveis ou recebidos em grandes quantidades (fruta, iogurtes, gelados, refrigerantes, etc.).

Recordando a evolução desde o início, o movimento de produtos foi o seguinte:



3. OS PRODUTOS RECEBIDOS EM 1997 E A SUA PROVENIÊNCIA

Os principais produtos recebidos em 1997, comparados com os do ano anterior, foram os seguintes:

Produtos	Toneladas	
	em 1997	em 1996
Refrigerantes	867,0	285,4
Fruta fresca	403,4	245,9
Arroz e massas	321,3	229,7
Leite	305,3	292,5
Leite em pó (162,1ton x 11 = 1 7783.100 litros de leite)	162,1	49,5
Compotas, doces e sobremesas	183,3	84,3
Iogurte, queijo e ovos	171,0	150,2
Bolachas e tostas	154,4	192,1
Margarina, manteiga, óleo e azeite	126,1	66,1
Carne congelada	124,1	30,0
Tomate, batata e legumes frescos	123,8	78,3
Gelados	98,7	43,7
Açúcar e adoçantes	83,7	58,8
Leguminosas enlatadas e secas	79,1	47,0
Farinha e purés	55,3	42,2
Charcutaria enlatada	35,7	22,3
Pratos pré-cozinhados congelados	34,0	26,4
Conservas de peixe	29,9	13,3
Peixe congelado	11,7	27,0
Produtos de higiene	11,3	19,9
Comida para bebés	9,5	27,3
Outros produtos	175,2	116,2
TOTAIS	3.565,9	2.148,1

Estes produtos tiveram as seguintes proveniências principais:

Proveniência	Toneladas	% relativa
1. Empresas do ramo alimentar	1.882,5	52,8
2. Campanhas em supermercados	560,6	15,7
3. Excedentes comunitários - CEE	444,5	12,5
4. INGA - retiradas da agricultura	338,9	9,5
5. Insp. Ger. das Act. Económicas, Associação D. Pedro V. Dir. Ger. de Fisc. e Controlo de Qualidade Alimentar, Feira "Alimentária", Escolas e Universidades, particulares e outras origens	339,4	9,5
TOTAIS	3.565,9	100,0

Alguns comentários sobre as origens com maior volume:

AS EMPRESAS DO RAMO ALIMENTAR

No anexo I deste relatório apresentamos a lista das principais Empresas do ramo alimentar e outras Entidades que nos remeteram produtos ao longo do ano.

Foram 121 as Empresas que em 1997 enviaram géneros. 27 fizeram-no este ano pela 1ª vez e 94 já o vinham fazendo de anos anteriores. É de registar que, destas últimas, 13 Empresas vêm "alimentando esta ideia" já desde há 5 anos, sem interrupção! Prestam todas elas uma generosa e inestimável colaboração.

AS GRANDES CAMPANHAS EM SUPERMERCADOS

Foram realizadas como habitualmente duas grandes Campanhas de Recolha de Alimentos nos Supermercados da área da grande Lisboa e Setúbal:

A 1ª foi realizada nos dias 3 e 4 de Maio em 69 lojas. Foram recolhidas 216,8 ton. de produtos alimentares oferecidos, segundo os nossos cálculos, por cerca de 85.000 pessoas.

A 2ª decorreu nos dias 6 e 7 de Dezembro último. O BA esteve presente em 74 lojas, tendo sido recolhido um total de 335,8 toneladas.

Verificamos com a maior alegria a crescente adesão do público a estas campanhas, e queremos lembrar aqui todas as pessoas que ao sair dos supermercados com tanta generosidade depositaram o seu saco com alimentos nas mãos dos nossos voluntários. Segundo as nossas estimativas foram cerca de 130.000 as pessoas que o fizeram nos dias 6 e 7 de Dezembro.

O Banco regista também a excelente colaboração recebida de todas as cadeias de supermercados em que esteve presente: **A.C. Santos, Carrefour, Continente, Cooperativa dos Bancários, Europa, Feira Nova, Intermarché, Jumbo, Lidl, Monumental, Pão de Açúcar, Pingo Doce, Polisuper, Saco, Saloio, Super G e Suportel.**

Mais de mil voluntários deram vida a cada uma destas Campanhas. Para muitos, incluindo os que não estavam à vista, é uma tarefa estafante. Aqui deixamos bem patente uma grande admiração por todos eles.

OS EXCEDENTES COMUNITÁRIOS

No prosseguimento da frutuosa colaboração iniciada há já 5 anos com o Ministério da Segurança Social no âmbito do Programa de Distribuição de Excedentes Comunitários a Carenciados referente a 1997, foram atribuídos ao Banco Alimentar de Lisboa os seguintes produtos:

Sobremesas lácteas.....	89,0 ton
Leite em pó.....	77,0 ton
Manteiga e queijo.....	58,8 ton
Massa.....	22,3 ton
Bolachas.....	9,7 ton

perfazendo um total de 256,8 toneladas de produtos que serão distribuídos escalonadamente ao longo dos próximos meses às Instituições assistidas pelo BA (tendo em conta os produtos entrados em Jan.97 mas referentes ao programa de 96, o total recebido foi 444,5 ton. como indicado atrás).

O INGA - INSTITUTO NACIONAL DE GARANTIA AGRÍCOLA

Ao longo de todo o ano de 1997, recolhemos em diversas cooperativas agrícolas frutas e legumes frescos colocados à disposição do BA em consequência da intervenção do INGA. Recorrendo a camiões fretados, cujo custo foi parcialmente reembolsado pelo próprio INGA, foram realizados 54 levantamentos tendo sido aproveitadas 339 toneladas de produtos distribuídos de imediato às Instituições beneficiárias.

4. A DISTRIBUIÇÃO ÀS INSTITUIÇÕES APOIADAS

O Banco Alimentar Contra a Fome de Lisboa alcança a população com carências alimentares da zona da grande Lisboa através de outras Instituições de Solidariedade Social. Estas devem respeitar determinadas normas previamente estabelecidas, constantes de um acordo escrito que celebram com o Banco Alimentar.

A selecção das Instituições entra em conta com vários factores relacionados nomeadamente com o grau de carência dos beneficiários, com a zona em que se situam e ainda com o efectivo conhecimento que demonstrem ter das pessoas apoiadas, comprovado pela exigência que lhes fazemos da elaboração de listas nominativas e da realização de visitas domiciliárias.

O objectivo é assegurar uma distribuição tão adequada quanto possível dos produtos doados ao BA.

O tipo de distribuição destes produtos pelas várias Instituições seleccionadas varia consoante a natureza do apoio que estas asseguram (refeições confeccionadas ou cabazes distribuídos às famílias) e dos grupos de pessoas que apoiam (crianças, adultos, idosos). Procura-se assim ir ao encontro das necessidades efectivas dos beneficiários.

Actualmente são 123 as Instituições apoiadas pelo Banco Alimentar com acordo assinado, cobrindo um total de 32.800 beneficiários.

Equipas de voluntários integradas na Comissão de Distribuição efectuam visitas regulares "in loco" às Instituições a seleccionar e às já apoiadas. Através dessas visitas, completadas sempre com um relatório escrito, estas equipas asseguram o trabalho de pesquisa e avaliação a umas e de acompanhamento e conselho a outras, garantindo um contacto efectivo com todas elas.

A criteriosa selecção e o posterior contacto estreito com as Instituições são, pois, aspectos fulcrais da actividade do BA.

Face ao forte acréscimo das quantidades de produtos recebidos em 1997 foi possível, tal como já mencionado anteriormente, aumentar o número das Instituições apoiadas e, por conseguinte, o de beneficiários, e ainda reforçar as quantidades de produtos entregues a cada uma delas.

Assim:

- passou de 87 para 96 o número de Instituições apoiadas com "ACORDO A" - distribuição mensal de um lote de produtos não perecíveis (leite, arroz, massa, leguminosas, azeite, enlatados, etc.) e distribuições semanais de produtos frescos (fruta e legumes, iogurtes, pão, etc) ou congelados (carne, peixe, gelados, pratos pré-cozinhados, etc) abrangendo um total de 26.900 beneficiários;

- e passou de 20 para 27 o número de Instituições apoiadas com "ACORDO B" - apenas as distribuições semanais de produtos frescos e congelados, abrangendo 5.900 pessoas.

Também como já foi referido, sempre que a quantidade e a natureza dos produtos a distribuir o justificaram foram organizadas distribuições especiais a outras Instituições de Solidariedade Social inscritas em lista de espera. Foram convocadas para este tipo de distribuição 146 Instituições que apoiam cerca de 35.000 pessoas.

No Anexo 2 deste relatório inclui-se a lista das instituições apoiadas regularmente (com acordo assinado).

5. O VOLUNTARIADO

O funcionamento do Banco Alimentar assenta fundamentalmente na disponibilidade, espírito de partilha e boa vontade constantemente demonstrados pelos voluntários que em tão elevado número dão a sua colaboração.

Com o seu trabalho, alegria e solidariedade com os mais carenciados eles permitiram que em 1997 mais de 3.500 ton. de produtos alimentares tivessem sido angariadas, recebidas, registadas e entregues em devido tempo.

No BA trabalham apenas cinco pessoas remuneradas que a par de serviços indispensáveis asseguram também uma ligação eficaz e continua entre todos os voluntários, garantindo a eficiência que se requiere em funções desta natureza, em que quantidade, controle de qualidade e prazos de validade são elementos preponderantes.

Os cerca de 1 500 voluntários distribuem-se pelas áreas seguintes:

- Campanhas anuais e semanais em Supermercados
- Trabalhos de armazém
- Funções administrativas e de escritório
- Equipas de acompanhamento e visita às Instituições beneficiárias
- Órgãos Sociais - mesa da Assembleia Geral, Conselho Fiscal e Direcção

Não queremos deixar de destacar, por um lado, a elevada percentagem de gente nova e, por outro, todos os voluntários que comparecem com grande assiduidade, em especial os que diariamente asseguram a regularidade no funcionamento de todas as secções, contribuindo de modo decisivo para a obtenção dos resultados apresentados neste relatório.

6. AS DESPESAS DE FUNCIONAMENTO

Em 1997 as despesas correntes de funcionamento deste Banco Alimentar totalizaram 47.345 contos. Discriminamos abaixo os valores em contos das principais rubricas, comparados com os de 1996:

Tipo de despesa	1997	1996
Remuneração e respectivos encargos sociais	15.014	13.095
Transportes e combustíveis (recolha de alimentos)	8.355	7.051
Despesas com divulgação e angariação de donativos (Mailings, etc...)	7.530	10.544
Materiais de armazém	3.877	2.304
Despesas com Campanhas em Supermercados	3.872	5.083
Conservação e reparações	2.776	2.536
Electricidade e água	2.119	946
Telefones e correio	1.395	1.762
Material de escritório e limpeza	1.114	826
Deslocações e despesas com Voluntários	452	1494
Outras despesas e encargos diversos	841	752
TOTAIS	47.345	45.393

Calculando-se em cerca de 1.030.000 contos o valor das 3.565 toneladas de produtos movimentados (aos menores preços de venda nas grandes superfícies), verifica-se um índice de custo de funcionamento de 4,6% (47.345/1.030.000). Estes encargos foram integralmente cobertos pelos donativos em dinheiro recebidos de Benfeitores - particulares e empresas - a quem o "Banco", em nome dos carenciados que ajuda, uma vez mais agradece.

O orçamento e as contas anuais do BA foram verificados pelo Conselho Fiscal, pelo Ministério da Segurança Social e aprovados em Assembleia Geral.

7. O APOIO DAS EMPRESAS QUE OFERECERAM SERVIÇOS

O trabalho desenvolvido pelo Banco Alimentar não seria possível sem a enorme congregação de esforços e boas vontades que no início se referiu. Para além de todos os que contribuem com o trabalho voluntário, com os donativos em dinheiro e com o envio de produtos alimentares (estes últimos referidos no anexo I), há a registar a valiosa colaboração das muitas Empresas que ao longo do ano prestam gratuitamente os seus serviços, das que oferecem materiais e equipamentos e ainda dos Órgãos de Comunicação Social que com tanta generosidade divulgam as actividades desenvolvidas.

Não sendo possível referir todas elas, queremos nomear particularmente as que nos vêm dando o seu valioso apoio com regularidade:

Instalações	C.P.
Armazenagem	Manutenção Militar
Câmaras de congelação	Doca Pesca
Comunicação Social - Imprensa	Jornais: A Bola, A Capital, Comércio de Viveres, Correio da Manhã, Diário Económico, Forum Estudante, da Região, Diário de Notícias, Expresso, Independente, Público, Record, Semanário, Semanário Económico.
	Revistas: Alimentar, Caras, Christus, Distribuição Hoje, Guia Prático do Franchising, Logística Hoje, Pais e Filhos, Super Market.
Comunicação Social - Rádio	Cidade, Club de Cascais, Comercial, Miramar, Paris-Lisboa, RDP, Renascença, TSF.
Comunicação Social - TV	RTP canal 1 e canal 2, SIC, TVI
Contabilidade	Conta Mais
Controle de qualidade dos géneros	Alicontrol
Correios	CTT
Projectos	RRJ - Arquitectos
Embalagens	Tetrapak
Equipamentos	Fluxograma, Fagor, Promec
Impressão e Artes Gráficas	Tipografia Jerónimus
Fotolitos	C.S.S.
Informação	Memorandum, Telepac
Material de escritório	Papelaria Fernandes, Soporcel
Informática	Proológica, Clepsidra, Microsoft
Promoções e Marketing	Nomimarketing, Imago
Publicidade e Design	Abrinício, Ars Design
Relações laborais	Coutinho, Neto e D'Orey
Seguros	Cia. de Seguros Império
Transportes	Avis, BA&N, Delphi, Europcar, Merloni, Transporta, Quinta Roda, Soc. Hispânica de Automóveis, Trinense
Contribuições especiais	Banco de Portugal, C.P., Gesparte, Jerónimo Martins, SIC, Unicre

A todos o Banco Alimentar Contra a Fome renova os seus agradecimentos.

8. NOTÍCIAS DIVERSAS

Reunião anual da Federação Europeia de Bancos Alimentares - Teve lugar em Paris nos dias 29 e 30 de Maio de 1997. Como habitualmente, a convite da própria Federação que suportou todos os encargos de viagem e estadia, compareceu a esta reunião um membro da nossa Direcção. Tem sido de grande importância acompanhar a evolução dos outros BA, tirando-se dessas experiências muitos ensinamentos. Estiveram representados: Bélgica, Espanha, França, Grécia, Irlanda, Itália, Polónia, Portugal, Reino Unido e República Checa.

Em 31.12.96, havia nestes 10 países 121 Bancos Alimentares em funcionamento que, no seu conjunto, distribuíram 67.657 toneladas de produtos alimentares a 1.416.000 beneficiários carenciados, através de 7.980 Instituições de Solidariedade Social.

Os Bancos Alimentares em Portugal - Novos Bancos iniciaram as suas actividades em 1997. Em Maio o de Évora. Em Dezembro o de Coimbra. Assim, estão agora em funcionamento cinco BA's em Portugal, que tiveram o seguinte movimento:

- Lisboa	3.565 ton
- Porto	1.815 ton
- S. Miguel	120 ton
- Évora	71 ton
- Coimbra	38 ton

num total de 5.609 ton. que, através de 397 Instituições, beneficiaram de forma regular cerca de 56.500 pessoas carenciadas.

Federação Portuguesa de Bancos Alimentares - Face ao número crescente de Bancos Alimentares, a Federação torna-se absolutamente necessária para tratar com uniformidade assuntos que pela sua natureza devem ser resolvidos em conjunto. Prosseguiram em 1997 as diligências nesse sentido prevendo-se que no início de 1998 esteja constituída a Federação.

Conferências no Banco Alimentar de Lisboa - No âmbito das acções de formação que este BA se propôs levar a cabo realizaram-se duas conferências. A 1ª teve lugar no mês de Abril subordinada ao tema "A Pobreza em Lisboa" e foi proferida pelo Engº Alfredo Bruto da Costa. A segunda, no mês de Junho, esteve a cargo do Dr. Acácio Catarino com o tema "Solidariedade e Voluntariado". Nestas conferências, que despertaram o maior interesse, participaram membros das Instituições beneficiárias, Técnicas de Serviço Social que colaboram com o Banco Alimentar e ainda muitos voluntários.

Ajuda pontual às vítimas das cheias no Alentejo - Numa acção com carácter excepcional, mas que se afigurou plenamente justificada, foram enviadas 5 toneladas de produtos alimentares como socorro imediato às vítimas daquela calamidade.

Obras nos armazéns - Em Abril 97 foi instalada uma nova câmara frigorífica para conservação de congelados com uma capacidade de 95 m3 (a 18-26º neg.) que se tornava absolutamente indispensável face ao crescente volume de produtos congelados recebidos. Em Setembro ficaram concluídas as obras de recuperação e adaptação do armazém que adicionalmente nos foi cedido pela C.P., junto à Estação de Alcântara Terra. Subsidiando estas obras o Comissariado da Luta Contra a Pobreza deu um importante apoio a esta Instituição, facto que temos o maior gosto em deixar aqui registado.

Lisboa, 30 de Janeiro de 1998

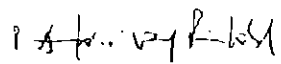
A Direcção



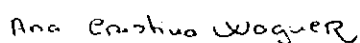
José Vaz Pinto



José Mardel Correia



Pe. António Vaz Pinto



Ana Cristina Wagner



Maria Isabel Parreira Jones

ANEXO I

ENTIDADES QUE OFERECERAM PRODUTOS ALIMENTARES EM 1997

I. Empresas

AG. PROD. QUEIJO AZEITÃO	FÁBRICAS LUSITANA	MATUTANO
ALCÂNTARA REFINARIAS	FIMA	MCCAIN
ALTER	FRICARNES	MEPHA
ANJOPOR	FRIGOFRIL	MINI PREÇO (ALGÉS)
APIBOLOS	FRIGOS CENTRO	MINI PREÇO (B. SAL.)
ARDISLOGIS	FRILOPES	MINI PREÇO (C. OURIQUE)
ATLANTIC COMPANY	FRISER	MODIS
BCP - NOVA REDE	FRUTINHOS	NACIONAL
BIMBO	FRUTOGAL	NOVARTIS
BOGAL (CUETARA)	GELBOLO	NUTRINVESTE
BRINIVEX	GERFIL	O SACO
CAMPOFRIO	GRAL	OLEOCOM
CARREFOUR	GRULA	PACIS
CENTRAL CERVEJAS	HENKELIBÉRIA	PADARIA ALIANÇA
CERES	HERD. MACHOQ. DO GROU	PANEGARA
CHAVIBOM	IAAS, LDA	PANICONGELADOS
CHURR. FRANGOS DO REI	IBERCONSA	PANRICO
COMPAL	IGLO	PÃO DE AÇÚCAR (AMOREIRAS)
CONF. AJUDA	IMEGUE	PARMALAT
CONTINENTE - C.C. COLOMBO	IND. ALIMENTAR IDAL	PAST. CALIFA
COOP. AGRIC. LOURES	IR. PLANAS ALMASQUE	PAST. ERBOM
CORESA	JERÓNIMO MARTINS	PAST. HERCULANO
CRIVÁRIOS	JOÃO JOSÉ C. MARTINS	PESCANOVA
DANCAKE	KIWI SOL	PINGO DOCE (AZAMB.)
DANONE	KNORR	PINGO DOCE ALCÂNTARA
DIA PORTUGAL SUPERM.	KRAFT JACOBS SUCHARD	PINHEIRO M. SALGADO
DIAS E VEIGA	LACTOGAL	PLANCO
DIGIDELTA	LIDL & CIA	QUEIJO FORLASA
EFFEM DE PORTUGAL	LUSIFAR	RAMAZOTTI
ELECTROLIBER	LUZ E FROES	REFRIGOR
ERU PORT.	MAC DONALD'S	ROSA Mª. SOARES MARTINS
ESCOLARTE	MAÇARICO	ROYAL BRANDS PORTUGAL
ESCOM	MANUEL RODRIGUES E F.	SALGADUS
EUROBATATA	MANUEL SILVA MARQUES	SALUDÃES
EUROCARNES	MANDARIM	SCHWEPPLS
EUROHORTA	MARTINS E SANTOS	SICASAL

SOC. CAFÉ BELEAROMA
SOGENAVE
SUMA
SUMOLIS
SUPER DESCONTO
SUPER. SANCHITA
TORONTO BURGER KING
TRICOS
TRIUNFO
UNICARO
UNISELF
VARINPORTA
VIDAGO, MELAÇO E P. SALGADO
VIGOR

**2. Outras Empresas
e Entidades**

ACACSA
ALIMENTÁRIA
ARTUR ANDERSEN
ASSOC. INT. KRISHNA
ASSOCIAÇÃO D. PEDRO V
C. C. ALVITO
CAPELINHA TERRAMOTOS
CASA DA COMIDA
COMUNIDADE INDU
D. G. FISCALIZAÇÃO CONT. ALIM.
ESCUTEIROS PORT. - QUELUZ
ESTALAGEM N. S. DA GUIA
EXCEDENTES COMUNIT. - DGAS
FILMES TEJO
FUNDAÇÃO BELMIRO DE AZEVEDO
G. CATEQUESE MIRAFLORES
HOTEL ALBATROZ

HOTEL ATLÂNTICO
HOTEL BAÍA
HOTEL CIDADELA
HOTEL DA LAPA
HOTEL INGLATERRA
HOTEL LISBOA PLAZA
HOTEL PALÁCIO
HOTEL VILAGE
INGA
INSP. GERAL ACTIV. ECONÓMICAS
JUNTA DE FREG. CARNIDE
MIGUEL E. COSTA - FOTÓGRAFO
PÁTIO ALFACINHA
PREV. RODOVIÁRIA PORT.
QUINTA DA MARINHA
S. C. M. SESIMBRA
VILLARINHO E SOBRINHOS, A

EXTER. ABSE
EXTERN. Nº 4 CARNIDE
INST. ESPANHOL
INST. NOVAS PROFISSÕES
INST. SUP. TÉCNICO
PUPILOS DO EXÉRCITO
UNIV. CATÓLICA
UNIV. INTERNACIONAL
UNIV. LUSÍADA
UNIV. NOVA

**3. Estabelecimentos
de Ensino**

ASS. EST. FACULDADE FARMÁCIA
COL. IRMÃS DOROTEIAS
ESC. BAS. CORROIOS
ESC. BELAS ARTES
ESC. Nº 123 POMBAIS
ESC. Nº 4 PORTELA
ESC. SALESIANA ESTORIL
ESC. SEC. CARNAXIDE
ESC. SEC. D. PEDRO V
ESC. SEC. FERREIRA BORGES
ESC. SEC. MONTE ABRAÃO QUELUZ
ESC. STUART CARVALHAIS
ESC. SUPERIOR EDUCAÇÃO

ANEXO 2

INSTITUIÇÕES BENEFICIÁRIAS

A.T.L da Galiza	C. S. P. São Félix de Chelas
A.I.C Ajuda Irmãos Carenciados	C. S. P. São João de Brito
Ajuda de Mãe	C. S. P. São Maximiliano Kolbe
Assistência Paroquial Santos-o-Velho	C. S. P. São Nicolau
Assoc. Obras Assistenciais das Conferências Femininas	C. S. P. São Paulo
Associação Actividades Sociais Bairro 2 de Maio	C. S. P. São Sebastião da Pedreira
Associação dos Albergues Nocturnos de Lisboa	C. S. P. São Vicente de Fora
Associação Beneficência Casas São Vicente de Paulo	C. S. P. da Charneca das Galinheiras
Associação dos Amigos da Encosta Nascente	C. S. P. de Colares
Associação Guineense de Solidariedade Social	C. S. P. de Santo António de Moscavide
Associação Médica de Gerontologia Social	C. S. P. Nossa Senhora da Fé do Monte Abraão
Associação Moradores do Casal Ventoso	C. S. P. São João Evangelista
Associação Pais e Amigos Deficientes Profundos	C. S. P. São Miguel de Queijas
Associação para o Estudo e Integração Psicossocial - AEIPs	Casa dos Rapazes
Associação Protecção à Infância da Ajuda	Casa Nossa Senhora da Conceição Linho
Associação Vale de Acór	Casa Nossa Srª de Fátima - Instituto Canossiano
Associação Vida Cristã Filadélfia	Centro Assistência Social Infantil da Charneca do Lumiar
C. S. P. Cristo Rei de Algés	Centro Comunitário Paroquial de Carcavelos
C. S. P. da Penha de França	Centro Comunitário Paroquial de Rio de Mouro
C. S. P. de Alcântara	Centro Dr. João dos Santos - Casa da Praia
C. S. P. Mira Sintra	Centro Padre Alves Correia
C. S. P. Nossa Senhora da Conceição - Olivais Sul	Centro Paroquial Bem Estar Social do Castelo de Sesimbra
C. S. P. Nossa Senhora das Mercês	Centro Pastoral Nossa Srª Fátima - Bairro do Fim do Mundo
C. S. P. Nossa Senhora do Amparo de Benfica	Centro Social Bairro 6 de Maio
C. S. P. Nossa Srª Encarnação da Ameixoeira	Centro Social Cultural Sto António dos Cavaleiros
C. S. P. Pontinha	Centro Social da Musgueira
C. S. P. Sagrado Coração de Jesus	Centro Social do Menino de Deus
C. S. P. Santa Catarina	CERCIPÓVOA - Coop. Educação e Reab. Crianças Inadaptadas
C. S. P. Santa Maria de Belém	Comunidade Vida e Paz
C. S. P. Santo António de Campolide	Conferência Vicentina de São Maximiliano Kolbe
C. S. P. São Domingos de Benfica	Conferência Vicentina da Igreja São José

Conferência Vicentina da Buraca
Conferência Vicentina da Imaculada Conceição de Marvila
Conferência Vicentina da Sagrada Família da Pontinha
Conferência Vicentina de Santa Beatriz da Silva
Conferência Vicentina de Nossa Senhora da Salvação
Conferência Vicentina de Nossa Senhora dos Anjos
Conferência Vicentina de Santa Maria dos Olivais
Conferência Vicentina de Santo Agostinho
Conferência Vicentina de Santo António - Forte da Casa
Conferência Vicentina de Santo António - Sacavém - Bobadela
Conferência Vicentina de Santo Eugénio
Conferência Vicentina de São Francisco de Assis
Conferência Vicentina de São João de Brito
Conferência Vicentina de São Pedro de Alverca
Conferência Vicentina de São Romão
Conferência Vicentina de São Vicente Mártir
Conferência Vicentina do Cristo Rei da Portela
Conferência Vicentina do Divino Espírito Santo
Conferência Vicentina do Menino Jesus de Famões
Conferência Vicentina Feminina Nossa Senhora das Dores
Conferência Vicentina Mártir São Vicente de Alcabideche
Conferência Vicentina Masculina Nossa Senhora das Graças
Conferência Vicentina Mista Nª Senhora do Rosário de Fátima
Conferência Vicentina Nossa Senhora das Graças
Conferência Vicentina Nossa Senhora de Fátima de Alvide
Congregação Filhas de Jesus do Bom Pastor
Congregação Servas de Maria Ministra dos Enfermos
Cooperativa de São Pedro para Crianças Inadaptadas
Criaditas dos Pobres
Educação Popular
Iraterna Ajuda Cristã

Fundação Humanitária Maj - Lis em Portugal
Fundação Maria do Carmo Roque Pereira
Fundação Obra Nossa Senhora da Purificação
Fundação Obra Social Dominicanas Irlandesas
Fundo de Apoio às Famílias Necessitadas
Grupo de Acção Social de Sta Marta de Casal de Cambra
Grupo Paroquial de Solidariedade Justiça e Paz
Instituto de Apoio aos Idosos e Reformados de S. Romão
Instituto Reparadoras Missionárias de Santa Face
Irmãs Bom Pastor - Quinta Grande
Irmãs Bom Pastor - Pexiligaís
Irmãs Cottolenguinhas
Irmãs Missionárias do Espírito Santo
Irmãzinhas dos Pobres
Junta de Freguesia do Lumiar
Lar Nossa Senhora da Aparecida
Mesa Nossa Senhora
Missionárias da Caridade de Lisboa
Missionárias da Caridade de Setúbal
O Companheiro
Obra do Ardina
Obra Nacional Pastoral dos Ciganos
Obra Pastoral dos Ciganos
Obra Social Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor
Obra Social Paulo VI
Paróquia dos Prazeres
Projecto Reinserção Social Jovens Mães Sem Abrigo
Serviço Apoio aos Pobres da Paróquia Freguesia das Mercês
Serviço Domiciliário Vicentino Santa Isabel - SEDOVISI
Sociedade Espanhola de Beneficência

15	Flavores	coloca	70.00	FESTA DO X I I AN DE R S A R I O	0.13	1/11/12	OBSE-RVAT-ES
	QUANTIDADES	PREÇO COMPARA	PREÇO VENDA	SODREMS			
1000	270	—	80.00	Alguma			Alguma
20	21 duzias	—	100.00	N 50500			"
20	1 Kg - 50	1 190.00	120.00	N 50500			"
20	1 Kg - 50	1 142.00	120.00	"			"
20	3 1250 B Alimentar	—	120.00	"			"
20	32	B Alimentar	120.00	"			"
20	1	—	80.00	Nat 50500			Alguma quant
20	1	—	80.00	"			"
20	37	—	80.00	"			"
20	32 - 32 facas	B Alimentar	50.00	"			"
20	30 - 37 facas	B Alimentar	50.00	"			"
20	15 facas 200g	B Alimentar	80.00	"			"
20	3	—	80.00	"			"
20	12 ovos	—	80.00	"			"
20	1	—	80.00	"			"
20	1	—	80.00	"			"
20	1	—	80.00	"			"
20	2	—	80.00	"			"
20	30	—	50.00	"			"
20	30	—	50.00	"			"
20	40 pacotes	—	50.00	"			"
20	2	—	80.00	"			"
20	12	2400	3000	Nat 50500			"
20	Alguma + 750	259600 + 48300	5000	"			"
20	24	1000	10000	"			"
20	24	5000	4000	"			"
20	24	B Alimentar	40.00	"			"
20	24	4300	10000	"			"
20	1 Kg 500	2034.00	50.00	"			"

Capítulo I

Da Denominação, Natureza e Fins

- Artigo 1º - A Associação de Protecção à Infância da Ajuda, com a sigla APIA, e sede provisória na Calçada da Ajuda, 33, 35 e 37 na Freguesia da Ajuda, Lisboa, passa a reger-se pelos seguintes estatutos.
- Artigo 2º - A APIA tem por fim perseguir a realização dos seguintes objectivos:
- a/ manter um serviço de protecção à Infância, através do funcionamento de: creche, Jardim Infântil animação de tempos livres para crianças em idade escolar, e outras actividades, com ou sem caracter regular, promovendo o desenvolvimento integral e harmonioso da criança no seu meio sócio-cultural.
 - b/ promover actividades e iniciativas de caracter educativo, social, recreativo e cultural, que possibilitem a aprendizagem colectiva das relações entre os individuos, os grupos sociais e o meio em que vivem, e preencham necessidades e/ou interesses dos sócios ou da comunidade.
- Artigo 3º - A APIA rege-se pelos principios da:
- a/ gestão democrática
 - b/ neutralidade religiosa e partidária.
- Artigo 4º - As actividades da Associação não visam fins lucrativos e destinam-se a população da Freguesia da Ajuda e Zonas limitrofes.
- Artigo 5º - A organização e funcionamento dos diversos sectores de actividade constarão de regulamentos internos elaborados pela Direcção e de acordo com os respectivos utentes e/ou interessados.

Capitulo II

Dos Sócios.

Artigo 6º - A APIA compõe-se de número ilimitado de associados, classificados em 2 categorias:

a/ sócios individuais - podem ser sócios individuais aqueles que, maiores de 18 anos, contribuam de qualquer forma para a promoção dos fins estatutários, deles beneficiam através do funcionamento dos serviços mantidos pela Associação, ou ainda os que aí trabalham.

b/ sócios colectivos - toda o grupo, que representando uma individualidade de interesses, organizado segundo os princípios da neutralidade religiosa e partidária desejam colaborar com a Associação na realização dos seus fins.

Artigo 7º - A qualidade de sócio prova-se pela inscrição no livro respectivo, que a Associação obrigatoriamente possuirá.

Artigo 8º - São direitos dos sócios:

a/ fazer parte da Assembleia Geral

b/ eleger e ser eleito (com excepção dos sócios colectivos) para a mesa da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal.

c/ requerer a convocatória extraordinária da Assembleia Geral, de acordo com as normas consignadas nos presentes estatutos.

d/ solicitar à Direcção o exame da escrita

e/ propor e tomar a iniciativa de criar grupos de trabalho, secções ou outras acções para promover a prossecução dos fins estatutários.

f/ propor à Direcção a admissão de novos sócios (com excepção dos sócios colectivos).

Artigo 9º - Constituem deveres dos sócios:

a/ desempenhar gratuitamente e com zelo os cargos para que for eleito

b/ cumprir os compromissos a que está sujeito bem como as deliberações da Assembleia Geral e da Direcção.

c/ actuar em todas as circunstâncias com o mais firme espirito associativo, e de respeito pelos seus consócios, procurando fortalecer a unidade de todos os associados, e defender intransigentemente os interesses da comunidade.

d/ ter em dia as suas cotas

e/ comparecer às reuniões da Assembleia Geral

Artigo 109 - Os sócios não podem incumbir outrem do exercício dos seus direitos pessoais.

Artigo 119 - Perdem a qualidade de associados todos aqueles que dolosamente tenham prejudicado materialmente a instituição ou concorrido para o seu desprestígio.

Capítulo III

Secção I

Dos Corpos Gerentes da Associação.

Artigo 129 - Constituem os Corpos Gerentes da APIA: a Assembleia Geral, a Direcção e o Conselho Fiscal.

& único: a fim de coadjuvar a Direcção no que respeita à organização e funcionamento pedagógico dos serviços referidos na alínea a/ do artigo 29 do presente estatuto, deverá existir um Conselho Pedagógico.

Artigo 139 - A mesa da Assembleia Geral, a Direcção e o Conselho Fiscal, são eleitos em Assembleia Geral, por voto secreto para mandatos de 2 anos.

Artigo 149 - a/ podem realizar-se eleições parciais quando no decurso do mandato ocorram vagas que, no momento, não excedam a metade menos um do número total dos membros dos Corpos Gerentes,

b/ o tempo do mandato dos membros eleitos nestas condições coincidirá com o dos inicialmente eleitos.

Secção II

Da Assembleia Geral

Artigo 159 - A Assembleia Geral de Socios é o órgão supremo da Associação nela residindo a sua autonomia face a terceiros e a sua soberania face aos associados.

Artigo 169 - A Assembleia Geral é constituída por todos os associados em pleno gozo dos seus direitos.

& Para efeitos de participação na Assembleia Geral, o sócio colectivo deve credenciar um, e um só, seu representante.

Artigo 179 - a/ a Assembleia Geral é dirigida pela respectiva Mesa, constituída por um presidente, um 1º secretário e um 2º secretário.

4
b/ o presidente será substituído nas suas faltas e impedimentos pelo 1º Secretário.

ta página
c/ os secretários serão substituídos nas suas faltas e impedimentos pelos sócios propostos por quem presidir à Assembleia Geral, competendo-lhes lavrar as actas das sessões.

Artigo 18º - Compete à Mesa da Assembleia Geral, orientar e disciplinar os trabalhos da Assembleia, representá-la e, em especial:

a/ decidir sobre os protestos e reclamações respeitantes aos actos eleitorais, sem prejuízo de recurso, nos termos legais

b/ conferir posse aos membros dos corpos gerentes eleitos.

Artigo 19º - A Assembleia Geral é convocada pelo presidente da mesa com a antecedência não inferior a 8 dias por meio de edital afixado na sede da Associação e de aviso postal expedido para cada um dos associados, donde conste o dia, hora e local da reunião e a respectiva ordem de trabalhos.

Artigo 20º - A Assembleia Geral reúne ordinariamente uma vez por ano para apreciação e votação do relatório e contas da Direcção e respectivo parecer do Conselho Fiscal, sendo de dois em dois anos também para a eleição da Mesa da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal.

Artigo 21º - A Assembleia Geral só poderá funcionar e deliberar, em primeira convocação com a maioria dos sócios.

Artigo 22º - Não havendo nº legal de sócios, a Assembleia reunirá com qualquer número, dentro do prazo mínimo de uma hora e máximo de 8 dias conforme for estabelecido no aviso a que se refere o artigo 19º do presente estatuto, sendo as deliberações tomadas por maioria dos votos.

Artigo 23º - A Assembleia Geral reunirá extraordinariamente sempre que convocada com um fim legítimo, por iniciativa da mesa ou a pedido da Direcção, do Conselho Fiscal ou de um mínimo de 20 sócios no pleno gozo dos seus direitos, na proporção até um total de 500 sócios, e de 50 a partir daí.

Artigo 24º - Compete à Assembleia Geral deliberar sobre todas as matérias não compreendidas nas atribuições dos outros órgãos da Associação, e em especial:

a/ eleger e destituir, por votação secreta os membros da Mesa da Assembleia Geral, da Direcção e do Conselho Fiscal.

- b/ definir as linhas essenciais de actuação da APIA
- c/ aprovar o relatório e contas de gerência, bem como o parecer do Conselho Fiscal.
- d/ deliberar sobre a alteração dos estatutos e sobre a dissolução da Associação.
- e/ fixar os montantes da joia e da cota mínima
- f/ deliberar sobre a eliminação dos associados, nos termos do artigo 11º
- g/ vigiar a fidelidade do exercício dos corpos gerentes aos objectivos estatutários.
- h/ propor medidas tendentes a uma melhor eficiência dos serviços.
- i/ deliberar sobre qualquer matéria da Direcção que esta entenda dever submeter à sua apreciação.
- j/ admitir, sob proposta da Direcção, os sócios colectivos bem como o valor da cota a que fica obrigado.

Secção III

Da Direcção

Artigo 25º - A Direcção é o órgão executivo da Associação.

Artigo 26º - A Direcção é composta por: presidente, tesoureiro, 1º secretário, 2º secretário, vogal, um representante dos trabalhadores, eleito pelo respectivo sector de trabalho, e um representante dos pais eleito em reunião plenária dos mesmos.

Artigo 27º - Compete à Direcção:

- a/ cumprir e fazer cumprir as disposições do presente estatuto, todas as deliberações da Assembleia Geral e os regulamentos internos da APIA.
- b/ dirigir e administrar a APIA bem como os seus serviços.
- c/ organizar e submeter à aprovação da Assembleia Geral os orçamentos e contas da sua gerência e o relatório da sua actividade.
- d/ promover a criação de grupos de trabalho ou secções para coadjuvar a sua actividade na realização dos objectivos da APIA.
- e/ propor à Assembleia Geral a admissão de sócios colectivos.
- f/ decidir sobre as condições em que deve efectuar depósitos a prazo.
- h/ representar a Associação, em juízo e fora dele, e para esse efeito emitir mandatos entre os seus elementos, conforme as situações que os justificarem.

g/ fixar as taxas cobradas pelos serviços prestados, de acordo e proporcionalmente às possibilidades dos utentes.

i/ a Associação fica obrigada mediante a assinatura do presidente da Direcção e outro membro.

j/ a Direcção responde colectivamente pelos seus actos salvo se algum dos seus membros não tiver tomado parte na respectiva resolução e a reprovaram, com declaração na acta da sessão imediata em que se encontrarem presentes, ou ainda se tiver votado contra essa resolução e o fizeram consignar na acta respectiva.

Artigo 28º - da competência específica dos membros da Direcção:

a/ ao presidente: - superintender na administração da Associação e orientar e fiscalizar os respectivos serviços, em colaboração com os trabalhadores da instituição e dos utentes.

- despachar os assuntos normais de expediente e outros que carecem de solução urgente, sujeitando, estes ultimos, à confirmação da Direcção na primeira reunião seguinte.

- promover a execução das deliberações da Assembleia Geral e da Direcção.

- assinar os actos de mero expediente e, juntamente com outro membro da Direcção, os actos e contratos que obriguem a Associação.

b/ ao 1º secretário: - coadjuvar o presidente no exercício das suas atribuições e substituí-lo nas suas faltas e impedimentos.

- organizar os processos dos assuntos que devam ser apreciados pela Direcção.

c/ ao 2º secretário: - lavrar as actas das sessões e superintender nos serviços de expediente.

d/ ao tesoureiro: - receber e guardar os valores da Associação.

- assinar as autorizações de pagamento e as guias de receita conjuntamente com o presidente e arquivar todos os documentos de receita e despesa.

- apresentar mensalmente à Direcção o balancete em que se discriminarão as receitas e despesas do mês anterior.

e/ ao vogal: - exercer as funções que lhe sejam atribuídas pela Direcção.

- Artigo 292 - a/ a Direcção deverá reunir, pelo menos, uma vez em cada mês
b/ de todas as reuniões serão lavradas actas em livro próprio, assinadas pelos membros presentes.

Secção IV Do Conselho Fiscal

- Artigo 302 - Compete ao Conselho Fiscal, fiscalizar a actividade administrativa da Associação, zelando pelo cumprimento dos estatutos e das deliberações da Assembleia Geral, e dar parecer sobre os relatórios e contas apresentados pela Direcção bem como qualquer outro assunto que lhe seja submetido por esta.
- Artigo 312 - O Conselho Fiscal é composto por um presidente, um secretário e um vogal.
- Artigo 322 - a/ o Conselho Fiscal pode propor à Direcção reuniões extraordinárias para discussão conjunta de determinados assuntos.
b/ os membros do Conselho Fiscal podem assistir sempre que julguem conveniente às reuniões da Direcção, sem direito a voto.
- Artigo 332 - a/ o Conselho Fiscal deverá reunir, pelo menos, uma vez em cada trimestre
b/ de todas as reuniões serão lavradas actas em livro próprio e assinadas pelos membros previstos.

Secção V Do Conselho Pedagógico

- Artigo 342 - O Conselho Pedagógico é o órgão responsável pela organização e prática da acção educativa dos serviços referidos na alínea a/ do artigo 22 do presente estatuto.
- Artigo 352 - O Conselho Pedagógico é composto pelos trabalhadores com funções docentes nos mesmos serviços.
- Artigo 362 - O Conselho Pedagógico, responde perante os outros órgãos da Associação, e em especial a Direcção

Capítulo ~~VII~~

Do Regime Financeiro

Artigo 37º - Constituem património social da APIA a receita das cotas dos sócios e taxas cobradas pelos serviços prestados, subsídios, donativos, o produto de festas e subscrições, e outras receitas de iniciativas e actividades levadas a cabo, e mediante deliberação da Assembleia Geral, quaisquer bens adquiridos por doação, deixa testamentária ou a título oneroso.

Capítulo ~~VII~~

Disposições Gerais

Artigo 38º - Quando se verificar que a sede da APIA seja insuficiente para a continuação da persecução dos fins estatutários, fica salvaguardada a possibilidade de promover a abertura de dependências, quando daí não resultar prejuízo para o seu funcionamento normal.

Artigo 39º - Os casos omissos serão resolvidos pela Assembleia Geral de acordo com a legislação em vigor.

Artigo 40º - A dissolução da Associação e destino dos respectivos bens reger-se-á pela legislação aplicável.

Artigo 41º - As alterações do presente estatuto só terão validade em Assembleia Geral convocada extraordinariamente para esse efeito e a partir dos votos favoráveis de 3/4 do total dos sócios presentes.

Anexo A.14B

Associação de Protecção à Infância da

aprovados em Assembleia Geral

CAPÍTULO I

Da Denominação, Natureza e Fins

Artigo 1º Associação de Protecção à Infância da Ajuda, com a sigla APIA, é uma instituição particular de solidariedade social com sede provisória na Calçada da Ajuda, 33, 35 e 37 na Freguesia da Ajuda, Lisboa.

Artigo 2º A APIA tem por objectivos:

idade

- a. Manter um serviço de protecção à Infância, através do funcionamento de: Creche, Jardim de Infância, Animação de Tempos Livres para crianças em escolar, e outras actividades, com ou sem carácter regular, promovendo o desenvolvimento integral e harmonioso da criança no seu meio sócio-cultural.
- b. Promover actividades e iniciativas de carácter educativo, social, recreativo e cultural, que possibilitem a aprendizagem colectiva das relações entre os indivíduos, os grupos sociais e o meio em que vivem, e preencham necessidades e/ou interesses dos sócios ou da comunidade.

Artigo 3º A APIA rege-se pelos princípios da:

- a. Gestão democrática
- b. Neutralidade religiosa e partidária.

Artigo 4º As actividades da Associação não visam fins lucrativos e destinam-se à população da Freguesia da Ajuda e Zonas limitrofes.

Artigo 5º A organização e funcionamento dos diversos sectores de actividade constarão de regulamentos internos elaborados pela Direcção.

CAPÍTULO II

Dos Associados

- Artigo 6º Podem ser associados pessoas singulares maiores de 18 anos e as pessoas colectivas.
- Artigo 7º Haverá duas categorias de associados:
- 1 - Honorários : as pessoas que, através de serviços ou donativos, dêem contribuição especialmente relevante para a realização dos fins da instituição, como tal reconhecida e proclamada pela Assembleia Geral.
 - 2 - Efectivos : as pessoas que se proponham colaborar na realização dos fins da associação obrigando-se ao pagamento da jóia e quota mensal.
- Artigo 8º A qualidade de sócio prova-se pela inscrição no livro respectivo, que a Associação obrigatoriamente possuirá.
- Artigo 9º São direitos dos associados:
- a. Participar nas reuniões da Assembleia Geral;
 - b. Eleger e ser eleito para os cargos sociais;
 - c. Requerer a convocação da assembleia geral extraordinária nos termos do nº 3 do artigo 29º.
 - d. Examinar os livros, relatórios e contas e demais documentos, desde que requeiram por escrito com a antecedência mínima de 30 dias e se verifique um interesse pessoal, directo e legítimo.
- Artigo 10º São deveres dos associados:
- a. Pagar pontualmente as suas quotas tratando-se de associados efectivos;
 - b. Comparecer às reuniões da Assembleia Geral;
 - c. Observar as disposições estatutárias, regulamentos e as deliberações dos Corpos Gerentes;
 - d. Desempenhar com zelo, dedicação e eficiência os cargos para que forem eleitos.

- Artigo 11º
- 1 - Os sócios que violarem os deveres estabelecidos no artigo 10º ficam sujeitos às seguintes sanções:
 - a. Repreensão;
 - b. Suspensão de direitos até 90 dias;
 - c. Demissão.
 - 2 - São demitidos os sócios que por actos dolosos tenham prejudicado materialmente a Associação.
 - 3 - As sanções previstas nas alíneas a. e b. do nº 1 são da competência da Direcção.
 - 4 - A demissão é sanção da exclusiva competência da Assembleia Geral da Direcção.
 - 5 - A aplicação das sanções previstas nas alíneas b. e c. do nº 1 só se efectivarão mediante audiência obrigatória do associado.
 - 6 - A suspensão de direitos não desobriga do pagamento da quota.

- Artigo 12º
- 1 - Os associados efectivos só podem exercer os direitos referidos no artigo 9º, se tiverem em dia o pagamento das suas quotas.
 - 2 - Os associados efectivos que tenham sido admitidos há menos de 3 meses não gozam dos direitos referidos nas alíneas b. e c. do artigo 9º, podendo assistir às reuniões da Assembleia Geral mas sem direito a voto.
 - 3 - Não são elegíveis para os corpos gerentes os associados que, mediante processo judicial, tenham sido removidos de cargos directivos de associações ou de outra instituição particular de solidariedade social, ou tenham sido declarados responsáveis por irregularidades cometidas no exercício das suas funções.

- Artigo 13º
- A qualidade de associado não é transmissível quer por acto entre vivos quer por sucessão.

- Artigo 14º
- Perdem a qualidade de associado:

- 1 -
 - a. Os que pedirem a sua exoneração;
 - b. Os que deixarem de pagar as suas quotas durante 18 meses;
 - c. Os que forem demitidos nos termos do nº 2 do artigo 11º.

2 - No caso previsto da alínea b. do número anterior, considera-se eliminado o sócio que tendo sido notificado pela Direcção para efectuar o pagamento das quotas em atraso, não o faça no prazo de 30 dias.

Artigo 15º O associado que, por qualquer forma deixar de pertencer à Associação, não tem direito a reaver as quotizações que haja pago, sem prejuízo da sua responsabilidade por todas as prestações relativas ao tempo em que foi membro da associação.

CAPÍTULO III

Dos Corpos Gerentes

SECÇÃO I

Disposições Gerais

- Artigo 16º Constituem os Corpos Gerentes da APIA : a Assembleia Geral, a Direcção e o Conselho Fiscal.
- Artigo 17º O exercício de qualquer cargo nos Corpos Gerentes é gratuito mas pode justificar o pagamento das despesas dele derivadas.
- Artigo 18º 1 - A duração do mandato dos corpos gerentes é de três anos devendo proceder-se à sua eleição no mês de Dezembro do último ano de cada triénio.
- 2 - O mandato inicia-se com a tomada de posse perante o Presidente da Mesa da Assembleia Geral ou seu substituto, o que deverá ter lugar na primeira quinzena do ano civil imediato das eleições.
- 3 - Quando a eleição tenha sido efectuada extraordinariamente fora do mês de Dezembro, a posse poderá ter lugar dentro do prazo estabelecido no nº 2 ou no prazo de 30 dias após a eleição, mas neste caso, e para efeitos do nº 1, o mandato considera-se iniciado na primeira quinzena do ano civil em que se realizou a eleição.
- 4 - Quando as eleições não sejam realizadas atempadamente considera-se prorrogado o mandato em curso até à posse dos novos Corpos Gerentes.
- Artigo 19º 1 - Em caso de vacatura da maioria dos membros de cada órgão social, depois de esgotados os respectivos suplentes, deverão realizar-se eleições parciais para o preenchimento das vagas verificadas, no prazo máximo de um mês e a posse deverá ter lugar nos 30 dias seguintes à eleição.
- 2 - O termo do mandato dos membros eleitos nas condições do número anterior, coincidirá com o dos inicialmente eleitos.

Artigo 20º 1 - Os membros dos Corpos Gerentes só podem ser eleitos consecutivamente para dois mandatos para qualquer órgão da Associação, salvo se a Assembleia Geral reconhecer expressamente que é impossível ou inconveniente proceder à sua substituição.

2 - Não é permitido aos membros dos Corpos Gerentes o desempenho simultâneo de mais de um cargo da mesma Associação.

3 - O disposto nos números anteriores aplica-se aos membros da mesa da Assembleia Geral, da Direcção e do Conselho Fiscal.

Artigo 21º 1 - Os Corpos Gerentes são convocados pelos respectivos presidentes e só podem deliberar com a presença da maioria dos seus titulares.

2 - As deliberações são tomadas por maioria dos votos dos titulares presentes, tendo o presidente, além do seu voto, direito a voto de desempate.

3 - As votações respeitantes às eleições dos Corpos Gerentes ou assuntos de incidência pessoal dos seus membros serão feitas obrigatoriamente por escrutínio secreto.

Artigo 22º 1 - Os membros dos Corpos Gerentes são responsáveis civil e criminalmente pelas faltas ou irregularidades cometidas no exercício do mandato.

2 - Além dos motivos previstos na lei, os membros dos Corpos Gerentes ficam exonerados de responsabilidade se:

- a. Não tiverem tomado parte na respectiva resolução e a reprovarem com declaração na acta da sessão imediata em que se encontrem presentes;
- b. Tiverem votado contra essa resolução e o fizerem consignar na acta respectiva.

Artigo 23º 1 - Os membros dos Corpos Gerentes não poderão votar em assuntos que directamente lhes digam respeito ou nos quais sejam interessados os respectivos cônjuges, ascendentes, descendentes e equiparados.

2 - Os membros dos Corpos Gerentes não podem contrair directa ou indirectamente com a Associação, salvo se do contrato resultar manifesto benefício para a associação.

3 - Os fundamentos das deliberações sobre os contratos referidos no número anterior deverão constar das actas das reuniões do respectivo Corpo Gerente.

Artigo 24º 1 - Os associados podem fazer-se representar por outros sócios nas reuniões da Assembleia Geral em caso de comprovada impossibilidade de comparência à reunião, mediante carta dirigida ao presidente da Mesa, com a assinatura notarialmente reconhecida mas, cada sócio, não poderá representar mais de 1 associado.

2 - É admitido o voto por correspondência sob condição do seu sentido ser expressamente indicado em relação ao ponto, ou pontos, da ordem de trabalhos e a assinatura do associado se encontrar reconhecida notarialmente.

Artigo 25º Das reuniões dos Corpos Gerentes serão sempre lavradas actas que serão obrigatoriamente assinadas pelos membros presentes ou, quando respeitem a reuniões da Assembleia Geral, pelos membros da respectiva Mesa.

SECÇÃO II

Da Assembleia Geral

Artigo 26º 1 - A Assembleia Geral é constituída por todos os sócios admitidos há, pelo menos, 3 meses, que tenham as suas quotas em dia e não se encontrem suspensos.

2 - A Assembleia Geral é dirigida pela respectiva Mesa que se compõe de um presidente, um primeiro secretário e um segundo secretário.

3 - Na falta ou impedimento de qualquer dos membros da Mesa da Assembleia Geral, competirá a esta eleger os respectivos substitutos de entre os associados presentes, os quais cessarão as suas funções no termo da reunião.

Artigo 27º Compete à Mesa da Assembleia Geral dirigir, orientar e disciplinar os trabalhos da Assembleia, representá-la e designadamente:

a. Decidir sobre os protestos e reclamações respeitantes aos actos eleitorais, sem prejuízo de recursos nos termos legais.

b. Conferir posse aos membros dos Corpos Gerentes eleitos.

Artigo 28º Compete à Assembleia Geral deliberar sobre todas as matérias não compreendidas nas atribuições legais ou estatutárias dos outros órgãos e necessariamente:

- a. Definir as linhas fundamentais de actuação da Associação;
- b. Eleger e destituir, por votação secreta, os membros da respectiva Mesa e a totalidade ou a maioria dos membros dos órgãos executivos e de fiscalização;
- c. Apreciar e votar anualmente o orçamento e o programa de acção para o exercício seguinte, bem como o relatório e contas de gerência;
- d. Deliberar sobre a aquisição onerosa e a alienação, a qualquer título, de bens imóveis e de outros bens patrimoniais de rendimento ou de valor histórico ou artístico;
- e. Deliberar sobre a alteração dos estatutos e sobre a extinção, cisão ou fusão da associação;
- f. Deliberar sobre a aceitação de integração de uma instituição e respectivos bens;
- g. Autorizar a associação a demandar os membros dos Corpos Gerentes por actos praticados no exercício das suas funções;
- h. Aprovar a adesão a uniões, federações ou confederações.
- i. Fixar os montantes da jóia e da quota mínima.

Artigo 29º 1 - A Assembleia Geral reunirá em sessões ordinárias e extraordinárias.

2 - A Assembleia Geral reunirá ordinariamente:

- a. No final de cada mandato, durante o mês de Dezembro, para eleição dos Corpos Gerentes;
- b. Até 31 de Março de cada ano para discussão e votação do relatório e contas da gerência do ano anterior, bem como do parecer do Conselho Fiscal;
- c. Até 15 de Novembro de cada ano, para apreciação e votação do orçamento e programa de acção para o ano seguinte.

3 - A Assembleia Geral reunirá em sessão extraordinária quando convocada pelo Presidente da Mesa da Assembleia Geral, a pedido da Direcção ou do Conselho Fiscal, ou a requerimento de, pelo menos, 10% dos associados no pleno gozo dos seus direitos.

Artigo 30º 1 - A Assembleia Geral deve ser convocada com, pelo menos 15 dias de antecedência pelo Presidente da Mesa, ou seu substituto, nos termos do artigo anterior.

2 - A convocatória é feita por meio de aviso postal expedido para cada associado ou através de anúncio publicado nos 2 jornais de maior circulação da área da sede da Associação e deverá ser afixado na sede e noutros locais de acesso público, dela constando obrigatoriamente o dia, a hora, o local e a ordem de trabalhos.

3 - A convocatória da Assembleia Geral extraordinária, nos termos do artigo anterior, deve ser feita no prazo de 15 dias após o pedido ou requerimento, devendo a reunião realizar-se no prazo máximo de 30 dias, a contar da data da recepção do pedido ou requerimento.

Artigo 31º 1 - A Assembleia Geral reunirá à hora marcada da convocatória se estiver presente mais de metade dos associados com direito a voto, ou uma hora depois com qualquer número de presentes.

2 - A Assembleia Geral extraordinária que seja convocada a requerimento dos associados só poderá reunir se estiverem presentes três quartos dos requerentes.

Artigo 32º 1 - Salvo o disposto no número seguinte, as deliberações da Assembleia Geral são tomadas por maioria absoluta dos votos dos associados presentes.

2 - As deliberações sobre as matérias constantes das alíneas e., f., g. e h. do artigo 28º, só serão válidas se obtiverem o voto favorável de pelo menos, dois terços dos votos expressos.

3 - No caso da alínea e. do artigo 28º, a dissolução não terá lugar se, pelo menos, um número de associados igual ao dobro dos membros dos Corpos Gerentes se declarar disposto a assegurar a permanência da Associação, qualquer que seja o número de votos contra.

Artigo 33º 1 - Sem prejuízo do disposto no número anterior, são anuláveis as deliberações tomadas sobre matéria estranha à ordem do dia, salvo se estiverem presentes ou representados na reunião todos os associados no pleno gozo dos seus direitos sociais e todos concordarem com o aditamento.

2 - A deliberação da Assembleia Geral sobre o exercício do direito de acção civil ou penal contra os membros dos Corpos Gerentes pode ser tomada na sessão convocada para apreciação do balanço relatório e contas de exercício, mesmo que a respectiva proposta não conste da ordem de trabalhos.

SECÇÃO III

Da Direcção

Artigo 34º 1 - A Direcção da Associação é constituída por cinco membros dos quais um presidente, um vice-presidente, um secretário, um tesoureiro e um vogal.

2 - Haverá simultaneamente um número de suplentes, até ao limite de cinco, que se tornarão efectivos à medida que se derem vagas e pela ordem em que tiverem sido eleitos.

3 - No caso da vacatura do cargo de presidente será o mesmo preenchido pelo vice-presidente e este substituído por um suplente.

4 - Os suplentes poderão assistir às reuniões da Direcção mas sem direito a voto

Artigo 35º Compete à Direcção gerir a Associação e representá-la, incumbindo--lhe designadamente:

- a. Garantir a efectivação dos direitos dos beneficiários;
- b. Elaborar anualmente e submeter ao parecer do órgão de fiscalização o relatório e contas de Gerência, bem como o orçamento e programa de acção para o ano seguinte;
- c. Assegurar a organização e o funcionamento dos serviços, bem como a escrituração dos livros, nos termos da lei;
- d. Organizar o quadro do pessoal e contratar e gerir o pessoal da Associação;
- e. Representar a associação em juízo ou fora dele;
- f. Zelar pelo cumprimento da lei, dos estatutos e das deliberações dos órgãos da Associação.

Artigo 36º Compete ao presidente da Direcção:

- a. Superintender na administração da Associação orientando e fiscalizando os respectivos serviços;
- b. Convocar e presidir às reuniões da Direcção, dirigindo os respectivos trabalhos;
- c. Representar a Associação em juízo ou fora dele;

- d. Assinar e rubricar os termos de abertura e encerramento e rubricar o livro de actas da Direcção;
- e. Despachar os assuntos normais de expediente e outros que careçam de solução urgente, sujeitando estes últimos à confirmação da Direcção na primeira reunião seguinte.

Artigo 37º Compete ao vice-presidente coadjuvar o presidente no exercício das suas atribuições e substituí-lo nas suas ausências e impedimentos.

Artigo 38º Compete ao secretário:

- a. Lavrar as actas das reuniões da Direcção e superintender nos serviços de expediente;
- b. Preparar a agenda de trabalhos para as reuniões da Direcção organizando os processos dos assuntos a serem tratados;
- c. Superintender nos serviços de secretaria.

Artigo 39º Compete ao tesoureiro:

- a. Receber e guardar os valores da Associação;
- b. Promover a escrituração de todos os livros de receita e de despesa;
- c. Assinar as autorizações de pagamento e as guias de receitas conjuntamente com o presidente;
- d. Apresentar mensalmente à Direcção o balancete em que se discriminam as receitas e despesas do mês anterior;
- e. Superintender nos serviços de contabilidade e tesouraria.

Artigo 40º Compete ao vogal coadjuvar os restantes membros da Direcção nas respectivas atribuições e exercer as funções que a Direcção lhe atribuir.

Artigo 41º A Direcção reunirá sempre que o julgar conveniente por convocação do presidente e obrigatoriamente, pelo menos uma vez em cada mês.

Artigo 42º 1 - Para obrigar a Associação são necessárias e bastantes as assinaturas conjuntas de quaisquer três membros da Direcção, ou as assinaturas conjuntas do presidente e outro membro da Direcção.

2 - Nos actos de mero expediente bastará a assinatura de qualquer membro da Direcção.

SECÇÃO IV

Do Conselho Fiscal

Artigo 43º 1 - O Conselho Fiscal é composto por três membros, dos quais um presidente e dois vogais.

2 - Haverá simultaneamente um número de suplentes, até ao limite de três, que se tornarão efectivos à medida que se derem vagas e pela ordem em que tiverem sido eleitos.

3 - No caso da vacatura do cargo de presidente, será o mesmo preenchido pelo primeiro vogal e este por um suplente.

Artigo 44º Compete ao Conselho Fiscal vigiar pelo cumprimento da lei e dos estatutos, e designadamente:

- a. Exercer a fiscalização sobre a escrita e documentos da instituição sempre que o julgue conveniente;
- b. Assistir ou fazer-se representar por um dos seus membros às reuniões do órgão executivo, sempre que o julgue conveniente;
- c. Dar parecer sobre o relatório e contas e orçamento e sobre todos os assuntos que o órgão executivo submete à sua apreciação.

Artigo 45º O Conselho Fiscal pode solicitar à Direcção elementos que considere necessários ao cumprimento das suas atribuições, bem como propor reuniões extraordinárias para discussão, com aquele órgão, de determinados assuntos cuja importância o justifique.

Artigo 46º O Conselho Fiscal reunirá sempre que o julgar conveniente, por convocação do presidente e obrigatoriamente, pelo menos, uma vez em cada trimestre.

CAPÍTULO IV

Disposições Diversas

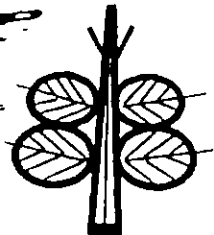
Artigo 47º São receitas da Associação:

- a. O produto das jóias e quotas dos associados;
- b. As participações dos utentes;
- c. Os rendimentos de bens próprios;
- d. As doações, legados e heranças e respectivos rendimentos;
- e. Os subsídios do Estado ou de Organismos Oficiais;
- f. Os donativos e produtos de festas ou subscrições;
- g. Outras receitas.

Artigo 48º 1 - No caso de extinção da Associação, competirá à Assembleia Geral deliberar sobre o destino dos seus bens, nos termos da legislação em vigor, bem como eleger uma comissão liquidatária.

2 - Os poderes da comissão liquidatária ficam limitados à prática dos actos meramente conservatórios e necessários quer à liquidação do património social, quer à ultimateção dos negócios pendentes.

Artigo 49º Os casos omissos serão resolvidos pela Assembleia Geral, de acordo com a legislação em vigor.



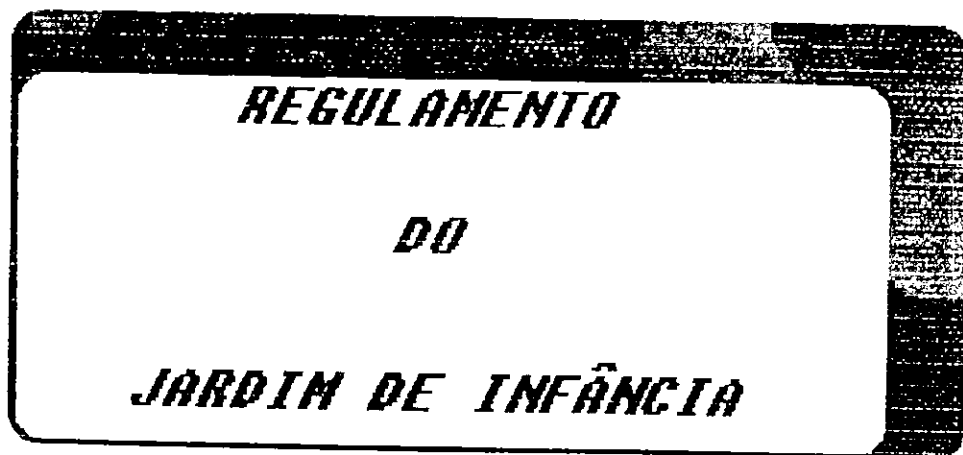
ASSOCIAÇÃO DE PROTECÇÃO À INFÂNCIA
Instituição Particular de Solidariedade Soc

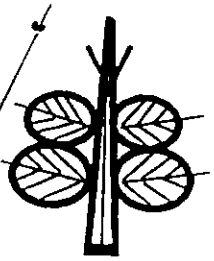
Contribuinte n.º 501133860

Calçada da Ajuda, 35 - 1 300 LISBOA ★ Telefoni

Anexo A.14C

*... e ponto
... 6. 8. 10. 12. 14. 16. 18. 20. 22. 24. 26. 28. 30. 32. 34. 36. 38. 40. 42. 44. 46. 48. 50. 52. 54. 56. 58. 60. 62. 64. 66. 68. 70. 72. 74. 76. 78. 80. 82. 84. 86. 88. 90. 92. 94. 96. 98. 100.*





ASSOCIAÇÃO DE PROTECÇÃO À INFÂNCIA DA AJUDA
Instituição Particular de Solidariedade Social

Contribuinte n.º 501133860

Calçada da Ajuda, 35 - 1300 LISBOA ★ Telefone 364 78 08

1 - FREQUÊNCIA

- 1.1 - O Jardim de Infância será frequentado por crianças dos 03 (três) anos, completados até 31 de Dezembro do ano lectivo em curso, aos 06 (seis) anos (idade escolar).
- 1.2 - Fora destas idades limites só será possível a frequência do Jardim de Infância em situações devidamente excepcionais devidamente expostas e aceites pela Direcção da APIA e do Conselho Pedagógico.

2 - CRITÉRIOS DE ADMISSÃO

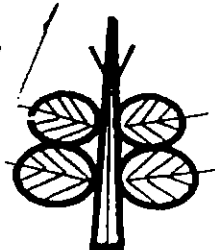
- 2.1 - A criança deve viver ou ser educada na Freguesia da Ajuda ou zonas limítrofes.
- 2.2 - As condições sócio-económicas da família, nomeadamente com menos rendimentos e deficientes condições de habitação.
- 2.3 - Ter irmãos a frequentar o Jardim de Infância ou os Tempos Livres.
- 2.4 - Ter frequentado o Jardim de Infância ou os Tempos Livres.
- 2.5 - Os pais ou encarregados de educação serem empregados ou qualquer deles estar dependente da admissão de ter emprego.
- 2.6 - Serem filhos de trabalhadores da APIA.
- 2.7 - A ordem de inscrição das crianças na APIA.
- 2.8 - Outros critérios da admissão poderão ser considerados em circunstâncias a apreciar pela Direcção e Conselho Pedagógico da APIA.

3 - INSCRIÇÕES

- 3.1 - A inscrição processa-se mediante:

- Preenchimento da ficha de inscrição
- Apresentação dos documentos necessários para comprovar o domicílio e composição do agregado familiar
- Recibo da renda de casa
- Recibo de ordenado ou declaração da empresa
- Declaração de IRS/IRC
- Apresentação do bolhetim de vacinas em dia
- Preenchimento do exame médico e da ficha de saúde
- A entrada do encarregado de educação para sócio da APIA

COMO AGREGADO FAMILIAR DEVERÁ ENTENDER-SE APENAS PAIS E FILHOS



ASSOCIAÇÃO DE PROTECÇÃO À INFÂNCIA DA AJUDA
Instituição Particular de Solidariedade Social

Contribuinte n.º 501133860

Calçada da Ajuda, 35 - 1300 LISBOA ★ Telefone 364 78 08

3.2 - Quando da admissão da criança deverá ser paga a taxa de inscrição e seguro escolar.

4 - MENSALIDADES

4.1 - As mensalidades do Jardim de Infância serão fixadas consoante o rendimento do agregado familiar da seguinte forma:

ORDENADOS LIQUIDOS + OUTROS RENDIMENTOS - RENDA DE CASA
NUMERO DE PESSOAS QUE CONSTITUEM O AGREGADO FAMILIAR

O resultado apurado determinará o escalão da mensalidade.

4.2 - A alimentação (almoço e lanche) fornecida pela APIA, está incluída na mensalidade, só haverá lugar a dedução no caso de ausência superior a 30 (trinta) dias, devidamente justificada e comunicada com a devida antecedência.

4.3 - Os filhos dos trabalhadores da APIA estão isentos de pagamento da mensalidade, participando apenas no custo da alimentação.

4.4 - As mensalidades serão pagas antecipadamente do dia 01 ao dia 08 de cada mês.

4.5 - A mensalidade correspondente ao mês de Julho será fraccionada em três partes, devendo cada uma delas ser liquidada conjuntamente com os recibos de Janeiro, Março e Maio respectivamente.

4.6 -

4.7 - No caso em que os documentos para fixação das mensalidades sejam considerados insuficientes ou não haja possibilidade de uma correcta definição da mesma, a exemplo dos trabalhadores por conta própria, competirá à Direcção da APIA em função dos elementos de que disponha fixar a mensalidade dentro de um dos escalões da tabela, comunicando tal facto ao encarregado de educação.

4.8 - A não apresentação dos documentos referidos no ponto 3.2 implica a classificação no escalão máximo.

5 - HORÁRIO

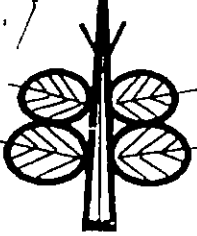
5.1 - O Jardim de Infância estará encerrado aos Sábados, Domingos e Feriados Oficiais.

5.2 - O Jardim de Infância encerrará na semana entre as festividades do Natal e Ano Novo.

ASSOCIAÇÃO DE PROTECÇÃO À INFÂNCIA DA AJUDA
Instituição Particular de Solidariedade Social

Contribuinte nº 501133660

Calçada da Ajuda, 35 - 1300 LISBOA ★ Telefone 364 78 08

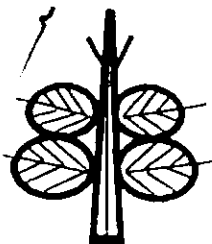
- 
- 5.3 - Todos os outros encerramentos que se verificarem serão anunciados com a devida antecedência, salvo em casos imprevistos, com a indicação dos motivos que a determinarem.
- 5.4 - O Jardim de Infância está aberto das 08h às 19h, mas só funciona em actividades das 09.30h às 16.30h.
- 5.5 - As permanências das 08h às 09.30h e das 16.30h às 19h são exclusivamente para crianças que não tenham possibilidades de praticar um horário mais reduzido em virtude da actividade profissional dos pais, desde que tal tenha sido indicado por escrito no acto da inscrição e aceite pela APIA.
- 5.6 - Só é permitida a entrada de crianças até às 10h, salvo quando se tenha avisado previamente.
- 5.7 - O não cumprimento do horário de saída acordado, implica o pagamento de uma sobretaxa a estabelecer posteriormente.
- 5.8 - A entrada ou saída do Jardim de Infância processa-se pelo Nº 15 da Calçada da Ajuda e deverá ser comunicada ao(s) trabalhador(es) que esteja(m) com as crianças.

6 - AUSÊNCIA E IMPEDIMENTOS POR DOENÇA OU OUTRAS RAZÕES

- 6.1 - A ausência da criança por um período superior a 3 (três) dias obriga a uma justificação e em caso de doença, à apresentação de um atestado médico.
- 6.2 - Tratando-se de doença infectocontagiosa é indispensável apresentar atestado médico que indique ter passado o período de contágio.

OS ATESTADOS MÉDICOS PASSADOS SÓ SERÃO ACEITES DESDE QUE A ASSINATURA SEJA RECONHECIDA NOTARIALMENTE

- 6.3 - As crianças não poderão permanecer doentes nas actividades, pelo que não será permitida a entrada à criança que estiver doente (incluindo estado febril).
- 6.4 - Sempre que a criança adoecer deve ser prevenida a Associação, pois pode haver medidas a tomar em relação às outras crianças.
- 6.5 - Em caso de parasitas, as crianças portadoras dos mesmos não poderão frequentar o Jardim de Infância durante a sua duração. O mesmo se aplica a todas as situações de falta de higiene.



ASSOCIAÇÃO DE PROTECÇÃO À INFÂNCIA DA AJUDA
Instituição Particular de Solidariedade Social

Contribuinte n.º 501153860

Calçada da Ajuda, 35 - 1300 LISBOA ★ Telefone 364 78 08

7 - MEDICAMENTOS

7.1 - No caso das crianças estarem a tomar medicamentos, devem os pais informar do facto as educadoras, deixando indicações precisas para a respectiva administração.

7.2 - Só serão dados antibióticos, mediante a apresentação da respectiva receita médica.

8 - ANULAÇÃO DE INSCRIÇÃO

8.1 A inscrição considera-se anulada:

-Quando os pais ou encarregados de educação avisarem previamente na secretaria ou a respectiva educadora, da sua desistência.

-Sempre que a criança falte 30 (trinta) dias consecutivos e sem justificação prévia.

-Quando houver recibos em atraso sem que tenha sido apresentada uma justificação válida

9.1 Sempre que verificar desrespeito sistemático pelas normas estabelecidas, falsidade nas declarações prestadas, desinteresse na frequência, por actos ou atitudes que prejudiquem moral e/ou materialmente trabalhadores e/ou utentes da APIA.

9 - O QUE A CRIANÇA DEVE TRAZER

9.1 - A criança deve ter sempre na APIA:

-Uma bibe ou roupa velha e uma muda de roupa

-Um chapéu

-Um avental para pintura

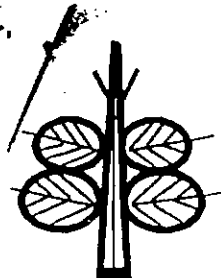
- copo, pasta dentífrica

10 - DEVERES DOS PAIS

10.1 - Assistir a reuniões de pais ~~se~~ marcadas com a devida antecedência.

10.2 - Participar nas Assembleias Gerais e outras actividades de acordo com os preceitos estatutários da APIA.

10.3 - Cumprir o presente regulamento, obrigatoriedade que decorre no acto da inscrição da criança.



ASSOCIAÇÃO DE PROTECÇÃO À INFÂNCIA DA AJUDA
Instituição Particular de Solidariedade Social

Contribuinte n.º 501133660

Calçada da Ajuda, 35 - 1 300 LISBOA ★ Telefone 364 78 08

11 - SEGURO ESCOLAR

11.1 - O seguro escolar na modalidade acidentes pessoais, corresponde às garantias mencionadas em separado.

11.2 - A APIA não se responsabiliza pelo pagamento de despesas que não sejam reembolsadas pela companhia de seguros.

12 - COLÓNIA DE PRAIA

12.1 - A colónia de praia têm lugar na zona balnear da Caparica durante duas semanas no mês de Julho em regime de transporte diário.

12.2 - O pagamento da colónia faz-se entre o dia 01 e 08 do mesmo mês.

13 - GENERALIDADES

13.1 - A APIA não se responsabiliza por brinquedos, ou outros objectos que as crianças tragam de casa.

13.2 - Os casos omissos serão resolvidos pela Direcção ou pelo Conselho Pedagógico, conforme o âmbito das questões a considerar e as deliberações a tomar.

NO CASO DAS DELIBERAÇÕES DO CONSELHO PEDAGÓGICO TERÃO QUE SER POR ESTE DADAS AO CONHECIMENTO DA DIRECÇÃO.

A DIRECÇÃO

ALTERAÇÕES AOS REGULAMENTOS JARDIM INFANTIL E ATL'S

Na sequência das iniciativas ensaiadas no eno escolar de 1993/1994, com êxito significativo, resolvemos introduzir as seguintes alterações aos regulamentos em vigor:

FECHO NO MÊS DE AGOSTO JARDIM INFANTIL E ATL'S

As instalações passarão a encerrar apenas na 2ª quinzena da Agosto.

O pagamento da primeira quinzena de Agosto passará a ser obrigatório, independentemente da sua frequência, sendo o seu valor fixado em 6.000\$00 para todos os escalões, dividido em 2 prestações de 3.000\$00, pagáveis em Dezembro e Julho.

FREQUÊNCIA A TEMPO INTEIRO ATL'S

O pagamento da frequência a tempo inteiro em ATL'S no período de férias escolares e Julho, foi reduzido para 6.000\$00, aplicável a todos os inscritos em ATL'S, independentemente da sua utilização.

O valor será dividido em 2 prestações de 3.000\$00 pagáveis em Dezembro e Julho.

COLÓNIA DE FÉRIAS FECHADA ATL'S

O êxito e a adesão verificadas na Colónia de Férias de 1994 leva-nos a institucionalizar esta iniciativa que passará a realizar-se anualmente em data e local que serão anunciados com a devida antecedência.

Na medida em que para a época escolar de 1994/95 mantivemos quase sem alterações os escalões das mensalidades pedimos a melhor compreensão dos encarregados de educação para as medidas agora tomadas que visam não só a estabilidade económica da nossa Instituição como também a simplificação administrativa e a melhoria organizativa.

Lisboa, 1 de Setembro de 1994

A DIRECÇÃO

ASSOCIAÇÃO DE PROTECÇÃO A INFÂNCIA DA AJUDA
Instituição Particular de Solidariedade Social

Contribuinte n.º 501133860

Calçada da Ajuda, 35 - 1300 LISBOA ★ Telefone 364 78

Anexo A.14D

ENTREVISTA :

Identificação da Criança

Nome da Criança _____

Data de Nascimento ____/____/____ Idade ____

Residência _____ Telefone _____

Dados fornecidos por _____ Em ____/____/____

Identificação do Pai

Nome do Pai _____

Profissão _____ Habilitações Literárias _____

Residência _____ Telefone _____

Identificação da Mãe

Nome da Mãe _____

Profissão _____ Habilitações Literárias _____

Residência _____ Telefone _____

DIMENSÃO DO AGREGADO FAMILIAR

Quantas pessoas constituem o agregado familiar da criança? _____

☐ Pai

☐ Mãe

☐ Irmão n.º _____

☐ Irmã n.º _____

☐ Avó _____

☐ Avô _____

☐ Outra: _____

Encarregado de Educacao_____

Data de Nascimento_____

Morada_____

Profissao_____Firma_____

Habilitacoes_____

Telefone de Urgencia_____

ANTECEDENTES ESCOLARES DO ALUNO

Teve ama?_____Ate que idade?_____

Frequentou Creche?_____Em que periodo_____

Ficou ao cuidado da avo?_____Em que periodo?_____

Obs_____

HABITACAO

Vive em casa propria ou alugada?_____

andar moradia barraca ou auto contrucao c/familiares

casa de cooperativa camararia outras

quantas pessoas vivem na mesma casa?_____

A crianca tem quarto proprio?_____Tem cama propria?_____

se nao tem, onde dorme?_____

com quem dorme?_____

Obs_____

OUTROS DADOS IMPORTANTES

Quem vem buscar a crianca?_____

Quem vem trazer a crianca?_____

Com quem fica a crianca na ausencia dos pais?_____

HORARIO DA CRIANCA

Entrada_____

Saida_____

PSICO-MOTRICIDADE

Utiliza correctamente os talheres ? ☐ Sim ☐ Não

Com que idade começou a andar sem ajuda ? ☐ Não sabe

☐ 10 meses ou mais cedo: _____ ☐ 11 - 12 meses ☐ 12 - 14 meses ☐ 15 meses ou mais tarde

Distingue a mão direita da mão esquerda ? ☐ Sim ☐ Não

Utiliza com maior frequência para jogar à bola

a mão ☐ Direita ☐ Esquerda
o pé ☐ Direita ☐ Esquerda

PSICO-LINGUISTICA

Com que idade disse a primeira palavra com significado ?

☐ Não sabe ☐ 12 meses ou mais cedo ☐ 12 - 15 meses ☐ 15 - 18 meses

Quando começou a fazer frases ?

☐ Não sabe ☐ 18 meses ou mais cedo ☐ 18 - 21 meses ☐ 21 - 24 meses ☐ mais de 2 anos

Apresenta alguma dificuldade de comunicação ?

☐ Não sabe ☐ Gaguez ☐ Dificuldades de articulação ☐ Troca de palavras

Especificar: _____

PSICO-AFECTIVO

Com que idade deixou de usar fraldas durante o dia ?

☐ Não sabe ☐ 18 meses ou mais cedo ☐ 18 - 21 meses ☐ 21 - 24 meses ☐ mais de 2 anos

Com que idade deixou de usar fraldas durante a noite ?

☐ Não sabe ☐ 30 meses ou mais cedo ☐ 3 anos ☐ 3,5 - 4 anos ☐ 5 anos ☐ ainda usa

Como é o seu sono ?

☐ Não sabe ☐ Sem problemas ☐ Agitado ☐ Terrores nocturnos ☐ Dificuldade em adormecer

Quem se ocupou da criança após os três meses ?

☐ Não sabe ☐ Mãe ☐ Familiar: _____ ☐ Ama ☐ Emp^a Domestica ☐ Creche

A criança frequentou alguma Creche ou Infantário durante os três primeiros anos de vida ?

☐ Não ☐ Sim Qual ? _____

A criança manifestou algumas dificuldades de adaptação à Creche ?

☐ Não ☐ Sim Especificar: _____

Habitualmente, como passa a criança os fins de semana ?

☐ Na casa de um familiar próximo ou tido como tal ☐ Participando em actividades fora do lar

☐ Em casa ☐ Os pais costumam sair para fora nos fins de semana e levam consigo a criança

☐ Outros: _____

Qual é a sua brincadeira preferida ?

O que faz quando está sózinho ?

Em termos de relacionamento as suas preferências são por : _____

As rejeições são relativas a : _____

Separa-se facilmente dos pais ? ☐ Sim ☐ Não

Consegue partilhar e esperar pela sua vez ? ☐ Sim ☐ Não

Como reage quando é contrariado(a) ? Especificar: _____

Qual é o seu objecto preferido ?

Como se entretém habitualmente ,

Em casa _____

Fora de casa _____

Quanto tempo costuma dispôr para estar com o seu educando ?

☐ Mãe _____ ☐ Pai _____

Mencione três características que definem, na geralidade, o seu educando :

AUTONOMIA

Consegue comer sozinho(a) ? ☐ Sim ☐ Não

Consegue vestir-se (despir-se) sozinho ? ☐ Sim ☐ Não

Consegue abotoar-se ? ☐ Sim ☐ Não

Consegue dar os laços dos atacadores ? ☐ Sim ☐ Não

É independente na sua higiene pessoal ? ☐ Sim ☐ Não

Consegue desempenhar algumas tarefas caseiras ? ☐ Não ☐ Sim Especificar: _____

SAÚDE

Costuma ir ao pediatra

☐ Frequentemente ☐ Quando esta doente ☐ De 6 em 6 meses ☐ Uma vez por ano

Vê bem ? ☐ Sim ☐ Não

Ouve bem ? ☐ Sim ☐ Não

Quanto pesa ? _____ Quanto mede ? _____

Tem tido doenças ? ☐ Não ☐ Sim Especificar : _____

MEIO ESCOLAR

Matriculou-se pela primeira vez em ____ / ____ / ____ na Escola _____

Outras escolas que já frequentou: _____

Tem apresentado dificuldades de aprendizagem ? ☐ Não ☐ Sim Especificar : _____

Já repetiu algum ano ? ☐ Não ☐ Sim Especificar : _____

Como define o seu educando em termos escolares ? _____

Como define o seu educando em termos de comportamento ? _____

MOTIVOS e EXPECTATIVAS

Quais os motivos que o levaram a escolher este J. I. para o seu educando?

☐ Proximidade do local de residência

☐ Outros irmãos mais velhos (ou mais novos) que frequentam a APIA

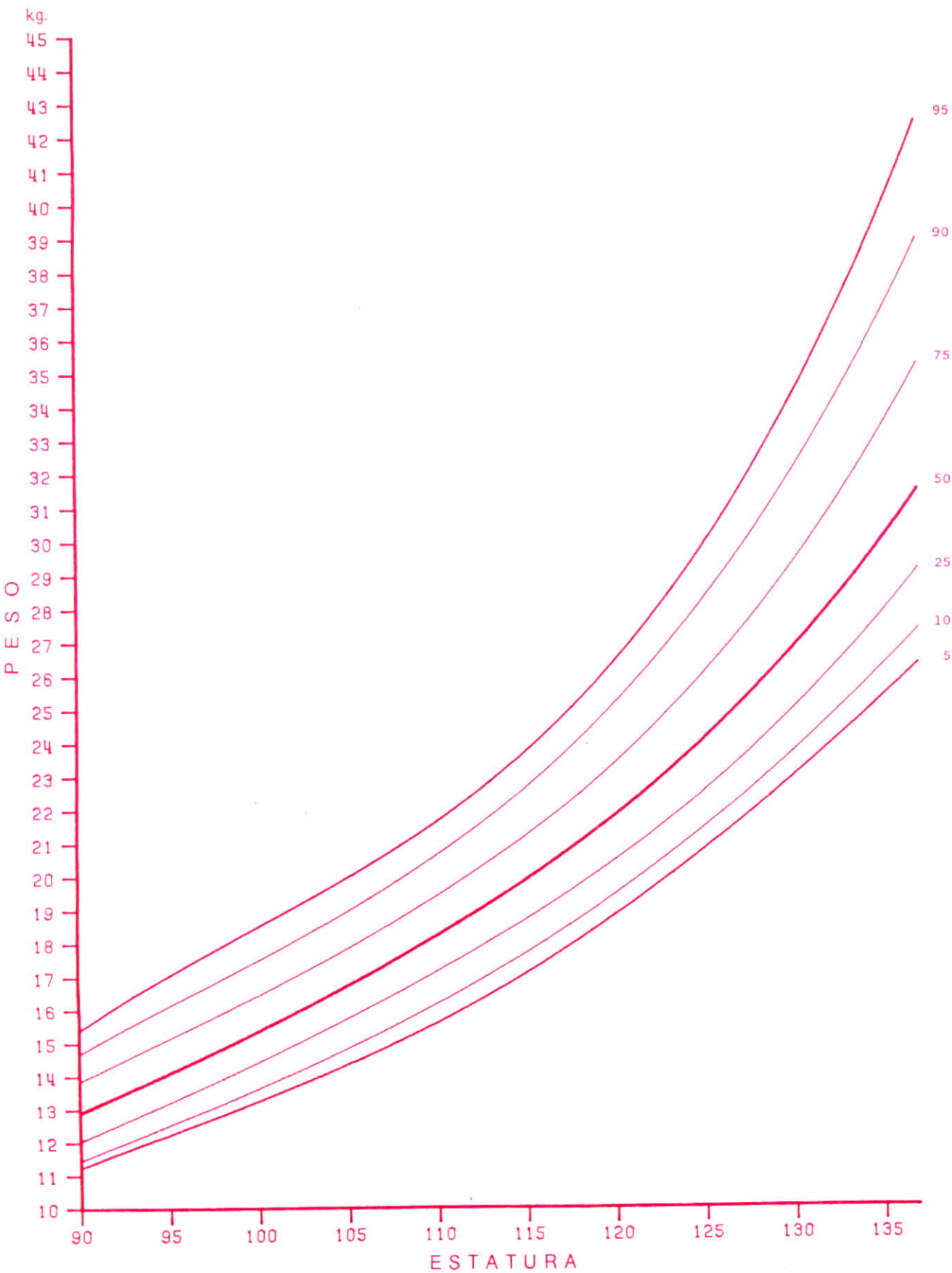
☐ Tinha boas referências desta Instituição Escolar

☐ Tinha boas referências dos docentes e restantes funcionários da APIA

☐ Outros: _____

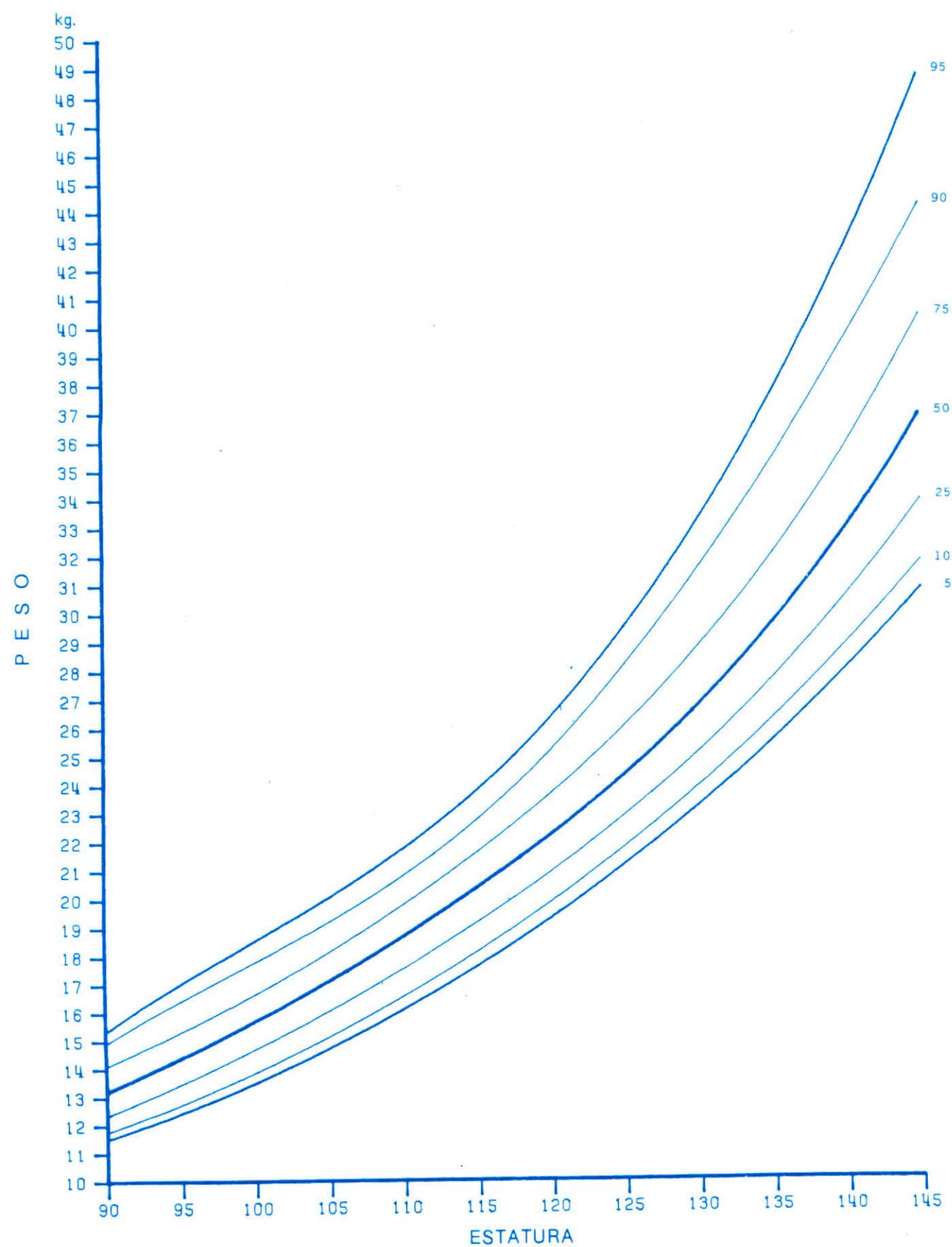
RAPARIGAS 2-10 ANOS

RELAÇÃO PESO-ESTATURA



RAPAZES 2-11 1/2 ANOS

RELAÇÃO PESO-ESTATURA



6 CARTA 2 DAS EMENTAS

(20 a 24 de Janeiro / 1997)



6 CARTAZ DAS EMENTAS

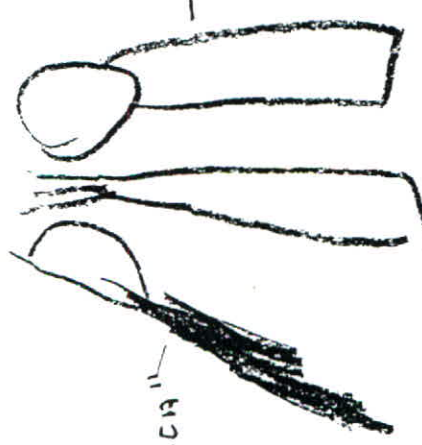
(14 a 18 de Abril/1957)

Bananas representadas / desenhadas



Alimentos trazidos de casa

— "cenoveinhas"



"A paca"

— "a colher"



— "o doce de cerejas"

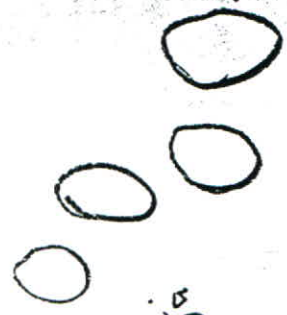


— "o copo com leite"



— "a casca do ovo"

— "o ovo estrepado"



— "a puxanga cortada"

— "muitas bexigas"



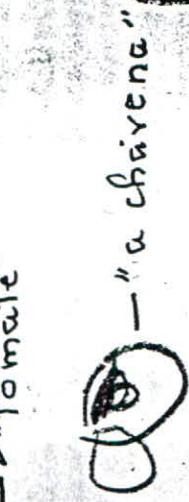
— "o guriço"



— "tomate"

— "o osso"

— "o banguinho"

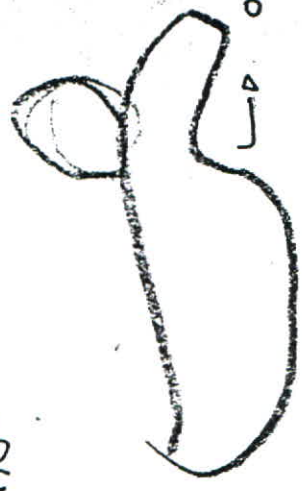


— "a chávena"



— "o prato"

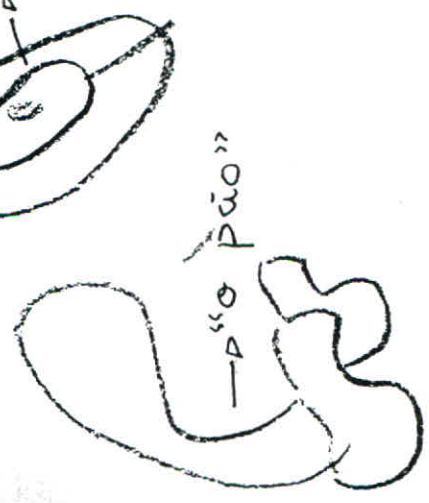
— "o sumo"



— "o café"



— "o leite"



— "o pé"



— "a taca"

4 A MINHA AVO COMPRA

logurte aromas LONGA VIDA emb. 4x125 gr.
173\$



logurte KID SPRINKL'INS
DANONE emb. 2x100 gr.

logurte peçugos

211\$



Sobremesa Tentações YOPLAIT emb. 2x130 gr.
266\$

→ "ontem eu comi"

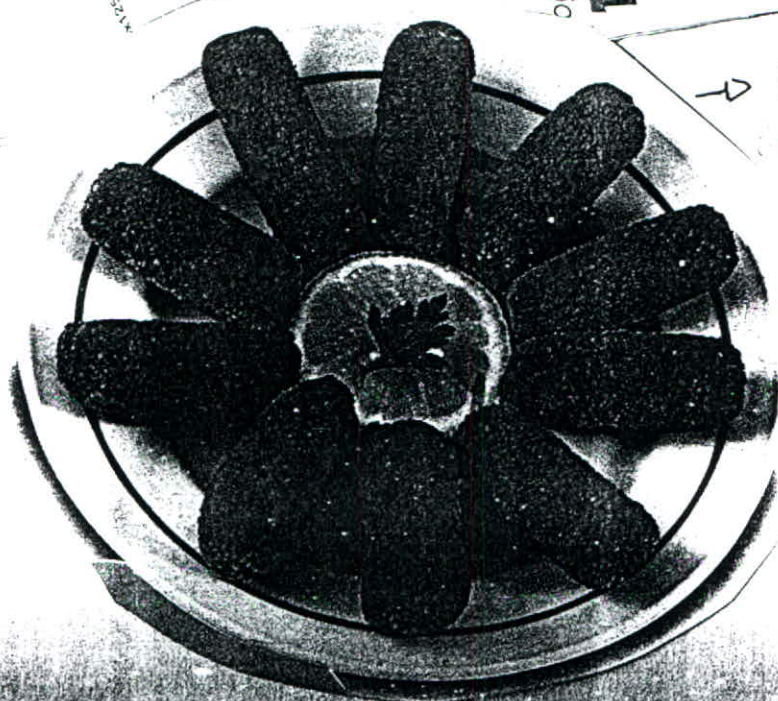
→ "Eu Gosto"

Leite UHT JUMBO gordo emb. Lt.



logurte natural YOPLAIT emb. 4x125 gr.

159\$



→ No trabalho da minha mãe eu comi um pastel

Anexo B.3

Texto sobre
OS
OURICOS

A mãe do
João Cruz
trouxe ouricos..

nós observamos..

Tem cá dentro
castanhas ... Tiago

ai, pica! Raquel

são picos Vera

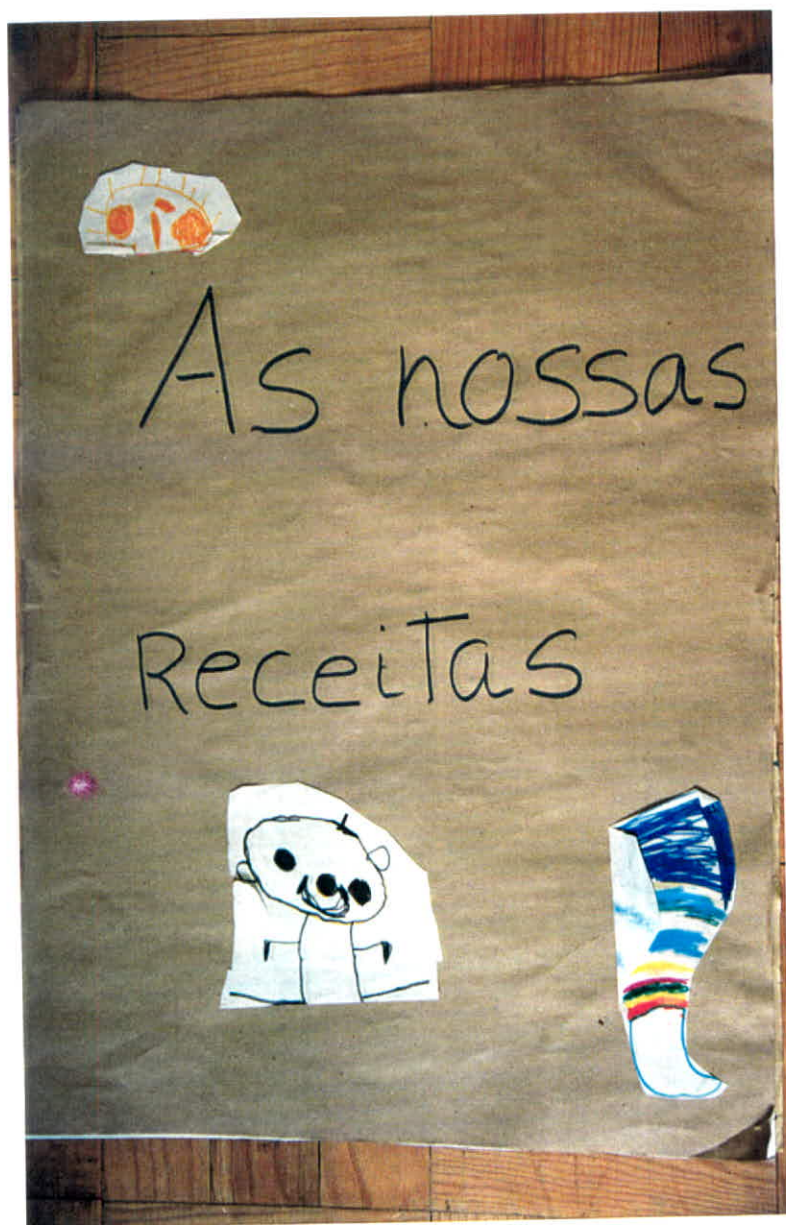
não tem picos
por dentro ... Ana Cristina

fizemos a casinha
das castanhas



As nossas Receitas

50 cm



70 cm

"Capa"

FIZEMOS BOLACHAS

PARA OS PAIS,
COMEREM NO
DIA DA REUNIÃO

RECEITA

- 200 gr FARINHA
- 200 gr MANTEIGA
- 100 gr ACÚCAR
- 3 GEMAS DE OVO
- RASPA DE LARANJA
- 1 PITADA DE SAL



"Página" 1



AMASSAMOS,

DEPOIS ¹ ESTENDEMOS
A MASSA E CORTAMOS
COM AS FORMINHAS
COZEU NO FORNO, DA

COZINHA



"Página" 2



Fizemos um bolo
de Leite ...



"Página" 3

A Ana ajudou
os meninos a
partirem os ovos.
Vera



Nós mexemos ...
Tem açúcar! Barbara



Fizemos com :

farinha ... Raquel



e açúcar ... Bárbara

levou muitos ovos
Gonçalo



e manteiga!

Fábio



a João mexeu, com a
colher de pau ... Barbara

falta o Limaão ... Raquel



"Página" 8



Fizemos salada
de fruta ...



A nossa salada
Levou :
banana



Tangerina

Laranja



pêra

anana's



limão



Kiwi



pêro

~~bolacha~~



SUMO DE LARANJA



Primeiro cortam-se
as laranjas...



Depois espreme-se

"Página" 6



Deita-se o sumo
nos copos



bebemas e faz-se
Tchim... tchim!

"Página" 7



Fizemos sumo de limão.

(TIAGO)

Laranja Também (JOÃO CRUZ)



Fizemos para beber. Eu gosto.

(JOÃO CRUZ)

A seguir bebemos o sumo. (TIAGO)

Eu bebi tudo. (NELSON)

bebi muito sumo.

(JOÃO CANELA)



REQUEIJÃO

1 LITRO DE LEITE



3 (Três) LIMÕES

DEITA-SE O LEITE NA
CAFETEIRA

ESPREME-SE O LIMAÕ
(ROLAMOS) GONCALO



E DEITA-SE O SUMO NO

LEITE. VAI AQUECER COM

O LIMAÕ (CHEIRA A MANTEIGA)
GONCALO

DEPOIS TAPA-SE E DEIXA-SE
FICAR PARA O OUTRO DIA.

"Página" 8



Fizemos pão para
o nosso lanche

Receita

1 Kg de farinha

1 de chá de sal

água morna

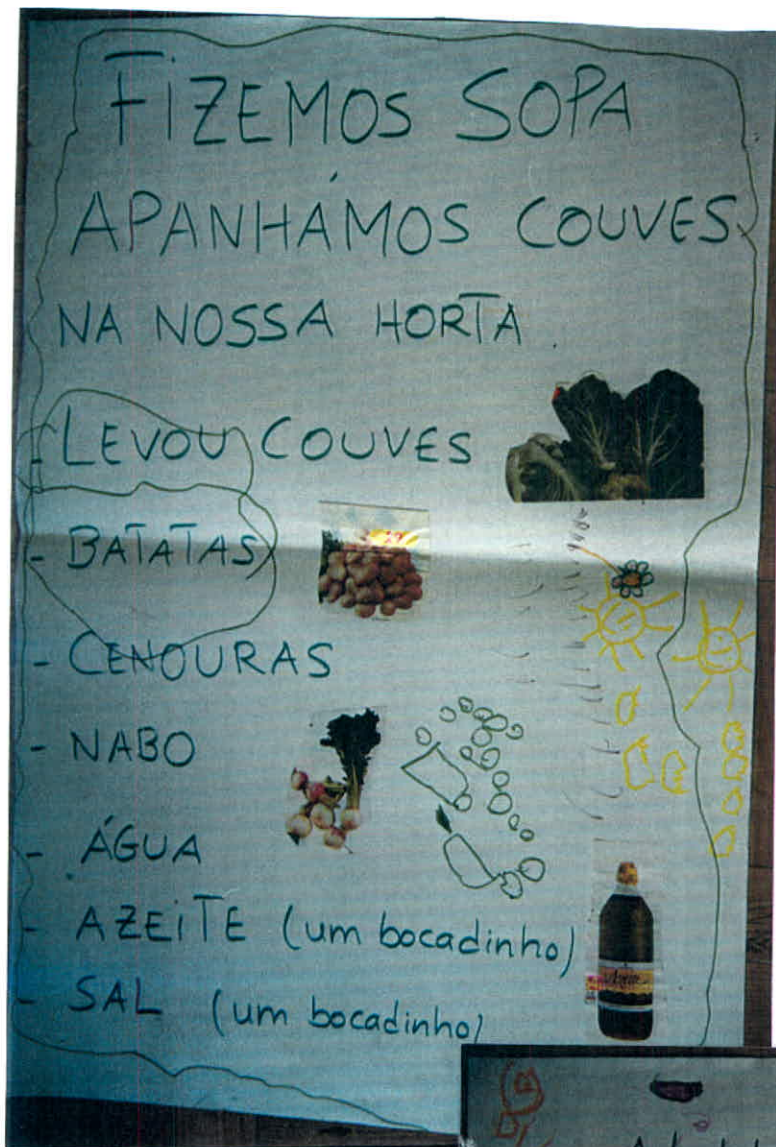
* Fermento padeiro
Amassa-se muito bem
e vai a cozer no forno
bem quente.

* Derrete-se muito bem o fermento
com um bacininho de água morna



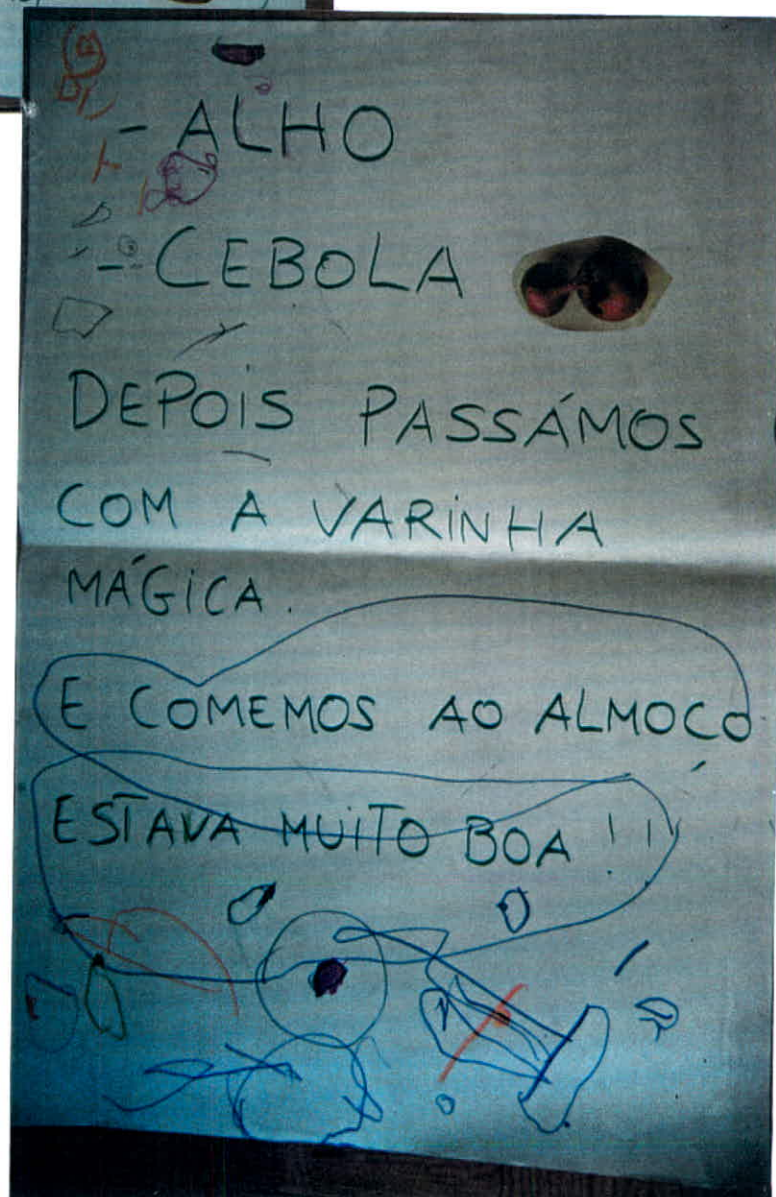
"Página" 9



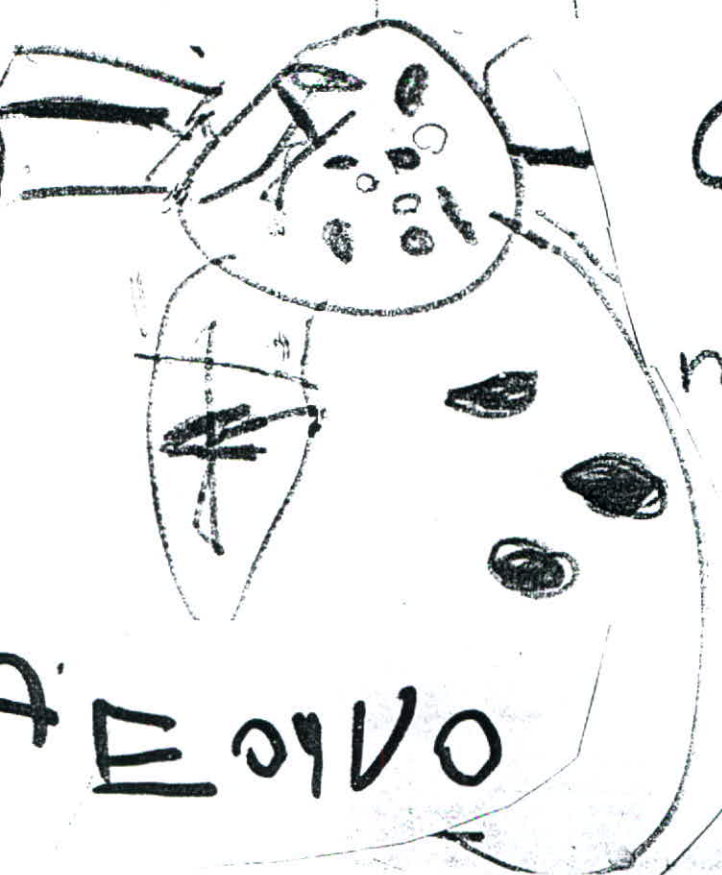


"Página" 10

"Página" 11



A mãe da Ana
Raquel, trouxe
Ameixas para os
meninos.
Nós comemos!
Eram muito boas.



Obrigado

meninos de Jom/Norir

Jom
92



A E 09/0

A avó do João
Cruz, trouxe um
Tronquinho com
Cerejas.

Ficámos a conhecer
um bocadinho da
árvore que da
Cerejas

Junho 92

Obrigado

meninos/João

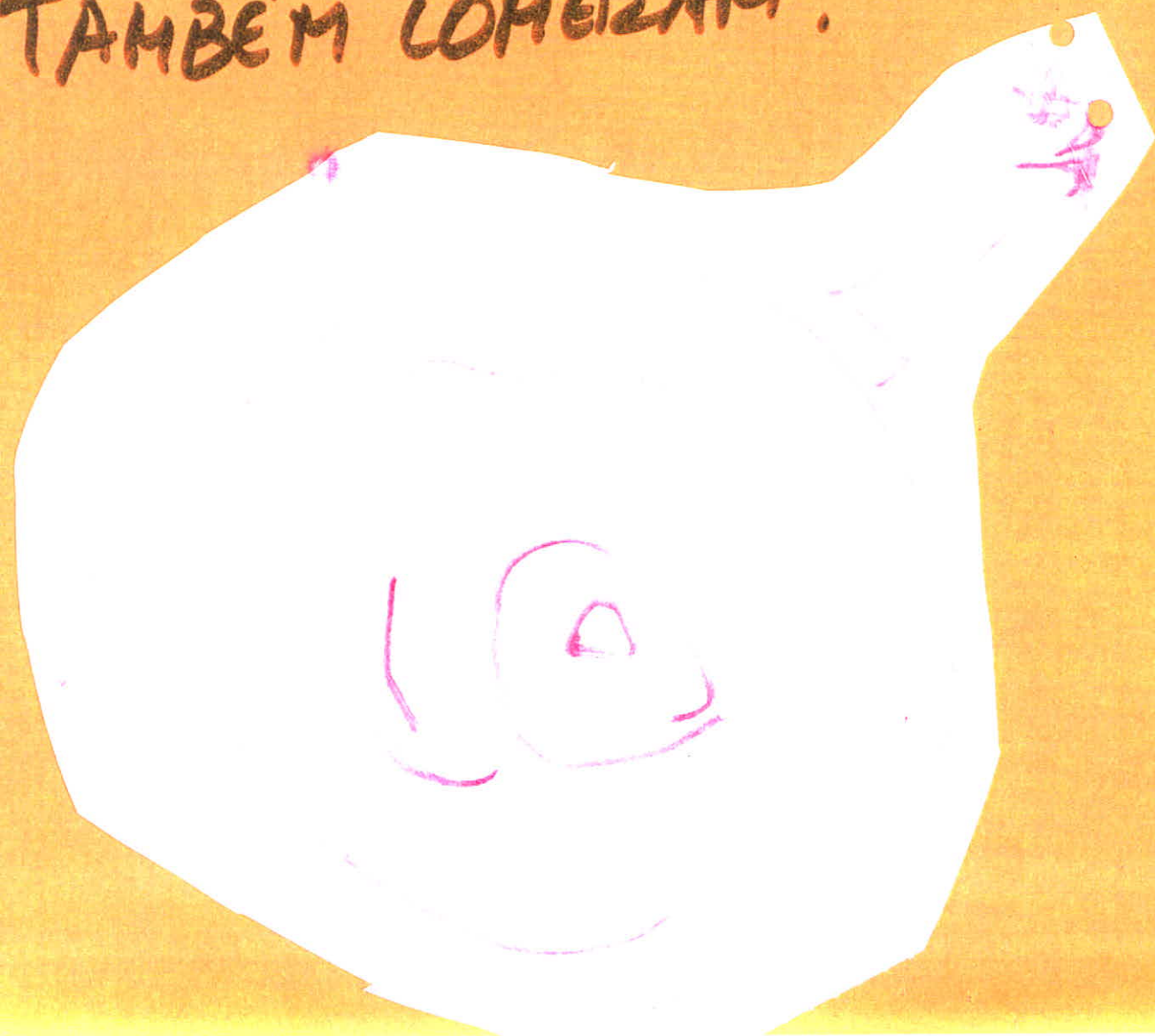
MARINA



PAI E MÃE

HOJE O NOSSO LANCHE
FOI MUITO BOM !...

COMEMOS CARACOIS,
FEZ A MÃE DA CATIA
AS SENHORAS CRESCIDAS
TAMBÉM COMERAM.



Anexo C.1

Entrevista com a Coordenadora Iva / Março 1997

Ana – É assim Iva, tenho vários tipos de perguntas para fazer. Umas são sobre os fornecedores, as compras, as quantidades e a conservação dessas quantidades.

Iva – Está bem.

Ana – Se quiser começar pelos fornecedores...

Iva – Quem é que nos fornece?

Ana – Fornece e como é que se chegou à decisão desses fornecedores. Se são da área... se não são... porquê?

Iva – Sim. Em princípio são todos da área. Todos não porque o dos legumes não é. Mas isto começou por serem todos da área. Depois, está claro, eu não apanhei todas estas fases, não é? Só há quatro anos é que estou nesta função. Sei que o da carne foi sempre daqui, foram sempre talhos da rua ou da praça. O peixe é um distribuidor... ai.... como é que ele se chama?

Ana – Gelmar.

Iva – Gelmar! Tivemos vários fornecedores. Eles vinham cá entregar. Nós fazíamos a encomenda e eles vinham cá com a carrinha sempre que era preciso. Ultimamente passou-se (porque não estava a satisfazer muito a qualidade do peixe) para a Doca Pesca. Através de um conhecimento, um senhor que se conhece, fornece-nos. É da Doca de Pesca.

Os legumes e as frutas, no princípio, éramos nós que íamos comprar à ribeira. As pessoas tinham que vir muito cedo. Depois implicava... as pessoas da direcção tinham que lá ir buscar tudo. Começou-se a fazer um contacto com um senhor que fornece também alguns jardins de infância aqui da zona. Chegámos a esse contacto através de outras instituições. Ele tem sido sempre o senhor dos legumes e da fruta.

Ana – A decisão das compras?

Iva – Das quantidades?

Ana – E o tipo de fruta? O tipo de peixe?

Iva – Elas geralmente conversam comigo sobre que tipo de peixe deve ser utilizado. Nós já sabemos muito bem, e elas também, o tipo de peixe que é cozido ou é grelhado, frito também. A carne é a variedade que nós usamos mais. Acabamos por usar menos a carne de porco. Usamos o frango e o peru, essas variedades são geralmente bem consumida nestas idades. Há outro tipo de carne que nós tentámos introduzir que era o fígado, iscas de fígado, mas eles essas coisas, humm... não gostam.

Ana – Não?

Iva – Não. É muito complicado. No princípio foi um bocado às apalpadelas. Foi mesmo assim. As pessoas também não tinham muita formação. As pessoas que estavam na cozinha não tinham uma grande experiência para cozinhar para jardim de infância. Era um bocado aquilo que se fazia em casa para os filhos, não é? E depois acabamos por adaptar. Está claro, nestes últimos anos temos tido realmente algum aconselhamento, não é?

Ana – De que tipo?

Iva – De saúde. Através do Centro de Saúde temos alguma informação sobre...

Ana – Nutrição?

Iva – Sobre nutrição. Há uns três ou quatro anos tivemos aqui uma acção de formação sobre o tipo de gorduras a utilizar e foi nessa altura que dominámos um pouco mais os perigos.

Ana – Os perigos?

Iva – Fomos um pouco mais sensibilizados para isso. Fazer os guisados em cru, cozidos, grelhados, coisas no forno, pronto.

Ana – As coisas serem logo temperadas em cru, não é?

Iva – Pois, não fritar muito a cebola. A carne assada é tudo posto em cru.

Ana – Quando começaram a trabalhar com o Banco Alimentar?

Iva – Já há bastante tempo. Fomos logo das primeiras instituições, por isso... o Banco Alimentar deve ter cinco anos... deve ter cinco anos. Eles fizeram os contactos com as instituições todas. Eles é que vieram ter connosco. Preenchemos o inquérito, ainda foi no tempo da T. Foi o último ano que a T. esteve aqui com coordenação.

Ana – Foi mais ou menos, mil novecentos e noventa e dois...

Iva – Cinco anos, portanto estamos... em noventa e seis, não é? Noventa e seis. Preenchemos o inquérito que eles traziam e depois foi dada a aprovação, para sermos beneficiários. Eles disseram que sim. Começámos a receber os fornecimentos que era a *box*. Era idêntico ao que é agora. É a *box* uma vez por mês. Os excedentes que lhes vão sendo distribuídos ao longo do mês, eles vão fazendo a distribuição.

Ana – E a *box* é composta de quê?

Iva – Também temos uma ficha. Todos os meses temos que enviar atempadamente até ao dia vinte de cada mês, tem que lá chegar para o mês seguinte, onde dizemos o número de crianças e as refeições que fazemos. Está claro que isto é mais um proforme, no princípio até vinha quantos quilos de açúcar é que precisa. Era muito mais lógico, mas eles também só podem dar aquilo que têm portanto, acabam por distribuir aquilo que têm por todas as instituições. Está claro que não vai bater certo com as necessidades, não é? Mas é aquilo que eles têm porque no princípio nós fazíamos isso muito rigoroso: precisamos de não sei quantos quilos de arroz por mês, açúcar, os consumos que nós tínhamos, não é? Só que depois acabavam por não nos mandar isso porque eles viram que não podiam cumprir. No princípio, quando éramos menos instituições, ainda dava. Nós trazíamos a *box* muito bem fornecida, pronto, chegava e sobrava. Depois começaram a distribuir por mais instituições, está claro, e aquilo que lhes dão também não é assim tanto. Por isso é que eles têm que fazer a campanha porque os produtos vão esgotando. Quando eles vêem que aquilo está a ficar a um nível muito baixo, lá fazem a campanha, lá repõem outra vez os produtos, não é? Portanto, nós mandamos a lista só para confirmar mais se continuamos com o mesmo número de crianças e se são o mesmo número de refeições. Depois eles, mediante isso, mandam. Por exemplo: se há algum produto que nós não queremos mesmo, pronto, podemos dizer. Por exemplo, não queremos chocolate, não precisamos... sei lá, qualquer coisa que escusam de pôr, que depois nós rejeitamos.

Ana – E há algum produto que a associação rejeite?

Iva – Nós não rejeitamos porque acabamos por os encaminhar a todos, não é? Não, nós não rejeitamos nada. Não. Às vezes quando eu vou lá, e já tenho uma grande confiança e vejo, no momento, que realmente aquilo não tem utilidade nenhuma,

ou então haverá outra instituição que poderá levar aquilo, que para nós não vai servir... no momento eu digo.

Ana – Que tipo de alimentos eles fornecem? As massas?

Iva – Todas as massas, farinha, açúcar, tomate em calda, arroz, leite, conservas, salsichas, atum, doces, compotas, etc..

Ana – Congelados?

Iva – Congelados, bastante. E depois também têm dado carne, peixe congelado, depois é as pizzas, batatas fritas pré-congeladas e pré-fritas ou como lá eles chamam aquilo, azeite... óleo...

Ana – Sal?

Iva – Sal nem por isso, por acaso sal não, é muito raro. Não sei porquê mas sal não. As maioneses, os molhos, às vezes é o que chega lá, mais porque também aquilo não são bens de primeira necessidade e então não tem tanta saída muitas vezes. Também depende muito, se estamos no Verão, isso consome-se mais nos supermercados. No Inverno há uma quebra. Então no Inverno, é quando nós recebemos mais maioneses, molhos, essas coisas de salada porque depois os prazos começam a ficar no limite e então, antes que os prazos expirem, eles mandam-nos. Depois dão também as frutas.

Ana – Mandam também as frutas?

Iva – Fruta, mas isso não pertence à *box*. Isso já são excedentes que fazem parte dos produtos especiais do mês.

Ana – Pois.

Iva – Mandam as frutas, legumes. É o tomate que ainda agora fomos buscar e vamos quarta-feira buscar outra vez. A fruta é variada, mais excedentes, agora é de kiwis pelos vistos. Agora houve uma entrega que não nos foi possível ir buscar mas na quarta-feira é outra vez de kiwis. Outras vezes é laranjas, maçãs...

Ana – Esses alimentos que são fornecidos pelo Banco Alimentar fazem alterar um bocado todos os meses a lista de compras, não é?

Iva – Sim, porque nós depois também compensamos um bocado com as encomendas que fazemos. No nosso fornecedor habitual, nós podemos cancelar. Por exemplo, temos muito fornecimento de maçãs, a Matilde em vez de fazer a encomenda não faz, encomenda outra fruta. Outras vezes é tanta que chega para uma semana.

Por vezes até se cancela e só se consome a maçã para dar vazão a isso.
Geralmente ela faz com que se altere.

Ana – Altere?

Iva – Se há muita maçã... pede-se pêra ou banana, conforme a época.

Ana – Eu sei que a Iva faz compras, às vezes, no Jumbo.

Iva – No Jumbo e no Minipreço, agora.

Ana – De alimentos?

Iva – Sim, é a tal coisa que eu disse, como não vem aquilo que nós precisamos para o mês todo: vêm seis quilos de açúcar e nós precisamos de dez, ou de mais arroz. Essa diferença é que é comprada por nós. A Matilde faz a contagem dos produtos que são necessários quando vêm do Banco Alimentar e diz-me: "Olhe, faltam seis quilos de arroz. Conforme é a diferença é que nós compramos ou no Continente ou no Minipreço. Agora, ultimamente, mais no Minipreço, os preços são mais acessíveis.

Ana – Tem um registo do que é a *box*, o que vem e depois o que se compra?

Iva – Sim.

Ana – Eu depois posso consultar?

Iva – Pode. E a Matilde, por exemplo, dá baixa dos produtos que saem da cozinha. Saem não sei quantos de arroz, vai registando isso e depois temos o total do que vem na *box*.

Ana – Isso é bom. Tem as saídas portanto, não é?

Iva – Sim, isso houve uma altura em que ficou muito bem feito. Durante um tempo tivemos uma pessoa na secretaria a substituir a Antónia. Agora tem havido um bocado de dificuldade. Eu, sinceramente, não consigo estar a fazer o inventário daquilo tudo, perco imenso tempo. Dou-me conta que as coisas não estão muito rigorosas nesses aspectos, mas tenho confiança.

Ana – Pois.

Iva – Mas nessa altura estavam muito bem. No computador era muito fácil e estava a sair muito bem. Depois a Antónia veio e não conseguiu fazer aquele acompanhamento. Se houvesse dois computadores, com certeza era mais fácil, eu também podia ter feito esse trabalho. Agora ali, naquele espaço, eu não consigo trabalhar com a Antónia no computador. A outra rapariga elaborou aquilo

muito bem. Eu, todos os meses, dava-lhe as folhas do Banco Alimentar, ela introduzia no computador, não é? Todos, todos, depois as compras que fazia no Minipreço ela introduzia. Depois, ao final do mês, conforme as folhas que elas mandavam das saídas na despensa, ela introduzia outra vez e dava os totais. Até sabíamos muitas vezes quais eram as faltas, o que é que se tinha consumido mais, o que é que não. Isso correu bem durante três ou quatro meses, depois... Isso estava a funcionar muito bem, nem era muito trabalhoso sequer. Depois, mediante o resultado nós íamos, então, uma vez por mês à despensa e com a ajuda da Matilde íamos conferir. Pronto, há isto, aqui não confere, há muito menos açúcar, vejam lá o que se passou, pronto, às vezes também não se regista muito bem. Era um bocado para haver um controlo, se as saídas correspondem aquilo que é real.

Ana – Claro.

Iva – Nestas instituições nós temos que ter isso, assim um bocadinho de cuidado nisto.

Ana – Claro.

Iva – Também não havia grandes coisas. Mas era bom e ultimamente não se tem feito muito isso. Realmente não se tem feito nada.

Ana – Relativamente à conservação dos alimentos, tem algumas dificuldades porque não têm muito espaço, não é?

Iva – Já temos criado muitos espaços, muitos buraquinhos.

Ana – Têm quatro arcas neste momento, não é?

Iva – Hum! Uma, duas, três,... três arcas, um armário frigorífico, dois frigoríficos, hum... penso que é isso.

Ana – Por isso o stock tem que se despachar?

Iva – Pois. Por exemplo, quando vamos ao Banco Alimentar, eles mandam muitos congelados, carne ou gelados e nós sabemos a capacidade. Eu, às vezes, quando vou, digo assim: “Matilde, como estão as arcas?”, porque depois não vou trazer, se aquilo se vai estragar, não é? Às vezes digo lá “Olhe isso não, nós só temos capacidade para levar isto. Mais que isto não porque se vai estragar”. Eles, então, dão a outra instituição, ou da próxima vez eu trago, ou passo lá daqui a mais uns dias. É assim que fazemos.

Ana – Qual a periodicidade dos fornecimentos?

Iva – O mensal é fixo. Os outros é conforme. Pode haver uma semana em que não nos telefonem a dizer nada. Pode haver uma semana em que nos telefonam duas ou três vezes. É conforme aquilo que chega.

Ana – E muitas vezes é só um produto, como foi agora a fruta?

Iva – Não, quase nunca é só um produto. Mas pode variar de um a dois ou cinco e seis produtos.

Ana – Os outros fornecedores, sem ser o Banco Alimentar, qual é a periodicidade dos fornecimentos?

Iva – O peixe não é semanal, o peixe é quinzenal e a carne também. Os legumes é semanal. As compras do Minipreço é mensal. E depois do Banco Alimentar, o que se faz é pouco. É raro as vezes que se fazem mais compras. Só por algum motivo, a quebra de um produto e, então, eu vou ter que ir mais de uma vez. Quando é as festas, quando coincide haver mais de uma festa por mês, ou uma saída, então, vou lá. Mas geralmente é uma vez por mês.

Ana – E também fazem distribuição? Quando há muita quantidade, também distribui pelas famílias, não é?

Iva – Pois. Distribuo agora porque temos esse compromisso. Agora é um compromisso. Antes de haver esse compromisso de fazer os cabazes, que eles chamam os cabazes para as famílias, nós já dávamos a algumas famílias porque achávamos que elas tinham necessidade. Não havendo nenhum compromisso com o Banco Alimentar, fazíamos isso. Recebíamos de tal maneira que permitia... Então nós dávamos a certas famílias, mesmo sem haver nenhum contrato. Neste momento há uma supervisão da Segurança Social. Eu quando recebo e aquilo que envio para as famílias... eu tenho uma requisição que preencho e tem que ser enviada para o Banco Alimentar. Nós ficamos com o duplicado e mandamos um original para o Banco Alimentar. Um fica no Banco Alimentar, outro ainda vai para a Segurança Social.

Ana – São quantas famílias?

Iva – Agora são quinze. Neste momento são quinze.

Ana – Levam semanalmente ou mensalmente?

Iva – Não. Mensalmente levam sempre e, depois, é a tal coisa, varia. Se eles nos mandam muitas coisas, eu vou contactando as famílias. Se são dos pais dos

meninos que frequentam o jardim de infância, ao fim do dia a Dona E. (é que está encarregue disso) diz: “Olha, há coisas lá dentro para levarem...”. Pode ser fruta, pode ser leite. Depende do que é que há e do que é que vem. As outras famílias, que não pertencem à instituição, eu tenho o contacto telefónico e digo “Olhe, pode cá vir”.

Ana – Quer dizer que há famílias que não são do jardim de infância?

Iva – Há sim. Nós temos famílias de ciganos, temos duas famílias do bairro dos cabo verdeanos e ainda temos umas cinco ou seis famílias que não pertencem... que não têm ninguém aqui a frequentar a associação. Foram pedidos que foram feitos.

Ana – Como é que o Banco Alimentar chega a essas famílias?

Iva – Geralmente é assim: As pessoas vão ao I.A.C., vão-se queixar que têm problemas, querem também inscrever os seus filhos numa instituição e não há vagas. Estão com dificuldades, não têm alimentação que chegue para dar aquelas crianças e dirigem-se ao I.A.C.. O I.A.C., por sua vez, encaminha para aqui para inscrevermos os meninos, para ver se há vagas, não é? Também encaminha para o Banco Alimentar. As pessoas não devem dirigir-se ao Banco Alimentar directamente. Há lá sempre uma grande confusão... iam lá directamente pedir alimentos e o Banco Alimentar não dá directamente alimentos às pessoas. O Banco Alimentar dá às instituições e as instituições organizam-se e distribuem. É assim agora.

Ana – Mesmo de cá, a Matilde e a Ivone dão sopa a algumas famílias ao fim de semana?

Iva – Sim, também à Dona M. Neste momento é a ela. Nós demos durante muitos anos a uma senhora que teve cá os filhos. Depois tiraram-nos de cá... até foi um caso complicado. Foram para a Santa Casa, foram para um internato. Ela não tinha condições. Ficou sozinha mas nós continuámos a dar. Mas a essa era diariamente, todos os dias vinha cá buscar a sopa e algum bocado de comida que houvesse.

Ana – E era o que eles comiam?

Iva – Era, era. Nesse momento os meninos já estavam entregues. Só iam passar o fim de semana com ela e nós ainda fizemos isso durante um ano e tal. Nós fizemos

isso. Depois ela também deixou de aparecer. Resolveu a vida mas também não veio cá dizer mais nada. Desapareceu e nós deixámos de lhe dar. A Dona M. também, ao fim de semana, além de levar do Banco Alimentar, nós fazemos para essa senhora mais um acréscimo: damos-lhe a sopa para o fim de semana.

Ana – Deixe ver se eu percebi bem. As coisas do Banco Alimentar são distribuídas às pessoas mensalmente e depois sempre que há excedentes...

Iva – Agora eu ainda não fiz isso, mas há ali tanto tomate, que eu tenho que despachar aquilo na quarta-feira.

Ana – Tomate fresco?

Iva – Sim, tomate fresco que vou ter que distribuir às famílias. Há de vir também kiwis e não sei o quê. Vai coincidir com a *box*, mas podia não coincidir. Eu tenho que fazer essa distribuição.

Ana – E a associação sempre teve esse carácter de colaboração com as famílias mais carenciadas?

Iva – Eu acho que sim, desde o princípio, só que com organizações diferentes. No princípio era a cooperativa, funcionou aqui ao fim de semana. Isso eu sei por me contarem. Não sou desse tempo. Eu acho que logo após a ocupação, organizaram-se aqui ao fim de semana... funcionava como uma cooperativa onde as pessoas vinham comprar produtos a muito baixo preço: bacalhau, azeite, batatas, cebolas. Não sei qual era o tipo de fornecimento. Não sei dizer como é que isso se organizou, não sei. Sei que se chamava cooperativa. As pessoas vinham aqui ao fim de semana. Só funcionava ao Sábado. Então, as pessoas vinham aqui adquirir produtos que havia mas com preços muito simbólicos. Durante um tempo funcionou assim, mas depois começou a correr mal... mas durante um tempo foi isso assim.

Ana – E a Iva não está cá desde o princípio?

Iva – Não, eu estou desde oitenta.

Ana – Desde oitenta, mas ainda encontrou muitas pessoas desse tempo?

Iva – Sim, encontrei as pessoas quase todas.

Ana – Encontrou o P.?

Iva – O P., a A., a M. e depois outras pessoas, mesmo da direcção, que pertenceram a essa altura da ocupação.

Ana – Que alterações acha que tem havido na organização?

Iva – Ai, imensas!

Ana – Imensas?

Iva – Sim. Pronto, houve sempre uma direcção para se formar como uma associação, não é?, Havia a direcção só que, quem era o presidente da direcção era o P. que também acumulava ser educador, que no princípio não era, fez o curso em pós-laboral. Mas ele geria tudo, ele tinha tudo na mão. A parte burocrática, tudo isso. Tinha uma pessoa da secretaria também, mas ele é que sabia lá essas coisas todas da organização Depois havia os educadores que não eram muitos. Não havia um educador por sala. Nessa altura havia uma educadora que era a A., todos os outros estavam em formação ou não eram educadores. Eram auxiliares.

Ana – Havia três salas?

Iva – Sim, havia três salas só e uma aula de A.T.L.. Isso houve sempre com muito poucas crianças. Nos A.T.L. havia sempre poucas crianças. Não havia uma coordenadora, o P. acumulava tudo.

Ana – Pois.

Iva – Na altura em que ele se foi embora é que se começaram a ver as coisas que eram precisas porque ficou muita coisa pendurada.

Ana – O P. foi embora em oitenta e quatro?

Iva – Sim, porque a T. entrou em oitenta e quatro, sim penso que sim... quatro anos que eu estive cá de oitenta a oitenta e quatro e depois entrou a T... foi mais ou menos isso, eu posso confirmar. Não sei a data certa, posso estar a enganar. Nessa altura ele saiu da associação. Deixou a direcção e deixou uma série de coisas. Ele tentou organizá-las, não saiu assim... Ele teve a preocupação de passar todos esses passinhos que era preciso dar mas, está claro, as pessoas que ficaram... balançou um bocadinho nessa altura a coisa aqui na associação. Balançaram bastante. Então achámos necessidade de criar... chamámos a representante dos trabalhadores, que era uma educadora que estava no directo com as crianças mas que fazia um tipo de coordenação. Isso fez-se durante dois ou três anos. Era muito complicado porque estava constantemente a ser interrompida porque era um telefonema, era uma carta que tinha que se fazer, era um assunto interno entre trabalhadores e lá ela tinha que sair da sala e vir

resolver. Era os horários. Depois começou o grupo de crianças a aumentar e a ter que se organizar essas coisas... saídas, quintais, recreio, os dormitórios e isso também prejudicava um bocado o trabalho. Depois ela tinha que vir às reuniões de direcção... era muita coisa. Depois, quando entrou a T., não foi logo no primeiro ano, foi para aí no terceiro ano... isto primeiro rodou a quase todas as pessoas, achámos que a T. deveria ficar na coordenação. Então, veio uma pessoa para o lugar dela, salvo o erro foi a C... Foi a C. e a T ficou só com a coordenação.

Ana – E já se fazia uma coordenação pedagógica?

Iva – Pedagógica? Toda a coordenação da escola.

Ana – Isto também deve ter sido quando se transformaram numa I.P.S.S., não?

Iva – Eu até trouxe aqui. A Ana até pode consultar isto para ser mais rigoroso, porque há coisas que eu sei mas assim... está aqui quando foi formada como associação, isso está aqui tudo.

Ana – Sim, porque eu lembro-me que estas casas tiveram que ser transformadas em I.P.S.S. para terem um enquadramento legal.

Iva – É, mas isso está aqui nos papéis.

Ana – Ficaram dependentes do ministério dos Assuntos Sociais?

Iva – Mas isso está aqui e a Ana pode ter acesso a isso para não estarmos a dizer coisas que podem não estar correctas.

Ana – E ao princípio os meninos onde almoçavam? E quem é que era o pessoal que fazia a alimentação?

Iva – Foram os educadores, educadores ou responsáveis de sala. Nós não tínhamos auxiliares. Cada sala tinha um responsável, podia ser um educador ou auxiliar. Eu, por exemplo, quando vim para cá era auxiliar mas tinha uma sala só para mim. Não tinha ninguém a ajudar-me. A M. também não. O P. também não e a A. também não. Era um adulto por sala.

Ana – E o número de crianças?

Iva – Eram quinze por sala, mas eu nunca tive muito menos. Nunca. Desde oitenta, pelo menos, não me lembro. Eu, quando vim para cá para a sala dos três anos, tinha dezanove meninos e depois tinha vinte e dois, depois tive dezoito, depois... variou mas sempre a rondar os vinte.

Ana – E eles almoçavam nas salas?

Iva – Sim e os meus dormiam na sala. Pelo menos os primeiros três anos que eu tive meninos comiam e dormiam na sala. Nesta sala aqui da lareira.

Ana – Funcionava como sala de actividades?

Iva – Era sala. Era escura, não era nada como é agora. Se fosse assim, era muito bom. Mas não... e dormiam lá. Tinha que levantar todos os dias os colchões, levantar e limpar as mesas, antes disso. Depois voltavam para a sala para dormir.

Ana – E quando chovia?

Iva – Olhe, não sei, não sei.

Ana – Ficavam ali num cantinho?

Iva – Acho que ficava na sala com eles porque eu saía às seis horas. Nós saíamos às seis, todos. Entrávamos às dez horas. A não ser o P. que não sei qual era o horário que ele fazia, mas saíamos todos às seis.

Ana – Acompanhavam-nos o dia todo. Eles almoçavam na sala...

Iva – Sim. Eles depois saíam até às sete. Por isso, só ficavam no fim do dia com a Cel. que ficava com todos até às sete horas.

Ana – Com todos os meninos que eram nessa altura para aí uns setenta?

Iva – Sim... não... não chegava. Tinha mais alguém para o fim do dia. Sempre houve alguém para o fim do dia. Por isso havia duas pessoas... mais a pessoa da limpeza e por isso eram três pessoas ao fim do dia.

Ana – A decisão, depois, de eles começarem a almoçar fora das salas?

Iva – Isso foi muito recente.

Ana – Isso é recente?

Iva – É recente. Eles estão a almoçar aqui no refeitório há dois anos.

Ana – Há dois anos?

Iva – Pois.

Ana – O que era nessas salas?

Iva – Eram dormitórios.

Ana – Era dormitório? E o que é que funcionava no dormitório actual?

Iva – Naquele dormitório... era uma sala de fim de dia e de manhã, no Inverno, em vez de virem aqui para tão longe. Nos dias de Inverno, como eram poucos meninos, ficavam ali naquela sala. Era ali a recepção dos meninos. Depois pensou-se em

fazer aqui o dormitório por causa das camas que ficavam assim tão sujas, tão cheias de comida no chão. Não temos muito pessoal de limpeza, são duas pessoas. As educadoras também se queixavam porque tinham que limpar as salas e não tinham nunca as salas em condições. Elas agora para além de darem os almoços, depois dão um jeito às mesas. Depois vem a E. ou a D. e lavam o chão. Não tínhamos uma pessoa na sala para fazer isso. Então, elas tinham que fazer. A hora de almoço ficava completamente descontrolada porque, às vezes, só tinham meia hora para almoçar e então começaram a queixar-se ao fim de uma série de tempo: “Ai, isto não pode ser”. Achámos esta solução que tem convenientes e inconvenientes, como todas as outras.

Ana – O que é que gosta mais?

Iva – Eu nunca tinha funcionado com refeitório. Já tinha visto noutros sítios, mas aqui não tínhamos funcionado ainda com refeitório. Eu penso que para isto funcionar bem como refeitório tinha que ser um bocadinho maior. Penso eu. Os inconvenientes que eu vejo é o bocado de turbulência que isto cria, não é? É o barulho. Pronto, eu não estou aqui muito à hora do almoço, mas para o ano vou estar, não é?

Ana – Pois.

Iva – Para o ano vou estar. Às vezes mete-me um bocado de aflição o barulho.

Ana – O barulho?

Iva – Somos nós também que não proporcionamos calma, é isso? Ou é impossível não haver barulho? Não cheguei bem a uma conclusão.

Ana – Eu também sou muito sensível ao barulho. Incomoda-me.

Iva – Incomoda-me bastante. A mim incomoda-me muito... Esse eu acho o inconveniente maior. Embora eu ache que, estando todas as pessoas juntas, poderia haver uma partilha e uma ajuda maior. Não sei se isso se verifica.

Ana – Pois.

Iva – Porque as pessoas, por muito próximas que sejam, às vezes isolam-se. Vou tratar dos meus meninos... O outro menino que está ao lado, se tiver problemas e estiver a chorar e se eu tiver mais disponível não o vou buscar à mesa. Eu acho que isso era importante, não é? Essa colaboração... não era a minha hora, dos meus meninos, mas a hora de todas nós, não é? E mesmo na falta de uma colega

podermos partilhar essa tarefa. Às vezes é um bocado complicado fazer passar isso para as pessoas, não é?

Ana – Mas eu acho que é melhor assim: não comerem no espaço das actividades, não acha?

Iva – O inconveniente que eu acho é esse. Porque não sei qual é a fórmula de criar um espaço um pouco mais calmo de refeições. É um bocado complicado porque eles... não sei... porque na sala, e eu tinha aquela sala da C,, eu nunca me queixei e dei sempre os almoços sozinha. Nunca tive ninguém que me fosse buscar absolutamente nada. Era eu e os meninos. E eu tinha tempo de fazer o registo, eu estava sentada na minha mesa ali ao lado. Eu estava sentada e falava com eles e registava coisas que eles diziam durante a refeição e tinha tempo para limpar as mesas com eles. Depois ia fazer a minha hora de almoço e nunca andei assim a correr e não sei quê, não sei que mais. Tinha tempo para fazer coisas com eles. Às vezes até almoçava com eles. Se não almoçava tudo pelo menos a sopa. Sentava-me à mesa com eles a comer a sopa. Depois o resto ia comer na cozinha, mas tinha tempo para tudo. Eles também se serviam sozinhos. Eles iam buscar as coisas, ajudavam a limpar as mesas, levavam os alguidares, nunca tive grande confusão à hora do almoço e tive alguns meninos que comiam muito mal. Tive alguns grupos que eram terríveis para comer, mas nunca senti assim muita dificuldade em me organizar com eles. Eles colaboravam imenso.

Ana – O refeitório está mais perto da cozinha, não é?

Iva – Pois. A deslocação era um pouco penosa tanto para os meninos como para nós. Quem estava nas salas lá ao fundo a deslocar tudo isto... parece que não mas, ao fim de uns meses e de uns anos, as nossas costas sofriam bastante com isso. Depois eles para levarem as coisas também lhes custava. Tínhamos que ser nós a ajudar porque eram aqueles baldes cheios de loiça pesadíssima e não sei quê. Eu não sei se fiz muito mal em organizar isto assim... é como tudo, tem vantagens, terá uma ou outra desvantagem mas...

Ana – Acha que se perdeu um bocadinho da participação dos meninos nesta fase?

Iva – Eu acho que se perdeu. Mas acho que fomos nós que fizemos com que se perdesse porque acho que não havia necessidade que se perdesse. Eu disse logo no princípio que achava que havia coisas que não havia necessidade de se

alterar. Não sou assim capaz de dizer “É assim”... eu acho que não tenho um perfil muito adequado à coordenação, tenho a impressão. Não sou muito de fazer valer aquilo que quero. Tento e falo, mas não sou de exigir e acho que as pessoas têm que lá chegar e perceber o que é que é importante e o que não é e o que é que pode ser suprimido e o que é que se deve continuar a fazer. Está claro, estou numa posição um bocado ingrata, não estou com os meninos e depois estar a falar...

Ana – Mas já estive.

Iva – Já estive muitos anos, mas não nesta situação. Há situações que são completamente novas para mim agora mas, mesmo assim, penso que há coisas que não havia necessidade de se perder... ter o mapa da rodagem dos meninos pelas tarefas, o limpar das mesas, as mesas do almoço, eu acho que eles podiam fazer à mesma, não é? Não é o facto de eles estarem todos juntos porque eles estão juntos mas há áreas que estão divididas.

Ana – Podiam ficar dois a limpar as mesas?

Iva – Pode não ficar tão limpo mas, depois nós, ao fim, damos uma última passagenzinha. Não havia necessidade de se perder isso.

Ana – Se as educadoras fazem, os meninos podem fazer com elas.

Iva – Eu gosto muito de colaborar com eles. Mesmo ali nos A.T.L. eu não os deixo limpar sozinhos. Eles limpam mas eu vou lá ver e digo: “Olha, podia estar um bocadinho melhor” ou: “O pano podia estar mais bem torcido” porque eles às vezes não têm essas noções ou então querem despachar e pronto: “acabou está a andar”. Mas se nós estamos ao pé deles, eles também se sentem acompanhados e fazem aquilo com mais gosto, também deixá-los ali sozinhos... E se nós estivermos ali a explicar que com o pano mais bem torcido fica melhor... aquelas coisinhas... vamos entrando em diálogo com eles e eles até ficam bem satisfeitos.

Ana – Em relação à participação das crianças, não foi aqui em especial na associação, foi na atitude dos educadores que as coisas têm mudado?

Iva – Mas a atitude dos educadores também tem mudado.

Ana – Em termos de participação das crianças valoriza-se menos as situações do quotidiano. Nós valorizávamos muito as situações do quotidiano: o limpar a mesa, o varrer, o arrumar a cadeira...

Iva – ... o dividir as peças dos jogos, eu fazia muito isso. Não sei se agora para o ano vou continuar a fazer, espero bem que sim.

Ana – Espero que sim também.

Iva – Não sei se sofri algumas alterações e não dei conta e é por isso que eu digo que esse tipo de organização e essa importância que se dá à participação das crianças no quotidiano nos facilita também. É o que eu vejo e digo a elas, às vezes riem-se de mim, não é? Digo-lhes assim: “se eles colaborarem, vocês têm mais facilidade”. Nós às vezes queremos abarcar tudo e fazer tudo e dar, dar, dar e receber muito pouco. E quando recebemos é facilitador, não é? O tempo parece que se esgota muito mais do que se esgotava no meu tempo, quando eu estava com eles, mas às vezes tenho dificuldade em fazer passar isso porque é uma atitude diferente.

Ana – E relativamente à cozinha? Foi sempre o mesmo pessoal? Sempre se almoçou na cozinha?

Iva – Quem? As educadoras?

Ana – Sim.

Iva – Sim, também nunca almoçaram assim.

Ana – É uma tradição antiga, não é? Aquela mesa grande?

Iva – É, é. não era ali na cozinha, era na copa. Naquela porta onde se passa para a casa de banho, nós tínhamos a mesa ali e então fazíamos também o horário igual aos educadores todos. A mesa era mais comprida... não sei bem. Só sei que comíamos muitos à mesa e almoçávamos todos ali na copa. Depois íamos todos ao café juntos. Estávamos lá uma hora no café. Havia pessoas que nessa altura tinham uma hora e meia de almoço. Agora não sei precisar muito bem a organização como é que era. Depois, quando organizámos ali a copa de outra maneira... Eu penso que é um momento muito importante também o de estarmos juntas. Tem os outros aspectos negativos que é aquela barulheira dos pratos que às vezes transtorna muito. A conversa não é tão boa porque as pessoas às vezes sentem-se um bocado... bem vamos embora daqui porque está a interferir um

bocado este barulho. Também temos que perceber que elas não podem parar o barulho, se estiverem a tirar um pratinho de cada vez, nunca mais se despacham.

Ana – É um bocadinho a tradição desta casa o estar ali naquela mesa?

Iva – É. Depois joga-se e depois conversa-se e depois lê-se revistas e não sei o que mais. Depois trocam-se conhecimentos e confidências e depois, à tarde, ao lanche, continua-se as conversas.

Ana – Estas pessoas não são as do princípio?

Iva – Não. As antigas já não estão cá. Era a N. e a C. e anteriormente era uma F. Isso já há muito tempo. A N. ainda esteve há relativamente poucos anos. Ela está há três anos de baixa e quando a N. foi de baixa é que veio a Matilde para o lugar dela. Depois foi a C... não, foi ao contrário, a C. é que foi primeiro, depois veio a Matilde e depois foi a N. e veio a Ivone. Estava nas limpezas e passou para a cozinha, tanto que o contrato dela está ainda como empregada auxiliar de limpeza porque a pessoa que está efectivamente na cozinha ainda está de baixa e não podemos passar o contrato para lá. Ela deve, agora em Setembro, ficar com a reforma porque com três anos de baixa deve ser reformada. A Ivone agora, para o ano, vamos lá a ver qual a informação que nós temos, a Ivone deve passar efectivamente para a cozinha.

Ana – Portanto têm a Matilde, a Ivone e depois têm sempre uma pessoa para ajudar.

Iva – Que tem vindo de fora, não é? Da Santa Casa porque nós não temos isso. Elas pediram e nós pedimos para a Misericórdia que faz formação nessa área. Temos, para aí há uns três anos, uma jovem em formação na cozinha o que é bastante bom, não é? Porque quando não havia, e nas épocas em que não há, também a D. e a E. rodavam um pouco, de manhã pelo menos para fazer os lanches, iam um bocadinho para a cozinha e despachavam os lanches. Destinavam aquilo tudo, punham os tabuleiros tapados e pronto, ficava o lanche pronto porque era a parte que elas tinham mais dificuldade. Depois também começou a haver mais meninos...

Ana – Pois.

Iva – Foi na altura em que se abriu a sala dos dois anos. Abriu mais uma sala de jardim de infância, foi quando elas começaram a queixar-se, eram dezasseis ou dezassete meninos.

Ana – Pequeninos?

Iva – “Temos que ter mais alguém aqui para ajudar na cozinha”. Foi quando eu, para não entrar com verbas, fiz o pedido à Santa Casa e tem sido sempre renovado, não é? Temos tido sempre pessoas novas mas, pronto, ajudam bastante.

Ana – Tanto a Matilde como a Ivone gostam do que fazem...

Iva – Elas gostam, mesmo aqui há dias a Matilde disse-me que se fosse há uns anos atrás ela tinha seguido mesmo uma carreira, não só em jardim de infância mas também numa coisa com mais conhecimento.

Ana – Nelas, nota-se o gosto pelos meninos.

Iva – Na Matilde mais do que a Ivone. A Ivone também é boa, mas é mais meia bola e força.

Ana – É mais despachada.

Iva – É. É mais despachada. A Matilde gosta mais. Agora vamos a ver como é que se dá a J.

Ana – A J.?

Iva – A que está na creche.

Ana – Ah! Vem para cá?

Iva – Pois, vamos fazer essa rodagem do pessoal.

Ana – Quem é que vai para a creche?

Iva – É a Ivone que vai para lá e a J. vem para aqui. A J. não tem experiência de jardim de infância. Na creche é os pratinhos dos meninos, aquilo é tudo muito mimoso... a creche é diferente, começa pelos temperos e aquilo tudo. Tem que se dar uma formaçãozinha à Ivone porque não pode pôr-se a salgar aquilo, a pôr pimenta e não sei o quê. Tem que ter um certo cuidado. Tanto assim que elas têm uma alimentação diferente da dos meninos de cá. Nós aqui comemos o que os meninos comem, uma vez ou outra faz-se um prato diferente, não é? Mas é porque queremos, não é porque não possamos comer o comer dos meninos porque dá perfeitamente para todas as idades. Lá não. Elas fazem sempre um prato diferente para elas mesmo a nível dos condimentos e das sopas. Lá têm um paladar mais exigente e mais elaborado, com outros sabores.

Ana – Tenho reparado que estes meninos gostam de comida apaladada.

Iva – Sim, só que às vezes... e mesmo agora as coisas não estão tão salgadas, porque houve uma época aí em que eu disse à Matilde: “Não pode pôr tanto sal, não dá, rião é preciso”.

Ana – E ela tem diminuído?

Iva – Tem diminuído um bocadinho. Às vezes lá se esquece mas depois eu digo-lhe: “Tem que ter a mão mais levezinha para o sal”, porque não há necessidade.

Ana – Ah...

Iva – Então, eu que sou hipertensa noto logo isso, não é? E não há necessidade...

Ana – O sal, os açúcares e as gorduras.

Iva – Tem que se cortar mesmo. Todos os meus filhos em casa notam muito. O meu João, por exemplo, é capaz de comer batatas fritas sem sal. Ainda ontem à noite, disse: “Mãe, não me ponhas que me faz muito mal”. Já estão tão habituados a ter pouco sal na comida que eles notam logo muito e é uma questão de hábito, realmente.

Ana – Bem Iva, já conversámos bastante. Depois quando eu precisar de mais informações torno a pedir-lhe ajuda, está bem?

Anexo C.2A

Entrevista* com a mãe do Jacinto / Maio 1997

(Sábado num café do bairro)

Ana – Conte-me lá um bocadinho da história alimentar deste rapaz. Mamou até que idade?

Mãe – Sim, até para aí aos seis meses, acho eu. Depois desisti, queria fumar cigarros à vontade. Acho que foi até aí aos seis meses. Depois passou a ter a alimentação normal que a médica disse: as papas, as sopas com aquelas coisas lá dentro, a carne e o peixe lá dentro.

Ana – Foi primeiro a carne ou o peixe? Lembra-se?

Mãe – Ai Ana, sinceramente não. Foram tantas as vezes que já nem me lembro, começou por ser...

(O Jacinto interrompe e pergunta se pode comer um gelado, a mãe diz que sim mas para escolher um que goste "...não faças como da outra vez que depois deitaste fora")

Mãe – É que, por vezes, ele escolhe dos que não gosta e depois não come.

Ana – Foi sempre uma criança que comeu bem ou houve alturas em que deu problemas?

Mãe – Sim, ele sempre comeu tudo. O médico a única coisa que disse foi, ao princípio como o pai tinha aquele problema, para ele ao princípio não comer rim, morangos e laranja, não é? Para não fazer alguma alergia. Mas a partir de uma certa altura passou a comer de tudo.

Ana – Come bem ele.

Mãe – Tudo.

Ana – E há assim alguns alimentos que ele goste? Eu vou dizendo e vai confirmando...

Mãe – Está bem, está bem.

Ana – Leite, frio ou quente? O que é que ele prefere?

* Depois da entrevista a mãe de Jacinto convidou-nos para ir, a casa, conhecer o quarto do filho.

Mãe – Antes bebia o biberon de leite, não é? Agora é muito difícil dar-lhe um pacote de leite. Não vai muito à bola com isso, prefere as papas mas, às vezes bebe, outras vezes meto-lhe 'Colacao' e pronto bebe. Acha piada quanto mais não seja por mexer e tal. Agora o leite frio não é coisa que ele... há um bocado estava aqui a pegar num pacote de leite que a avó lhe comprou ontem e ele nem bebeu, pediu para aquecer o leite, por isso não...

Ana – Gosta de leite morno?

Mãe – É, penso que sim, leite frio não, não é? Não gostas de leite frio, pois não? (esta pergunta é dirigida ao Jacinto).

Ana – Pão?

Mãe – Pão... ah isso come.

Ana – Come, gosta com tudo, não é?

Mãe – Pão com manteiga, Tulicreme, fiambre.

Ana – Queijo?

Mãe – Queijo. Adora comer queijo às fatias... mais?

Ana – Papas, também gosta?

Mãe – Sim, aquelas da Milupa e tal.

Ana – Legumes?

Mãe – Legumes! A cenoura...

Ana – A cenoura.

Mãe – A cenoura... enfim, enfim! Às vezes come, diz que faz crescer e que faz crescer o cabelo como o tio Rui e não sei o quê.

Ana – E às vezes diz: "não, fica para o Bombom", (risos) "não quero, Fica para o Bombom", não é Jacinto? Mas faz bem a cenoura.

Mãe – Alface... às vezes vem com a história que quer alface. Deve ser coisa lá da escola. A minha mãe, de vez em quando, insiste mas ele prova e não acha muita piada. Não sei se é do tempero... couves dantes também era uma chatice, não sei se era por comer tudo passado. Agora já come. Tomate... Gostas de tomate? (esta pergunta é dirigida ao Jacinto). Acho que não pois não é lá grande espingarda.

Ana – Alho francês?

Mãe – Ah isso comia imenso na sopa, fazia sempre as sopas com alho francês. Eu a fazer sopas era o máximo. Juntava aquilo tudo, descascava, punha a cozer, punha a carne lá para dentro. Às vezes era chato, punha o bife e depois não se desfazia bem e tal, depois punha o peixe. Eu era muito boa nas sopas, não era? Eu e o teu pai a fazer as sopas para ti... ele comia tudo.

Ana – Por isso é que ele está aqui...

Mãe – Não, a minha mãe nesse aspecto sempre foi uma pessoa muito cuidadosa. A minha mãe em relação a nós sempre se preocupou... uma refeição mais equilibrada, a sopa. Eu lembro-me perfeitamente, desde miúda, sempre comemos sopa ao almoço e ao jantar. Não escapávamos à sopa, principalmente no Inverno. No Verão, às vezes, lá escapávamos um bocado. Agora de Inverno sopa era com ela. E ela sempre teve essa preocupação... tanto que desde que ele nasceu foi ela, mais ou menos, que me ensinou a fazer as coisas. É o que ela diz às vezes mais vale os miúdos não terem tantos brinquedos, nem tantas porcarias mas, pelo menos, comerem como deve ser. Isso é fundamental e com ele sempre foi assim. Por exemplo, ele comigo fruta não come grande coisa, com a minha mãe é um desvario.

Ana – Ele come toda a fruta na Associação.

Mãe – Ainda ontem ao jantar comeu duas pêras e uma banana. Agora comigo às vezes, pronto, lá está, com a mãe...

Ana – E kiwi também gosta? Não gostas?

Mãe – Acho que sim. Da outra vez disse-me que kiwi gostava quando estava ao lume, ou seja...

Ana – Só se foi quando se fez doce. Ele comeu doce de kiwi quando fizeram.

Mãe – Acho que não comeu nada. Acho que deu à minha mãe.

Ana – Eles comeram lá na escola. Batatas gosta?

Mãe – Fritas.

Ana – Puré de batata?

Mãe – Puré de batata também gosta mas acho que às vezes aquilo faz-lhe um bocado de confusão. Não sei porquê. Ele quer mas depois uma pessoa faz e ele... não sei se é por juntar depois a carne e aquilo fica assim espapaçado e tal, e depois não acha graça.

Ana – Gosta de purés?

Mãe – Ah isso não, são coisas que eu também não gosto.

Ana – Ele também não gosta?

Mãe – Pois não, nunca deve ter comido.

Ana – Como eles já têm dentes não gostam de purés e coisas muito moles. Acho que depois quando lhes caiem os dentes voltam a gostar.

Mãe – Não acha muita graça, não.

Ana – Batatas fritas, não é, Jacinto? Não gostas de batatas fritas?

Mãe – Ele gosta muito de esparguete e isso é que ele gosta.

Ana – E arroz?

Mãe – Sim, isso ele gosta muito. E depois gosta de coisas extravagantes: camarão e conquilha, até aqueles petiscos que a minha mãe faz. Adora moelas. Até o paté com pão. O miúdo adora aquilo.

Ana – Caracóis?

Mãe – Gostas de caracóis?

Ana – Temos que fazer uma caracolada na Associação porque há imensos meninos que gostam.

Mãe – É uma coisa engraçada para os miúdos comerem uns caracolitos e tal, este puto adora comer, pá.

Ana – Adora petiscos, não é?

Mãe – Tanto que às vezes quando ele não quer comer eu não insisto porque não vale a pena.

Ana – Às vezes na Associação elas insistem com ele. Eu acho que não vale a pena. Ele está tão bem...

Mãe – No caso dele a médica já tem dito isso... há dias em que não lhe apetece comer. Todos os miúdos é a mesma coisa.

Ana – Claro.

Mãe – O miúdo é a mesma coisa para que é que se há-de estar para ali a empanturrar os miúdos para comer.

Ana – Pois...

Mãe – E às vezes há aqueles problemas. Eu tenho uma prima que tem uma miúda com mais um ano do que ele e ela é uma chatice para comer. É muito mais magra. É

mesmo magrinha. Eu às vezes pego nela ao colo e é muito leve, parece uma pena, porquê? Porque desde miúda que os pais sempre insistiram tem que comer e aquelas coisas e a miúda agora não come.

Ana – Ovos gosta?

Mãe – Ovos estrelados, não é?

Ana – Mexidos e cozidos, também come tudo?

Mãe – Também.

Ana – Inteiro?

Mãe – Come uma parte e tal.

Ana – Muito bem. Salsichas?

Mãe – Mmmm.

Ana – Gostas de salsichas, Jacinto?

Mãe – Aquilo é tirar da lata e comer, nem é preciso fazer, não é?

Ana – Fiambre?

Mãe – Sim.

Ana – Presunto? Gostas?

Mãe – Já não acha muita graça, é muito salgado.

Ana – Tem muito sal. Docinhos? Doces, rebuçados, não gosta?

Mãe – Guloso!

Ana – Gelados?

João – Também.

Ana – Bolicao?

Mãe – O Bolicao nem sempre acaba. Hoje, por acaso, comeu um inteiro ao pequeno almoço. Como a minha mãe ontem foi ao Jumbo e trouxe mas, às vezes, a maioria das vezes... não sei se fica enjoado.

Ana – Pãozinho com manteiga é bem melhor, Jacinto?

Mãe – Eu por acaso não compro muito dessas coisas. Agora quando saio muito tarde, o que é quase todos os dias... O que me safa agora é que: levanto-me e ponho-o logo na minha mãe, que mora por baixo, que é para eu tomar banho. A minha mãe dá-lhe a papa e saio mas, às vezes, quando não tinha tempo para lhe dar o pequeno almoço dava-lhe um donuts que adora e, como sei que lá na escola dão-lhe alguma coisa mais, fico descansada.

Ana – Come sempre a fruta de manhã, não é? Sempre de manhã.

Mãe – Como é que são os outros miúdos? Assim a comer? A maioria deles também é assim, não?

Ana – Não, nem todos.

Mãe – É uma chatice, não é?

Ana – Com alguns já sabem que a refeição menos de uma hora não é nada.

Mãe – Faz-me uma confusão isso.

Ana – Pois.

Mãe – Eu lembro-me que, quando era mais miúda, a minha tia às vezes fazia-nos isso. Não comíamos ao almoço, ela guardava a comida e dava-nos ao lanche frio e a gente não comia. Aí uma pessoa não saía da mesa sem acabar aquelas coisas, mesmo à antiga. E ainda hoje faz isso com a filha da minha prima... mas essa também é de propósito porque a miúda come muito bem mas só que para fazer birras não há como ela... percebe? E então só para ser do contra não come. Não come, diz que não come e fica ali com a comida na boca e 'nham, nham, nham'. Então fica ali de castigo. Este não. Nunca vimos caso assim... Quando éramos mais miúdos a minha prima chegava a adormecer com a comida na boca e acordava, no dia seguinte, ainda com a comida. Que impressão!

Ana – Não engolia.

Mãe – Não, tipo pastilha.

Ana – Não se engasgava, nem engolia.

Mãe – Faz-me um bocado de confusão essa história, por acaso.

Ana – Mas sempre comeu bem?

Mãe – Sim! Sim! Acho que nunca tive assim grandes problemas... todos nós e depois sempre fomos uns miúdos que íamos fazer desporto. Sempre tivemos uma vida saudável. Nesse aspecto, para todos nós, os três irmãos tivemos uma infância super facilitada, não é? A minha mãe preocupava-se muito com essas coisas, pronto. Claro uma pessoa se faz desporto, se faz isto, se faz aquilo, claro que depois tem mais apetite e come como deve de ser. E o paizinho dele também comia imenso. O pai dele houve uma altura que pesou cento e dez quilos.

Jacinto – O meu pai tinha um dói-dói no braço.

Mãe – Mas já não tem agora, não é? Pois, nunca se esquece disto, meu Deus, do dói-dói no braço... E houve uma altura em que pesava cento e dez quilos, tanto que fez... emagreceu porque entrou numa dieta de emagrecer porque se apaixonou por uma miúda, e não sei o quê ... e então utilizou aquele sistema de pôr um tubo na boca, ou o que era, para vomitar e tal, e então passou dos cento e dez quilos para os cinquenta quilos. Agora não sei se está a ver, aquilo não deve ter sido uma coisa muito saudável. E acho que ele comia imenso, ele ia para a nataçãõ, a minha sogra conta que quando chegava, ele comia dez carcaças, dez sandes e tal. Por isso é que quando telefona, ele está sempre com a preocupação se o miúdo está gordo, está sempre com essa na cabeça, está sempre: “Não deixes o miúdo ficar gordo, vê lá se ele está muito gordo”.

Ana – Ele é rijinho...

Mãe – “Não deixes o miúdo ficar gordo”.

Ana – Ele é rijinho, ele não tem banhas.

Mãe – Pois não, é músculo. É que ele, se o vires de costas, despido, quando ele faz assim, vê-se os músculos todos.

Ana – Pois.

Mãe – Ele não está quieto.

Ana – É um atleta.

Mãe – E quero ver se agora o vou pôr aí na ginástica ou uma coisa assim, no Belenenses para o ano.

Ana – E ele é do Belenenses, não é?

Mãe – É, ele é conforme, se está ao pé do tio Rui é do Porto.

Jacinto – Sou do Benfica.

Mãe – Ai, agora já é do Benfica.

Ana – Ah, agora és do Benfica, mas agora não tens sorte nenhuma que aquilo é só perder, este ano.

Mãe – Não pá, tens que ser do Porto.

Ana – O Porto é que ganhou.

Mãe – Não é? Como o tio Rui, não!

Ana – Há algum alimento a que ele faça alergia?

Mãe – Não.

Ana – Não tem alergias.

Jacinto – Uma vez o meu pai estava na Samarra...

Mãe – O teu pai estava na Samarra?

Jacinto – Eu estava ao pé dele.

Mãe – Bem, esteve lá agora uma semana.... Eu ontem à noite olhei para ele, parece que está maior. Estás mais crescido.

Ana – Parece estar maior.

Mãe – Até mesmo a falar parece que cresceu.

Ana – E a hora das refeições, como é que é?

Mãe – A hora das refeições... portanto, isto é.... claro que com a minha mãe e tal, eu geralmente chego às sete e meia e às vezes mais tarde. Em casa da minha mãe janta-se por volta das oito, oito e pouco, agora comigo já é outra coisa. Eu já sou mais despistada mas, geralmente, tento dar-lhe mais ou menos a refeição à mesma hora ao sábado, tipo uma e tal duas horas. Depois lancha, come sempre um iogurte, dou-lhe iogurte liquido, come pão (não é?) com fiambre e depois, o jantar, também come quase sempre por volta das oito, nove horas. Nesse aspecto habituei-me assim desde miúda, sempre me fez muita confusão as pessoas que jantam muito tarde e tal... o que faz isso é eu ter a minha mãe. Porque eu sair do trabalho, chegar às sete e meia, se tivesse que fazer o jantar, claro que tinha que jantar mais tarde, não é? Que é o que acontece aos outros miúdos, as pessoas não têm outra hipótese.

Ana – Portanto, alergias não tem. Utiliza a colher, a faca e o garfo? Toma as refeições à mesma hora dos avós e dos tios?

Mãe – Sim, comemos todos juntos.

Ana – E a ementa é a mesma, não é?

Mãe – Sim, sim.

Ana – Nem é preciso ser diferente.

Mãe – Sim, é tudo a mesma comida a não ser que às vezes seja uma coisa muito especial e que ele realmente não goste.

Ana – Caril?

Mãe – Não, ele isso come, como ele gosta de petiscos e o caril que a minha mãe faz não é muito condimentado.... Mas geralmente é sempre o que a minha mãe faz para nós que é o que ele come, carapaus e tudo!

Ana – Bacalhau, ele come?

Mãe – Come.

Ana – E é mais ou menos à mesma hora, portanto...

Mãe – Sim, quando nos juntamos, jantamos todos ao mesmo tempo.

Ana – E usa a colher ou já usa a faca e o garfo em casa?

Mãe – Não. Ele bem quer, mas para a gente se despachar ...(risos)

Ana – Claro.

Mãe – Agora, lá na escola, vocês ensinam-lhes umas coisas jeitosas que é do género de estar o jarro da água fria na mesa e ele, pimba, querer meter água no copo.

Ana – Pois é.

Mãe – Depois quer mexer e quer servir-se.

Ana – E vai buscar tudo sozinho.

Mãe – E vai buscar e pam! pam! pam! e a minha mãe... Bem... Então eu digo-lhe: "Oh mãe deixe lá, se eles na escola também são assim, por isso é que ele aqui faz isso".

Ana – Eles andam a servir-se sozinhos.

Mãe – Então ele quer fazer o mesmo.

Ana – Não é?

Mãe – Depois faz mal à cabeça da avó. (risos), Mas já come bem com o garfo. Quando é arroz, coitado, é mais complicado, não é? O esparguete também é complicado estar a comer com o garfo. Agora, quando é tipo batatas, pizza, isso ele já come muito bem.

Ana – E ajuda? O Jacinto ajuda em casa?

Mãe – Ele?!

Ana – A avó e a mãe.

Mãe – Ajuda.

Ana – A arrumar as compras, a loiça....

Mãe – Ele adora ir ao Jumbo. Uma das coisas que ele mais gosta é de ir ao Jumbo com a minha mãe, não é Jacinto?

Ana – Nas férias mantêm mais ou menos o mesmo ritmo alimentar?

Mãe – Sim, então nas férias é a mesma coisa.

Ana – Lá na Samarra?

Mãe – Lá na Samarra é a mesma coisa.

Anexo C.2B

Entrevista com a avó de Jacinto / Junho de 1996

Ana – Resolvi integrar algumas avós no meu estudo porque os meninos estão muito tempo com as avós e as avós são um grande suporte...

Avó – Pois, quem dá mais suporte são as avós.

Ana – É, não é? É uma sorte para os meninos.

Avó – É, eu acho que sim que faz falta o apoio das avós. Têm mais experiência e depois as avós já estão mais moles em relação aos netos. Com os filhos era muito autoritária, com os netos já cedemos mais um bocadinho, apesar que eu sou um bocadinho autoritária com o Jacinto.

Ana – Pois...

Avó – Ele comigo, normalmente, porta-se melhor do que com a mãe. Geralmente é ao contrário, mas com ele... Se ele estiver comigo e com o meu marido é uma maravilha. O miúdo não dá trabalho nenhum. Come sozinho e tudo. Se a mãe chega, pronto estraga tudo. Mas é natural, a mãe está fora todo o dia.

Ana – Está pouco tempo com a mãe, não é?

Avó – Está pouco tempo com a mãe e comigo também não está. Está aqui na escola e é só aquele bocadinho até a mãe chegar. Mas ele vem de férias comigo e tudo bem. Realmente ele porta-se um bocado mal com a mãe.

Ana – Mas ele porta-se bem...

Avó – É, ele é um miúdo... eu acho que ele é um miúdo feliz.

Ana – É, eu também acho.

Avó – E o importante é ele sentir-se feliz, acho que sim. Apesar dos problemas à volta dele, ele tem sido uma criança que tem muito amor à volta dele, acho que é o mais importante.

Ana – Acho que ele vive intensamente, não é? E ao mesmo tempo procura imensas respostas.

Avó – É! É! E é um miúdo muito curioso.

Ana – Procura imenso.

Avó – Agora há um problema que me está a preocupar: é a questão de ele saber que vai ter um irmão. À mãe diz que é uma irmã e só disse à mãe. Ele que fala tanto comigo... nem à Maria João ele disse nada.

Ana – Pois.

Avó – O que se passará naquela cabecinha? Eu acho que: ou é ciumeira e não quer falar... Ele andava tão entusiasmado a dizer que a mãe lhe ia comprar um mano: “Oh Vó, a mãe vai comprar um mano”.

Ana – Pois...

Avó – Mas eu dizia: “A mãe não tem dinheiro”. “Quando ela tiver ela compra-me um mano”. E agora que tem o mano nem sequer fala nele.

Ana – Ainda está um bocadinho confuso.

Avó – Não. Eu acho que este problema está a afectá-lo mais do que pensamos.

Ana – Pois, houve uma altura, quando foi a separação mesmo, que se notou que ele estava muito irritado. Irritava-se com mais facilidade e chorava .

Avó – Pois, agora aceitou.

Ana – Depois começou a conversar e aceitou.

Avó – E a semana passada quando o pai veio, ele ficou aqueles dias em que ficou muito perdido.

Ana – Como foi.

Avó – Muito rabugento, queria o pai. O pai não lhe disse mais nada e ele nunca mais falou no pai. Falou ontem no pai. Não sei porquê o pai ontem apareceu.

Ana – Pois.

Avó – Mas ele não soube que o pai apareceu, nem o viu sequer, mas ontem começou a falar no pai. Há assim coisas esquisitas e depois é um miúdo que tem uma memória que é fora do normal... não é fora do normal, eu acho que as crianças agora são todas assim talvez por causa da vida.

Ana – E ele é muito sensível portanto há coisas que o marcam muito e ele não se esquece.

Avó – Ele passa no ‘Dois de Maio’ e ele diz-me sempre “Oh avó, eu vim aqui com o meu pai”. O pai algumas vezes chegou a levá-lo ao ‘Dois de Maio’. Vê uma caixa de cigarros no chão e diz: “O meu pai tinha disto lá em casa” e ele era muito pequenino. Está a ver, ele esteve com o pai até aos dois anos, depois o pai foi

para o tratamento. Entretanto veio e pouco depois foi embora. O período em que esteve com o pai tinha dois anos. Como é que aquela cabecinha linda lembra isso e não esquece? Alguma coisa o marcou naquela altura.

Ana – Pois, é que é muito, muito sensível. Já contei o que ele me perguntou quando fomos ali abaixo a Belém? Achei tanta graça porque ele está mesmo a querer perceber as coisas. Eu disse que lá em baixo morava o Presidente da Republica, que se chamava Jorge Sampaio e ele pergunta-me assim: “O pai dele vive com ele?”, e eu disse “Não Jacinto, o pai dele não vive com ele”, “E ele é Presidente da Republica” disse ele. Quer começar a perceber que há pessoas crescidas, grandes e importantes e nem todas vivem com o pai.

Avó – E eu tenho uma sobrinhinha minha que também foi filha de mãe solteira e que também não vive com o pai e ele dá-se muito bem com a miúda. Talvez isso também faça com que...

Ana – Pois, eu acho é que nós adultos temos que começar a perceber que isso hoje em dia...

Avó – É mais vulgar.

Ana – São situações que são comuns.

Avó – Nós, às vezes, é que fazemos um drama que não existe na cabeça deles.

Ana – Não têm que ser vistas como problemas.

Avó – Por acaso outro dia foi engraçado, eu tenho muitas sobrinhas que estão com pai e com a mãe e a que não está com o pai disse-lhe: “Este ursinho foi o meu pai que me deu”, porque o pai de vez em quando vai vê-la e a outra diz: “Só o meu pai não me dá nada”.

Ana – Pois...

Avó – Ela que tem o pai todos os dias, acha que o pai dela não lhe dá nada.

Ana – Veja bem...

Avó – Mas achei graça à miúda. A outra coitadinha que só vê o pai de longe a longe e o pai quando a vê lá lhe compra qualquer coisa, a outra que tem o pai todos os dias, acha que o pai não lhe dá nada. Achei graça.

Ana – E o Jacinto?

Avó – Pois, o meu Jacinto anda muito preocupado com os anos. Ele faz agora anos, dia dezoito.

Ana – Pois é, faz.

Avó – E então já anda a pensar na festa: “Oh vó, depois compras-me este barco?”. Pois porque, para ele, eu é que compro tudo. Ele nunca pede à mãe para comprar porque está habituado, coitado, que lá em casa é que aparecem as coisas. E gosta muito de levar para casa: “Oh vó, isto pode ir para minha casa?”. “Oh vó, dá-me este arroz para levar para a minha casa”, quer dizer ele quer é levar coisas lá de casa para casa dele e já me disse: “Tem que comprar sugus para os meninos e fazer um bolo e comprar as velas”. Anda num entusiasmo, coitadinho.

Ana – Todos os meninos gostam imenso de fazer anos.

Avó – Os miúdos gostam dos anos.

Ana – Olhe, ficou sempre com ele em pequenino?

Avó – Não, ele aos seis meses foi para a creche.

Ana – Ah! Foi para a creche?

Avó – Até aos seis meses a minha filha estava em casa. Esteve a dar de mamar e a tratar dele, ela nessa altura vivia comigo. Depois é que ele foi para a creche, aos seis meses quando ela começou a trabalhar. Entretanto nesse ano arranjou uma casita e foi viver com o pai e com ele... com os dramas todos... Já sabe, não sabe? Dramas... droga, pelo meio... À tarde, a outra avó ou eu íamos buscá-lo à creche e ele ficava aquele período comigo até a mãe chegar.

Ana – Que eram mais ou menos duas horas?

Avó – Pois, é isso.

Ana – Era.

Avó – E hoje é a mesma coisa, venho buscá-lo por volta das cinco e a mãe chega por volta das sete e meia e ele está esse período comigo.

Ana – E ele janta consigo ou vai jantar...

Avó – A maior parte das vezes janta lá em casa.

Ana – Janta a mãe e janta o filho?

Avó – Janta. Aos fins de semana fica com a mãe.

Ana – Pois.

Avó – Eu todos os meses digo: “A partir deste mês vais passar a fazer o comer em tua casa”. Só que surge sempre algum problema. Eu acho que é muito importante

porque, de repente, eu desapareço e ela fica sozinha. Eu acho que faz bem fazer o jantar porque ocupa a cabeça. Enquanto está a fazer o jantar está ocupada. Mas logo apareceu aquele problema do pai que ela tem estado muito em baixo.

Ana – Pois estava.

Avó – E eu lá...

Ana – Vai dando uma mãozinha...

Avó – Eu pelo trabalho que me dá não é problema mas, era só para ela ter a sua obrigação. Ao fim de semana já tem essa obrigação. Mesmo da casa eu lavo-lhe a roupa porque ela não tem máquina mas ela é que trata da roupa e ela é que trata da casa e eu não dou sequer palpites lá na casa.

Ana – Claro.

Avó – Porque acho que a casa é dela. Se estiver suja, se estiver limpa o problema é dela. Não é meu. Gosto pouco de me meter nessas coisas. Às vezes dou-lhe assim um raspanete pois fui lá e não gostei de ver as coisas como estavam, mas não vou lá fazer nada.

Ana – Pois.

Avó – Acho muito importante ela ser dona de casa, já que quis e assumiu, tem que assumir as coisas todas, não é? E ele a maior parte das vezes durante a semana come lá comigo. Ele chega a casa comigo, eu vou sempre lanchar quando chego a casa... Ele às vezes lá come qualquer coisa, vê os desenhos animados, tem lá os bonequinhos dele e brinca. É uma criança que gosta muito de brincar. Já sabe mais ou menos a hora da mãe chegar e aquela hora já está naquela ansiedade de a mãe chegar. A mãe chega, leva-o para cima e dá-lhe banho.

Ana – Ele já vai jantado?

Avó – Não! Não! Toma banho e depois vêm jantar. Por volta das oito horas jantamos.

Ana – Jantam todos?

Avó – Pois, isso eu também acho que é importante para ele e há o meu filho que também vai sempre lá jantar, apesar de já ter a casa dele vai sempre jantar à casa da mãe. Vive sozinho. E os avós sentem-se muito acompanhados com a família toda. Ele gosta muito dos tios e os tios gostam muito dele. O meu filho, a

preocupação dele é se o pai vinha e o queria levar. Dizia: “O Jacinto é nosso, não é dele, não é nada mais do pai do que nosso”.

Ana – Ele precisa de ver o pai, não acha?

Avó – O pai, em princípio, pela lei não tem direito sequer mas, se fosse um pai meigo era mais dos pais do que de nós. Mas nesta circunstância o meu filho está sempre em cuidados, tem uma paixão pelo sobrinho e o miúdo diz: “O meu Rui”, não sei se já o ouviu falar.

Ana – Sim, sim.

Avó – Não fala tanto do outro meu filho. Como não está lá em casa vê-o menos, mas também gosta muito dele, mas o Rui é que é tudo porque lhe faz as vontadinhas todas e os miúdos são assim.

Ana – Ah, claro! São assim mesmo. Olhe, ele é uma criança que come bem?

Avó – Quando não quer comer nunca o obrigo, porque como ele come sempre tão bem também tem direito a um dia não lhe apetecer comer. Eu acho as pessoas... muitas vezes as crianças deixam de querer comer por causa da guerra que se faz à refeição, eu acho. Nunca fiz com os meus filhos e acho que não é por aí que se leva os miúdos a comer. Acho que tem que se criar o ambiente para eles gostarem e ele geralmente gosta de tudo. É capaz de fazer uma fita ou outra mas no geral ele come tudo.

Ana – Ele cá come. Às vezes não lhe apetece comer a sopa toda mas come sempre um bocado.

Avó – A salada é que é mais difícil, mas é normal. As crianças desta idade não querem ainda muito a salada, não é? De manhã vai sempre tomar o pequeno almoço comigo porque a mãe levanta-o. Toma banho à noite e de manhã é só vesti-lo. Depois ela vai tomar banho e não gosta de o deixar sozinho porque lá é muito alto... não vá ele para a varanda, para a janela que haja alguma coisa e então vai pô-lo lá em casa e assim que chega diz: “Oh avó a minha papa”.

Ana – E o resultado...

Avó – E come uma papa da Milupa, que ainda é das que ele mais gosta. Não gosta de Nestum, come, mas ainda assim as da Milupa feitas com água é que ele gosta muito. Umas vezes quer iogurte líquido, outras vezes come pão, mas eu nunca o deixo sem comer nada porque faz muita falta a refeição.

Ana – O pequeno almoço faz. Ele gosta muito de pão.

Avó – E, quer dizer, eu acho que ele não está gordo para não poder comer pão.

Ana – Não.

Avó – Um dos meus filhos eu tive que lhe fazer dieta porque ele estava mais gordo do que devia. Ele tinha uma paixão pelo pão, fazia-me uma pena vê-lo olhar para o pão mas pronto fazia-lhe a dieta mais ou menos rigorosa. Agora ele, acho que não, acho que pode comer de tudo e come bem fruta. A única fruta que não consigo que ele coma lá em casa é laranja, não sei porquê.

Ana – Não gosta muito.

Avó – Não sei se ele aqui come. Lá em casa não consigo que ele coma.

Ana – Maçã gosta imenso.

Avó – Pêra gosta muito. Come lindamente a pêra, banana mas, por exemplo a banana é só quando ele quer. Dantes comia bem a banana agora, de vez em quando, pede-me banana. Come muito bem aqueles iogurtes pequeninos, agora o iogurte normal não sei se ele aqui está a comer bem, em casa não está a comer muito bem. Gosta mais do liquido porque o tio bebe aqueles líquidos e ele aí quer fazer igual ao tio, eu penso que seja isso.

Ana – Pois.

Avó – Comer propriamente iogurte... só daqueles pequeninos... Petit Danone é que ele come muito bem.

Ana – Agora não tem havido iogurtes mas eu não tenho ideia que ele não os coma.

Avó – Pois, eles aqui é sempre diferente, mesmo os miúdos que em casa geralmente não comem nas escolas comem quase tudo.

Ana – Mas o Jacinto come bem.

Avó – Eu acho que neste momento as mães estão a fazer uma alimentação muito má para os filhos. Às vezes comem muito comer de plástico e eu acho que faz muita falta uma sopa, faz muita falta o peixe, a carne, os legumes, a fruta, o leite, o queijo e o iogurte. Eu acho que isso tudo faz muita falta e eu não concordo nada que o miúdo vá ao café de manhã e coma um donuts e uma coisa daquelas... Bolicao...

Ana – Bolicao?

Avó – Bolicao, de vez em quando eu compro-lhe um Bolicao porque eles coitadinhos vêem os outros e depois também querem comer, eu de vez em quando compro-lhe. Quando vamos ao Jumbo eu compro-lhe um bolicao e ele coitadinho gosta tanto de chocolate... guloseimas.

Ana – Gosta muito mesmo.

Avó – E eu tenho isto... é um defeito das avós... tenho sempre uns chocolates pequeninos e à tarde, geralmente, ele pede um chocolate e eu dou-lhe só um... às vezes dois... pois acho que não é isso que lhe vai fazer mal. Aqui há dias achei-lhe muita graça porque eu estava a dizer-lhe: "Olha que tu qualquer dia ficas sem dentes... comes muitos doces, ficas sem dentes", e ele disse: "Pois, é por isso que a avó não tem dentes". Eu tenho dentes postiços. Agora sempre que vai comer qualquer coisa diz: "Oh vó, se eu comer fico sem dentes".

Ana – Muito aflito.

Avó – Muito aflito por causa dos dentes, mas não dá problemas. É uma criança quase auto suficiente já se veste bem e o banho já o deixo sozinho quando toma banho lá em casa. Antigamente eu dava-lhe sempre o banho e quando a minha filha chegava ele já estava prontinho. Agora já é mais crescido, eu acho que a cerimónia do banho... as mães devem gozá-la pois é uma cerimónia engraçada. Quando toma banho lá em casa eu deixo-o ficar, eu não tenho banheira, só uma cabinezinha e então deixo-o ficar lá a lavar-se e ele sente-se muito importante porque já se lava sozinho. Eu fiz sempre isso aos meus filhos. Andavam numa creche, eles vinham da creche e durante a semana eram sempre eles que tomavam banho sozinhos. Ao fim de semana eu fazia a lavagem mais completa atrás das orelhas porque acho que não faz mal nenhum eles serem auto suficientes. Às vezes quando dorme lá em casa vou dar com a cama já feita.

Ana – Sim?

Avó – Faz a cama, coitadinho, muito mal mas à vista a cama está toda arranjadinha.

Ana – Fica todo contente.

Avó – Sim de fazer. Ainda este fim de semana estive a limpar a loiça todo feliz porque já sabe limpar a loiça. Não custa nada deixá-los fazer estas coisas e eles sentem-se importantes.

Ana – É isso mesmo. É muito bom para eles e prepara-os para a vida, não é?

Avó – E outro defeito que eu acho é a televisão. Neste momento os pais para os miúdos não chatearem põem-nos a ver televisão todo o dia e eu acho que faz tanta falta os miúdos irem ao jardim apanhar um bocado de ar. Eu fazia isso, eu mesmo no inverno ia para a praia desde que não chovesse mas quando passava os fins de semana em Lisboa ia-lhes mostrar a cidade... andávamos sempre a passear de um lado para o outro. Hoje não, vão para os centros comerciais ou ficam em casa e as crianças vêem televisão.

Ana – Não se conversa sobre aquilo que se vê na televisão.

Avó – Não se conversa, deixou de haver diálogo entre as pessoas por causa da televisão e as crianças estão a sofrer por isso.

Ana – Mesmo à hora da refeição, não é?

Avó – É.

Ana – As pessoas estão todas a olhar para o telejornal.

Avó – É, para o telejornal... isso lá em casa... o meu marido compra o jornal mas não tem tempo para o ler. Gosta de ouvir o telejornal e, às vezes, o Jacinto... quando o avô está muito atento a ver o telejornal e ele porta-se mal para chamar a atenção, para ver se falam com ele, coitado. Isso já tem acontecido mas de resto é uma criança que não...

Ana – Dá-se muito bem com o avô também?

Avó – Dá! Dá sim, gosta muito do avô, apesar do outro avô lhe fazer todas as vontades.

Ana – Pois.

Avó – E ele tem uma grande paixão pelo outro avô também porque o meu marido é como eu, quando é preciso ralhar... ralha.

Ana – Também estão com ele todos os dias por isso são os educadores.

Avó – Temos que educar um bocadinho o miúdo, porque senão... senão ele fica... ele é uma criança normal, não é melhor nem pior do que os outros mas em relação a estar mal educado... não é uma criança que faça muitas birras na rua. Quando pede alguma coisa para eu comprar, eu digo-lhe: "A avó não tem dinheiro", "Então quando tiver dinheiro compra, avó". Era o que eu dizia aos meus filhos e ele não pode habituar-se a ter tudo. Ele já tem coisas a mais mas é porque lhe dão, toda a gente gosta muito dele, é uma criança simpática.

Ana – Pois é, é muito simpático.

Avó – E tem muita gente que gosta muito dele mas realmente não se pode fazer as vontades todas...

Ana – Ele é uma criança bem desenvolvida para a idade e gosta imenso de comer. Eu noto, ele saboreia, é um gosto trabalhar com ele a alimentação.

Avó – É! É!

Ana – As coisas sabem-lhe bem, e conta: “a cebolinha que a minha avó põe na sopa, a cenourinha que a minha avó põe na sopa”.

Avó – É, aqui há tempos houve uma coisa qualquer que ele me estava a dizer que as senhoras não faziam arroz doce e eu fiz arroz doce. Ele gosta muito de arroz doce. Fiz arroz doce e ele esteve-me a ajudar a pôr a canela no arroz doce e depois perguntei: “E então na tua escola fazem?”, “Não, as senhoras não fazem arroz doce, vó” (risos).

Ana – Ele gosta muito, ele disse-me aqui na festa.

Avó – Gosta, doces ele come muito bem, uma coisa que ele não gosta é Coca-cola e refrigerantes e ainda bem. Não gosta dessas coisas. Também não é hábito lá em casa haver portanto água é que lhe dou. Não está habituado a outras coisas...

Ana – ... que lhe façam mal.

Avó – Por isso bebe muito bem a água e o leite e tudo bem, isso é que é preciso.

Ana – Faz alguma diferença na sua alimentação em casa porque é mais caseira, mais preparada...

Avó – Eu já tenho problemas de colesterol. Faço uma alimentação com poucas gorduras, pouco sal. Tenho esse cuidado em fazer o peixe e a carne com muitas saladas. Isso é que eu não consigo ainda que ele, em casa, coma saladas mas feijão uso muito. Feijão... Feijão faz bem? A nossa alimentação é a dele.

Ana – Faz. E ervilhas ele come?

Avó – Ervilhas ele gosta muito.

Ana – Já come.

Avó – Só que eu não... em casa... o meu filho não gosta de ervilhas. Em pequenino comia tudo e agora depois de crescido é muito esquisito em certas coisas... na parte dos legumes. De resto come tudo feijão verde, couve, mas ervilhas faz-lhe

impressão, não é por não gostar. Se estiver na sopa come a sopa lindamente, agora comer assim só ervilhas não, então eu faço pouco ervilhas.

Ana – E o Jacinto?

Avó – Ele come é as bolinhas porque quando em casa faço ele gosta e come bem. Não há assim nada que eu diga: "Não gosta". Pode comer menos mas eu tento por hábito pôr sempre no prato um bocadinho. Era como eu fazia aos meus filhos para eles se irem habituando ao paladar. Muitas vezes os miúdos são os olhos... eles olham e não gostam ... e não se dá e como ele em casa, já há muito tempo, come tudo inteiro. Em bebé claro está que se tinha que pôr a carne na sopa mas assim que ele começou a mastigar, começou a comer tudo inteiro.

Ana – Para usar os dentes.

Avó – E não estou cá com coisas... mesmo as couves na sopa ele come-as lindamente, não estou a preocupar-me. Não faço refogados faço tudo em cru. Uso poucos fritos apesar dele adorar rissóis, pastéis de bacalhau...

Ana – Tenho uma colagem dele que tem rissóis e pastéis de bacalhau que ele comeu no trabalho da mãe.

Avó – Ele adora essas coisas, eu de vez em quando faço porque coitadinho ele gosta tanto... mas por hábito faço pouco lá em casa. Para variar faço peixe frito. Uma dona de casa vê-se aflita para saber o que vai fazer. Não é o fazer, a mim não me custa nada cozinhar, é o que eu vou fazer... e de vez em quando lá tem que se fazer um peixe frito. O peixe cozido come lindamente. Bolos, eu tenho por hábito fazer todas as semanas, não quer dizer que seja todas, mas faço. Os meus filhos não gostam de bolos de compra, não estão habituados. Os meus filhos nunca tiveram um bolo de compra nem nos anos porque eu é que lhes fiz sempre os bolos. E então gostam muito de bolos e ele pergunta: "Oh vó, hoje, não fazes um bolinho?".

Ana – Gosta?

Avó – É guloso, gosta dos bolos que eu faço. Não é por ser eu a fazer... gosta de bolos, pronto, é uma criança que nesse aspecto não dá problemas.

Ana – Gosta e deve ser um bom companheiro para petiscos, ainda ontem lancharam caracóis.

Avó – Ainda esta semana me perguntou... eu tenho uma irmã que faz muitas vezes caracóis e ele gosta muito de comer caracóis. Na sexta-feira fomos lá jantar e ele perguntou: “Vamos comer caracóis, Vó? Ou é sopinha de canja?” porque como a minha irmã tem galinhas de vez em quando tem sopa de canja. A sopa de canja fica bem é com galinha de capoeira não é com galinha de aviário... Gosta muito de caracóis, ele gosta de camarões, ele tudo o que seja petiscos... Eu, ao sábado, quando estou em casa não faço jantar. É um hábito que ficou já do tempo dos meus filhos. Como andava toda a semana a cozinhar ao sábado e ao domingo tinha sempre sopa e depois eles comiam o que lhes apetecia para quebrar o ritmo e para eu não ter trabalho.

Ana – Claro.

Avó – E ele também já se habituou, come o pão com manteiga e fiambre, o iogurte e aquelas coisas todas. Adora fazer essa refeição e também não lhe faz mal.

Ana – Está lá tudo.

Avó – É só para não ser aquele comer de garfo e faca e é bom. Gosta muito de salsichas.

Ana – E ovos?

Avó – A clara não tanto mas molhar o pão na gema... adora comer o ovo estrelado.

Ana – Mesmo o ovo cozido eu acho que ele come melhor a gema, não é?

Avó – É, a clara ele não gosta muito... às vezes eu pergunto e ele diz que hoje comemos ovo. Sabe sempre o que comeu, eu tenho o hábito de perguntar o que foi o almoço e geralmente ele diz tudo certinho.

Ana – Eles têm trabalhado as ementas. Nós fazemos as ementas todos os dias com os panfletos da Makro e do Continente até para eles terem a noção que a fruta come-se todos os dias e água bebe-se todos os dias mas batatas e arroz não. Uns dias come-se batatas, outros arroz, outros massa, para eles terem a noção da diversidade.

Avó – Pois, até para eles irem tomando nota das coisas.

Ana – Pois, porque se as crianças se habituarem a serem responsáveis pela sua alimentação...

Avó – ... mais tarde serão uns adultos que se preocuparão com isso.

Ana – Exactamente.

Avó – As mães desta geração neste aspecto não estão a colaborar muito bem porque há muito o hábito de comprar o comer feito.

Ana – Pois.

Avó – Comer congelado e depois aquecer. Há muito esse hábito e eu tenho um bocadinho aversão. Não quer dizer que não compre também, sou capaz de comprar, mas lá em casa os meus filhos nunca foram muito dessas coisas porque não foram habituados e depois têm dificuldade em comer esses comeres já meio preparados que eu chamo de comer de plástico.

Ana – E é.

Avó – Não me venham cá dizer que aquilo tem as vitaminas todas. Podem ter algumas, mas...

Ana – Mesmo as batatas compradas, não têm nada a ver com as batatas fritas em casa.

Avó – Pois, são logo diferentes. Ele, como está muito habituado às batatas fritas em casa, não liga muito às batatas fritas de pacote que é uma coisa que a miudagem geralmente gosta muito, mas ele não gosta.

Ana – Não. Ele mesmo quando traz o Bolicão... É mais a graça... porque ele às vezes nem come todo, ele prefere o pão com manteiga.

Avó – Não é coisa que ele goste muito mas como os outros comem... Nestas coisas a publicidade... eles ouvem muita coisa.

Ana – E gostam de ser iguais aos outros.

Avó – É! É!

Ana – E ele lá em casa gosta de ajudar, não é?

Avó – Gosta, gosta muito. Gosta de tirar a loiça da máquina, tirar os talheres e sabe pôr todos arrumadinhos. As colheres no sitio, as facas... fica ali tudo impecável. Se eu estou a fazer a cama quer ajudar a fazer a cama. Gosta muito de trabalhar.

Ana – E usa a faca e o garfo?

Avó – Ele já quer usar porque aqui devem usar.

Ana – Aqui é assim, eles usam mas se pedem a colher dá-se a colher.

Avó – Pois, ele lá tem a faca e o garfo, mas depois acaba por ser com a colher que é mais fácil. Mas ele já sabe usar e come muito bem sozinho.

Ana – Sozinho?

Avó – Lá há um dia em que pede ajuda mas já quer ir buscar a água à torneira e já quer fazer aquelas coisas todas. Já quer ir à casa de banho e ser ele a limpar-se sozinho. Claro está que não fica muito bem limpo mas já vai limpando mais ou menos. Nestas coisas ele gosta muito de ajudar.

Ana – É muito autónomo o Jacinto e é muito preocupado. Uma vez eu disse: “Dói-me um bocadinho a cabeça”. Depois do repouso deles perguntou-me: “Ainda te dói a cabeça. Ana?” É muito atento.

Avó – É sim senhora e é muito amigo do seu amigo.

Ana – Ah sim, o Guilherme.

Avó – O Guilherme já não está cá na escola?

Ana – Eu acho que ele vai voltar mas ele tem estado com a avó.

Avó – Ele há outro que é o Telmo.

Ana – O Telmo?

Avó – O Telmo está cá, não é? Outro é Tiago que já cá não está e então às vezes vou para a janela da rua e o Tiago vem com a mãe da escola, as pessoas até param para ver aquele abraço de amizade, agarra-se a ele com uma ternura. Há outro, o Pedro que também esteve cá e que agora está aí noutra escola.

Ana – O Pedro...

Avó – De vez em quando encontramos o Pedro, faz uma festa ao Pedro. É muito amigo do seu amigo, isto é, com os seus meninos: “Os meus meninos aqui, os meus meninos ali”. Ele realmente fala muito dos meninos da escola.

Ana – E o Guilherme, eu acho que há alturas em que um sem o outro não ficam bem.

Avó – Eles desde bebés que estiveram sempre juntos, foi com o Guilherme, foi com a Ana e uma Raquel. Fala muito numa Raquel.

Ana – É a Ana Raquel ou é a Raquel mesmo?

Avó – Eu tenho a impressão que é a Ana Raquel.

Ana – Ana Raquel...

Avó – Ele fala de uma Raquel que ele acha que é muito bonita e diz: “É a minha querida”... Aqui há tempos fomos, foi no Natal, ver as luzes na baixa. Estávamos numa montra com um fato de noiva... era o noivo, era a noiva. Ele olhou e disse: “Oh vó, aquele é o Jacinto e aquela é a Ana Raquel”.

Ana – Que engraçado.

Avó – Ele tem... ele pergunta “o teu querido...”, para o meu marido, “já chegou?”. É o querido, é a querida, o teu marido, tem já umas expressões muito engraçadas, eu acho que na fala e em expressões está muito desenvolvido.

Ana – Está, e acha muita piada quando dizemos palavras novas, mesmo as lengalengas ele deve fazer tudo em casa.

Avó – É! É! Sabe uma série de coisas mesmo a cantiga de uma pulga e de um percevejo, eu acho uma graça à cantiga, ele sabe-a toda também. E já gosta muito de fazer desenhos. Está com uma caneta a fazer desenhos, está meia hora... faz números, depois faz pontinhos pelo meio... agora já faz os pontinhos para fazer os números e gosta muito de livros. Bem se ele sair à mãe, a minha filha, quando aprendeu a ler levava livros para a aula para nos intervalos ler, era uma coisa pela leitura... ainda hoje tem a paixão da leitura. Começou muito cedo a escrever muito bem e a ler muito e eu sempre investi muito em livros porque acho que é um investimento muito bom. Ele tem uma colecção enorme da mãe e dos tios, desses da ‘Anita’ já os trouxe para cá para ver, leva muito tempo a olhar para os livros.

Ana – O Jacinto vai muito bem.

Avó – Pois, eu penso que sim, está bem para a idade, nem a mais, nem a menos, é uma criança que está no seu tempo. Eu nunca me esqueço, o meu médico que me dizia... eu às vezes queixava-me que o meu filho tinha más notas e ele dizia: “D. Isabel, não queira filhos super homens, deixe-os ser normais. Uma criança tem que ser normal, deixe-os chumbar se tiver que chumbar, temos que responsabilizá-los mas não querer que eles sejam melhores em tudo”.

Ana – Exacto.

Avó – Porque isso não resolve os problemas, a minha filha até à quarta classe foi sempre a melhor em todos os anos, ela andou naquele colégio Avé Maria, não sei se conhece?

Ana – Sim, sim.

Avó – Então, era ela e o filho do Freitas do Amaral que era colega dela, eram os dois melhores da escola desde a infantil até à quarta classe, todos os anos eram sempre os melhores. Foi para o liceu e era sempre a melhor e depois para quê?

Os meus filhos foram sempre mais felizes do que ela porque ela levava aquilo tudo tão a sério... não é que nós a obrigássemos a isso.

Ana – Eu percebo.

Avó – Mas ela levava tudo muito a sério e aos oito anos teve uma úlcera. Era uma criança que não deitava cá para fora o que tinha que deitar. Nunca me esqueci. Depois andou numa psiquiatra porque era uma úlcera de origem nervosa. Quando ela não estava no quadro de honra a psiquiatra dizia-me “Ainda bem, está a melhorar”. Ela estava a ser criança normal, eu acho que isso é muito importante. É o que eu dizia aos meus filhos: podem ter negativas, não podem ser mal educados. Isso é que eu exigia, podiam ser muito traquinas mas todos os directores de turma me diziam que eram muito educados para os professores. O meu filho mais velho da primeira à quarta classe esteve sempre numa secretária ao lado do professor porque era um miúdo que aprendia rápido e depois distraía os outros.

Ana – O Jacinto vai continuar aqui?

Avó – Aqui? Vai, vai até à quarta classe e vai para os tempos livres e eu estou muito contente e não tenho que estar porque não sou a mãe. Mas estou muito contente. Acho que trabalham muito bem.

Ana – Eu também. Acho que elas são muito atentas aos meninos.

Avó – São sim senhora, está muito organizado, têm muitas actividades. Eu sei de escolas onde se paga muito e que não têm a atenção que ele aqui tem.

Ana – Dão imensa atenção e a alimentação aqui é muito boa.

Avó – É! É! Muito cuidada.

Ana – E especialmente se os miúdos não gostam, ainda ontem era bacalhau à Braz e o António não gosta e para ele veio peixinho cozido. Eu acho que isto é um cuidado.

Avó – Não é normal e têm muito espaço. Geralmente as crianças estão fechadas em salinhas.

Ana – Esta casa é muito boa.

Avó – Acho que foi uma sorte que ele conseguisse vir para aqui porque realmente ele veio para aqui casualmente. Quando a minha filha ficou grávida eu vim aqui saber se tinham infantário, foi quando a creche estava para abrir e então lá

consegui que ele entrasse para este colégio. Também tinham muita atenção, ele nunca chegou a casa assado, nunca chegou a casa com problemas fosse do que fosse. Eu acho que é uma sorte ter uma escola assim.

Ana – É, é verdade.

Avó – Porque eu tive a minha filha no colégio particular e os meus filhos na escola oficial, também andavam à tarde nos tempos livres e também era uma organização, era uma escola com um nome muito estranho S.C.A.I.L., não sei se já ouviu falar...

Ana – Agora mudou e chama-se Fundação D. Pedro IV.

Avó – E era ali ao pé do Palácio. Tinha uma casa e de um lado era os mongolóides e ao lado era a S.C.A.I.L.. Os meus dois rapazes estiveram lá. Iam todas as semanas para as Janelas Verdes para as oficinas das Janelas Verdes. Foi a seguir ao 25 de Abril, as coisas estavam muito mais vivas, levavam os miúdos para os museus, para trabalhar nos museus, eles conheceram os museus todos na altura. Aquilo tinha uma actividade... eu quando soube que aqui também tinham... acho que é muito melhor do que ir para um colégio que só tem nome.

Ana – Sim, a maior parte das vezes é assim.

Avó – Politicamente eu acho que nós não temos que obrigá-los a ser isto ou ser aquilo. É mostrar-lhes as coisas como é e como não é e tudo isso faz parte da vida.

Ana – E não há momentos especiais, não é? Todos os momentos servem para se falar e conversar, não é?

Avó – Eu, por exemplo, tenho uma relação muito aberta com os meus rapazes e com a minha filha nós chocamo-nos um bocado mas eu acho que é normal.

Ana – É.

Avó – É como os rapazes com o pai. Ela em miúda abria-se muito comigo, agora... não quer dizer que ela não se abra comigo, entende-se melhor com o pai. Tem uma paixão pela filha, não quer dizer que não goste dos rapazes, eu acho que o gostar é igual mas há sempre uma tendência, já dizia não sei quem que é assim.

Ana – Pois.

Avó – Mas os dois rapazes contam-me tudo, falam-me de tudo. Eu acho imensa graça porque o meu filho trabalha numa empresazinha de computadores, é programador... ele faz uma carta para um cliente e diz: "Oh mãe, vai à janela",

eu vou à janela e falamos de janela para janela: “Oh mãe, veja lá se isto está bem escrito”, até uma simples carta ele me manda para eu ver se está bem. Depois tem uma ternura muito grande por mim, uma preocupação muito grande, vivem todos os problemas uns dos outros. Eu acho que isso é bom, eu acho que aquela ideia da família, de pátria e Deus não é essa a ideia que interessa mas o sentido de família é muito importante.

Ana – E conseguem ter ali um nucleozinho, não é? Morarem ali assim pertinho uns dos outros?

Avó – Ah, isso é! Moramos ali todos. Depois as minhas irmãs, sempre nos demos muito bem e os meus sobrinhos também. Somos uma família realmente no sentido da palavra. Se um está aflito o outro também vai estar, o problema de um é o problema do outro.

Ana – Pois.

Avó – Por exemplo, esta minha sobrinha que tem a criança que é mãe solteira... só quando nasceu a criança é que nós soubemos que ela ia ter a criança. Telefonaram da maternidade para a minha irmã a dizer que tinha uma neta. Agora veja a situação... mas logo naquele dia foi a minha filha, o meu marido dar a prendinha à bebé e ver a bebé. Arranjou-se tudo e no dia seguinte a criança tinha o enxoval todo. Não se esteve a incriminar a miúda nem se perguntou... só mais tarde, quando ela teve que dizer quem era o pai por causa do registo... tudo isto é muito importante. Claro está que também temos as nossas desavenças porque eu acho que um casal que não ralha não vive.

Ana – Faz tudo parte da vida.

Avó – Faz tudo parte da vida, o ralhar, o não estar bem disposto hoje. Tudo faz parte da vida. É preciso é saber dar a volta e as coisas ficarem no seu lugar. A família é assim quando é preciso há sempre um que está lá para ajudar e isso é que é ser família. Não são as prendinhas que definem uma família, é no azar que se define uma família.

Ana – E é nos momentos de crise estarem lá as pessoas, não é?

Avó – E isso tem acontecido realmente, tanto lá em casa como com a outra família toda.

Ana – E eu acho que isso reverte a favor dos mais pequeninos.

Avó – Ai sim, isso vê-se, o Jacinto noutra casa era capaz de ser uma criança triste, uma criança... não sei perceber bem como seria a vida dele. Ele pode sentir a falta do pai dele mas no fundo ele sente que é importante.

Ana – Pois...

Avó – É muito importante porque ele diz “a nossa casa”, a casa dele mas por exemplo na minha casa ele diz “o nosso quintal”, “as nossas pêras”, “as nossas flores”, ele sabe... “Oh vó, vamos lá ver as nossas flores”, (risos) e lá foi ver as flores. Para ele é tudo nosso.

Ana – É mesmo uma grande família, não é?

Avó – É tudo nosso.

Ana – Mas ainda bem que conseguem.

Avó – Acho que sim.

Ana – Isso mais tarde reverte a favor do Jacinto.

Avó – Também já tive um problema no meu casamento, já estive separada durante dois anos, mas voltámos e eu nunca esqueci a frase do meu filho quando o pai saiu: “É a paixão dos quarenta que os homens têm muito, os homens e as mulheres”.

Ana – Pronto, faz parte da vida.

Avó – Pronto faz parte, se acontecer... Eu preparei o meu marido para ir viver sozinho, ensinei-o a fazer de tudo, preparei-o todo para ir viver sozinho a sua paixão, e foi, e depois teve azar porque pelo outro lado não era correspondido. Nunca pus os filhos contra o pai. Apesar de sofrer muito cheguei a pesar 37 quilogramas, fui-me muito abaixo mas consegui aguentar-me. E nunca me esqueço depois quando o pai voltou, eu disse para os meus filhos: “O pai vai voltar para casa. É como se não tivesse acontecido nada, o pai teve que fazer uma viagem muito grande e agora voltou para casa”. E diz-me o meu filho mais velho: “Ai mãe, o que é que se passou? Eu não me lembro de nada”. Eu achei isto uma coisa... Eu choro sempre que falo disto porque acho que é bonito ouvir isto de um filho e pronto. Bem vamos falar de outra coisa. E é assim, eu só quero que o meu Jacinto seja muito feliz e é isso o mais importante.

Ana – Ele é saudável?

Avó – Porque tem uma base boa. Uma alimentação boa. Tem um certo horário... é uma coisa com que eu ralho muito com a minha filha. Agora as coisas já estão melhores lá em casa. Quando o pai estava não havia horários porque habituaram-se a não ter horários. À noite ele via a televisão, via a telenovela, via mais isto... Quando ele estava com o pai era o dia inteiro a ver televisão, à noite era ver televisão e a mim aflige-me um bocadinho a televisão principalmente os desenhos animados que agora existem que são de uma violência... Eu não consigo achar graça nenhuma aquilo mas eles gostam, pronto.

Ana – Tem é que se conversar depois.

Avó – A gente não pode estar sempre a dizer que é mau.

Ana – Proibir.

Avó – Proibir, dizer que é sempre mau. Mas tem sido a luta com a minha filha tem sido o horário. E sabe, ele agora desta novela não lhe acha graça nenhuma e então já vai para a cama depois... porque ele só dormia na sala e depois é que a mãe o levava para a cama, agora já consegue. Comigo não, eu deitava-o e ele ficava a dormir.

Ana – Pois, são hábitos.

Avó – Mas agora já vai para a cama. A mãe lá lhe lê uma história, lá está um bocadinho com ele e ele adormece logo. Eu habituei-o a fazer uma festinha desde pequenino.

Ana – Ele gosta.

Avó – Ainda hoje quando dorme lá em casa ele pede “Oh vó, faz-me uma festinha para eu dormir”. Ele gosta, gosta muito de miminhos. É uma criança que derrete-se toda.

Ana – Há aqui um grupinho que quando um não está muito bem, todos se ressentem. Se um está a chorar eles dizem: “Oh, vamos ao muro dizer adeus à tua mãe” e vão não sei quantos dizer adeus à mãe do menino. São unidos, há sentido de grupo, é importante.

Avó – Pois é.

Ana – São muito pequeninos mas há sentido de grupo.

Anexo C.3A

Entrevista* com a mãe do João / Março de 1997

(Entrevista realizada no jardim de infância)

Ana – Como já sabe isto é um trabalho que eu estou a fazer para a tese que é sobre os hábitos alimentares num jardim de infância. Portanto interessava-me saber pelas entrevistas um bocadinho a história alimentar dele. Deu-lhe peito? Como é que passou para o biberão? E a introdução aos sólidos...

Mãe – Ele peito bebeu muito pouco tempo porque o meu peito ficou encaroçado, gretado e doía-me imenso e ele não engordava com o leite do peito. No hospital estivemos lá onze dias foi o tempo em que bebeu o leite do peito depois veio para fora, foi ao pediatra dele e aconselhou a dar suplemento porque ele tinha fome, ficava cheio de fome com o meu leite. Entrou no leite bem, o biberão pegou à primeira, gostava... tinha uma fome devoradora. Se o médico mandava dar trinta ele bebia cinquenta porque bebia sempre mais. Passou logo para o Aptamil 2, não tinha problema nenhum. Os sólidos também não foi esquisito.

Ana – As sopas também não, pois não? Gostava de sopa?

Avó – Não gostava era de alho francês.

Mãe – Sopa de alho francês ele não gosta. Tentámos pôr sopa com peixe, sopa com carne, tudo no biberão. À colher era Cerelac e as farinhas Milupa e comia bem. Era muito bom de comer e não era muito esquisito. Também comia muito bem banana, fruta cozida... até ao ano ele comeu sempre muito bem porque tudo o que se lhe dava ele não dizia que não e comia tudo.

Avó – A partir daí é que foi a guerra...

Mãe – A partir daí começou a ser muito selectivo, selectivo demais, não comia assim mesmo nada. Come uma batatinha de vez em quando, a carne mastiga e deita fora, se for passada e estiver bem disposto até come porque se ele estiver em dia não, não abre a boca. A gente põe puré com carne passada e não vale a pena e come melhor peixe grelhado ou cozido ou assado no forno, ele gosta

* A avó do João esteve presente e participou

muito. A carne cansa-se a comer, ele quando diz que está cansado já não vale a pena.

Ana – Enrola, não é?

Mãe – Enrola, enrola muito o comer mesmo a gente dando: “Pronto, agora bebe um bocadinho de sumo”, não vale a pena e depois está cansado já não quer, começa a sair da mesa, vai dar um pulinho e depois volta mas não come, não come mesmo. É muito mau de comer. Eu acabo por andar... às vezes andamos a ver o que é que ele vai comer e então perguntamos-lhe: “Ah, quero queijo fresco; ah, quero fiambre”. É assim... é de petiscos. Ele come muito bem se lhe der chouriço assado, ele come muito bem: se lhe dermos farinheira, ele gosta. Agora se lhe puser na frente batatas fritas com bife que é o comer normal que uma criança na idade dele... bem posso estar ali duas horas se for preciso. E sopa então, não come. Para comer sopa é com barquinhos dentro da sopa e uma colher para o tio, uma colher para a tia e assim...

Ana – Barquinhos? É pão?

Mãe – É pão. Eu ponho pedacinhos de pão, é a única maneira e tem que ser, às vezes... sei lá... com que mil interesses por trás para ele comer um bocadinho de sopa. Por isso é que eu estranho dizerem que ele aqui come bem.

Ana – A sopa come.

Mãe – Mas dão-lhe.

Ana – Às vezes tem ajuda.

Mãe – Ele lá em casa não come sozinho a sopa, se não lhe der à boca ele não come.

Ana – Comer sopa fria é desagradável, não é?

Mãe – Então, não é? Eu cheguei a rebentar o prato dele no micro ondas porque arrefece e eu vou ao micro ondas e ponho mais um bocadinho mas não vale a pena.

Ana – Eu às vezes dou uma ajuda nas sopas para eles não ficarem para trás, porque eles começam a ver os amigos a acabar e dou uma ajuda. Come alface?

Mãe – Pois come e tomate mas se eu em casa fizer sopa e a sopa tiver os legumes à vista ele não os come, mas ele na minha mãe consegue comer.

Avó – Eu, cá comigo, dou-lhe e ele come-os.

Mãe – Porque a minha mãe tem uma maneira de levar diferente da minha e acaba por ter mais paciência. Então ela pode estar ali uma hora que não se chateia e eu, ao fim de meia hora estou farta! Tanto que ele pede para ficar na minha mãe, faz tudo para ficar lá.

Ana – Portanto ele costuma tomar as refeições ou convosco ou em casa da avó?

Mãe – Sim. Normalmente, durante a semana ele está na minha mãe porque nós moramos em Caxias. O meu marido entra muito cedo às 08:30h e eu entro às 09:00h. e então o horário é um bocado chato porque eu tenho que sair de casa às 7 da manhã. É complicado para ele, portanto ele fica cá mas sexta feira vai. Então, ele na minha mãe tem refeições a horas e tudo muito certinho: o pequeno almoço, o almoço, o lanchinho, o jantar e depois o biberão antes de dormir. Na minha casa, aos fins de semana, eu não me preocupo tanto com as horas, é mais assim: “Se acordares acordaste, queres comer dizes”. E ele nunca pede comer, ele é capaz de acordar às 11 horas e lembra-se: “Tu não me deste leite”, mas é o leite porque depois o almoço já não se lembra tanto. Mas realmente, em minha casa as refeições são diferentes da minha mãe. Eu não tenho horários e ela faz muitos horários certinhos para ele e preocupa-se que ele tem que comer e àquela hora vai-lhe fazer o comer. Prepara tudo só para ele e àquela hora ele vai almoçar.

Avó – Eu posso ficar na cama até um bocadinho mais tarde, mas àquela hora eu levanto-me para lhe dar o pequeno almoço e, se for preciso, depois volto-me a deitar mas acho que não deve... acho eu... não sei, também posso estar errada, que não é muito conveniente a criança estar tantas horas sem comer porque ele não é uma criança que coma muito. Então, como come pouco, eu tenho o cuidado de me levantar às 8.30 h. e dou-lhe o biberão de leite, dou-lhe leite ou dou-lhe a papa.

Mãe – Comigo é um bocado aquela: “Pronto, vamos à rua tomar o pequeno almoço”. Ele chega à rua e come um croissant ou com fiambre ou com queijo e bebe leite com chocolate porque para ele o leite tem que ser sempre. Ele hoje tomou dois pequenos almoços, tomou em casa Cerelac e chegou ali ao café e quis leite com chocolate. Ele leite bebe muito, muito mesmo. O médico diz que não faz mal e eu deixo abusar um bocado no leite... é capaz de beber entre... um litro de leite,

ele bebe sempre... entre os iogurtes e essas coisas ele acaba por beber mais um litro.

Ana – Então quer dizer que há umas coisas que ele come consigo mas com a sua mãe come mais coisas?

Mãe – Come mais, muito mais.

Ana – Que tipo de coisas é que ele...

Avó – Ele na minha casa come sopa, come sopa e come bem que eu obrigo-o a comer a sopa porque acho que a sopa faz falta. Então quando é sopa de feijão, ele gosta muito de sopa de feijão, ponho-lhe pãozinho ao lado e ele faz os barquinhos e come a sopinha de feijão toda.

Mãe – E depois ainda come mais coisas...

Avó – Olhe, ontem ficou e eu disse-lhe assim: “João, hoje o que vais comer?”. “Ah, eu não tenho fome”. Como ia à rua comprei fiambre e levei-lhe queijinho fresco. Comeu queijo fresco, comeu batatinhas fritas com ovo estrelado, só a gema que a clara diz que não gosta, comeu algumas quatro fatias de fiambre e em cima comeu aí umas 250 gramas de morangos e quando se deitou bebeu o biberão de leite. Afinal, já ficou bem jantado, temos que ver que ele é pequeno, não é?

Ana – Claro.

Avó – Se fosse com ela (aponta para a filha), havia muitas coisas que não comia.

Mãe – Há coisas que ele não come.

Avó – Porque ela não tem paciência depois aborrece-se e ele abusa.

Mãe – Acabo mesmo por deixar. Quando vamos ao restaurante eu sei que ele não come o prato. Normalmente o comer em si ele não quer. Ele come pão com queijo, come com patê, come com manteiga de alho, aquelas entradas todas, ele come tudo. Petiscos, paio, presunto, aquilo vai tudo e depois, quando chega a vez do prato é capaz de comer um bocadinho de batata... nem vale a pena pedir uma dose para ele, quase sempre dou-lhe do meu. Às vezes, vejo mini pratos que fazem para as crianças. Hambúrguers ele adora, ele vai ao McDonalds e ele come um hambúrguer, come batata frita quando come... i ele é capaz de ter fome só que como é tão calão para comer acaba por dizer: “Oh, já chega, estou farto”. Pronto, já não vale a pena, quando ele diz: “Estou farto” e “Não quero”, “Não gosto”, já não vale a pena.

Ana – E alface? Aqui às vezes ele não comia. Porque há meninos que diziam: “Eu não gosto, eu não quero” e deixam de lado e ele também não comia. Houve um dia que eu estava ao pé dele e disse-lhe: “João, come a alface”, “Não gosto”, “Não perguntei se gostavas, toca a comer tudo”, e comeu a alface toda e depois foi dizer à Maria João: “Oh Maria João, comi a alface toda”.

Mãe – Ele lá em casa agora diz: “Eu já gosto de alface e gosto de tomate” e quando faço... eu faço muitas vezes porque eu gosto muito de saladas dou-lhe, ponho-lhe no prato e ele come mas o tomate não gosta temperado, é só a rodela de tomate, ponho-lhe no prato e ele come e diz que é muito bom. E gosta muito, mas se eu lhe puser da minha salada, que está temperada, mesmo alface temperada já não gosta. Ele gosta é assim sem gosto nenhum. Só o gosto de alface sem saber a nada, mas ele gosta.

Ana – Eu tenho aqui uma listagem de alimentos e quero saber se eles conhecem, não conhecem, gostam ou não gostam. Leite frio?

Mãe – Não, ele gosta de leite assim morninho, mais assim para o quente, frio ele não liga.

Avó – No Verão bebe.

Mãe – Mas tirando frio, frio não.

Avó – Não, frio não.

Mãe – Leite para ele é à temperatura normal ou então um bocadinho aquecido.

Ana – Bebe por copo ou por biberão?

Mãe – É biberão.

Ana – À noite? De manhã?

Avó – É assim: de manhã eu faço-lhe leite com Cerelac e ele, então, bebe por biberão porque está meio ensonado e à noite também mas durante o dia se eu for a qualquer lado e lhe disser: “Agora bebes pela caneca”, ele bebe.

Ana – Mas já não usa chucha ou usa?

Mãe – Não, nunca usou.

Avó – Nunca usou.

Mãe – Ele teve chucha até ao ano porque eu impingia-lhe porque lá no hospital disseram que a chucha fazia as crianças muito meiguinhas e mansinhas e não choravam, então eu impingia-lhe a chucha, ele não gostava. Eu estava sempre a

forçar e ele até ao ano teve chucha. No dia em que fez um ano eu disse-lhe: “Isso não presta é uma grande porcaria, vai-te estragar os dentes, vamos deitar para o lixo?”. Pronto, nunca mais pediu, nunca mais quis saber da chucha para nada.

Ana – Coca-cola, gosta?

Mãe – Imenso.

Ana – E bebe muito?

Mãe – Não bebe porque eu não lhe dou mas gosta muito.

Ana – Quando vão aos hambúrguers...

Mãe – Nos hambúrguers deixo-o beber. Pronto, nessa altura deixo-o beber mas em casa não dou, evito.

Ana – Água gosta? Bebe bastante?

Mãe – Gosta, bebe bastante água, ele transpira muito e pede sempre muita água.

Ana – Iogurtes?

Avó – Sim, come.

Mãe – Sim, agora já vai gostando, houve aí uma altura em que ele não ligava muito. Estava muito no leite, leite com maizena, leite com cerelac... Iogurte ele não pegava mas agora diz que aqui come iogurte às vezes ao lanche. Anda naquela fase dos iogurtes que têm cereais por cima que se põem lá dentro, acaba de jantar quer um iogurte, acaba de almoçar quer iogurte, gosta muito desses iogurtes...

Ana – Papas?

Mãe – Cerelac e Maizena é com ele.

Ana – Queijo?

Mãe – Muito.

Ana – Gosta de todos?

Mãe – Todos, quer seja aquele queijo picante de Castelo Branco, quer seja o queijo de barra ele gosta de todos e então o queijo fresco...

Ana – Gosta?

Mãe – Adora.

Ana – Manteiga?

Mãe – Sim, no pão gosta muito.

Ana – Pão?

Mãe – Come. Ele come muito quando estamos a jantar, ele pede sempre pão para acompanhar o comer.

Ana – E qualquer pão? Carcaça...

Mãe – Sim, o pão de forma, carcaça também e o pão de fatia, pão de leite e croissant gosta.

Ana – Bolos? Guloseimas?

Mãe – Os bolos ele não é ligado mas aqueles croissants pequeninos que há com chocolate lá dentro... essas coisas assim ele liga porque bolos com creme não. Queques, madalenas, bolos de arroz é os bolos dele.

Avó – E também é o que a gente lhe dá.

Mãe – E também bolos feitos em casa, agora bolos com creme não.

Ana – E Bolicao?

Mãe – Bolicao adora, tudo o que tenha chocolate é com ele.

Ana – Gosta de chocolates?

Mãe – Até só com Tulicreme... isso, para ele, desde que tenha bastante Tulicreme que lhe saiba a chocolate ele gosta muito.

Ana – Frutas?

Mãe – Fruta... pois para lhe dizer a verdade o que eu vejo que o meu filho gosta é morango. E gostava muito de banana e agora não vai querendo.

Avó – Laranjas, às vezes... agora também começam a estar secas, não têm sumo e eles não querem tanto.

Mãe – Ele é muito mau para fruta, eu acho que ele é muito mau para fruta. Se não tiver morangos, ele não come.

Avó – Na minha casa come, eu parto a fruta aos bocadinhos, mesmo os pêros também descasco e ele come. Não é assim uma criança que peça fruta mas come e se a gente teimar um bocadinho, nem que seja metade, ele come.

Ana – Pois, ele cá come metade de tudo, não consegue comer a fruta inteira.

Mãe – Se eu lhe disser: “Vamos comer pêro?”, “Ah, isto é o que como lá na Associação”, “Mas tu comes?”.

Ana – Come um bocadinho, vê-se que é uma coisa que ele não aprecia.

Avó – Não aprecia muito...

Mãe – Eu não gosto de fruta por isso eu acredito que ele também não goste. Eu não ligo nenhuma à fruta, para mim a fruta... passa-se tempos que eu não como e eu acho que ele vai um bocado nisso, depois o meu marido também não liga muito à fruta. Nós temos fruta em casa mas ele não nos vê comer é capaz de não querer... agora pegou no kiwi... diz que comeu aqui e gostou muito: "Olha, a mãe qualquer dia compra-te". No outro dia estávamos na mercearia e disse: "Vou comprar kiwis para ti", "Não compres que já não me apetece", mas diz que comeu e gostou.

Ana – Eles acharam graça porque é um sabor diferente. Eu realmente introduzi kiwi, porque acho que é um sabor que nem é doce, nem é ácido. É uma mistura de sabores.

Mãe – Eu não gosto, eu fiquei naquela: "Kiwi? Tudo bem, se tu gostas, a gente compra". Eu estou por tudo... a gente compra um pouco naquela: "Será que ele gosta? Vou comprar".

Ana – Foi um bocado para experimentar.

Mãe – Mas ele disse que era bom, disse que gostava de kiwi.

Avó – E até fizeram compota de kiwi.

Mãe – Vou ver se compro para ver se ele come no fim de semana um bocado de fruta porque ele passa o fim de semana sem comer fruta.

Avó – É diferente, é uma fruta diferente das outras, uma pêra, uma maçã, uma banana, uma laranja que é tão vulgar, agora de repente uma fruta verde...

Mãe – Aquilo não tem nada a ver com a fruta que eles comem.

Avó – E melão também gosta... e meloa... melancia não, mas melão e meloa... meloa corto-lhe metade e ele come e melão então come que é um disparate.

Ana – E uvas, gosta?

Mãe – Imenso. Isso foi a minha mãe que lhe pôs o vício das uvas.

Avó – Adora uvas!

Mãe – Adora uvas mas é sem pele e sem grainhas. Pronto, então come uvas que é um disparate.

Avó – Como era pequenino a gente tirava-lhe a pele.

Mãe – Uva come muito bem, come um cacho de uvas, é fruta que ele come mesmo.

Avó – Eu acho que é mais fruta com sumo, o pêro é seco, a pêra também é seca, a banana é seca, ele estas três frutas que não têm sumo acho que ele não gosta tanto.

Ana – São mais docinhas também, as uvas, não é?

Avó – Pois... têm um gosto diferente.

Mãe – Mas também só gosta de branca que ele preta não liga, não.

Avó – Não, também come.

Mãe – Já come? Pronto, é o que eu digo, com ela há certos alimentos que ele come mas comigo não come.

Avó – Porque a gente na minha casa come e eu ponho sempre um bocadinho para ele e talvez seja isso que a criança... Porque depois eu obrigo: “Come que te faz falta. Tens que engordar”. E ele assim vai naquela ilusão, coitadinho. Agora ando a dizer-lhe: “Se tu não comes ficas doente. Não tens gordura e vêem-se os ossos”, é uma maneira de ele comer... Como é ruim de comer eu vou buscar tudo, ela diz-me: “Ah, eu não tenho paciência”.

Mãe – Às vezes eu não consigo ter.

Avó – Eu já sei... porque o padrinho dele, o meu filho era a mesma coisa e eu chegava a perder horas para lhe dar de comer.

Mãe – É perder horas... Tem que ser às vezes assim uma brincadeira: “E tu comeste aquilo?” e depois ele abre a boca porque se distrai.

Avó – E com histórias também come.

Ana – E agora também já engole melhor, não é?

Mãe – Como não mastigava ficava aqui com uma bola, ficava assim e eu acabo por dizer: “Pronto, cospe, deita fora. comes outra”, acabava por deitar fora. À minha mãe também aconteceu ele não comer aquele comer e a gente fazer outro comer para ele comer e às tantas: “Olha, esquece”... Um biberão de Cerelac com leite e acaba por beber aqueles copos de meio litro. Tinha que ser qualquer coisa.

Ana – Peixe?

Mãe – Ah, gosta muito de peixe.

Mãe – Atum?

Mãe – Atum, em casa nunca dei. Come?

Ana – Come, come.

Mãe – Eu nunca dei mas sei que ele aqui come e gosta muito.

Avó – Em minha casa come.

Mãe – Eu assim nos fins de semana que é o tempo que estou mais em casa com ele, eu faço então o peixe grelhado, aquele comerzinho que normalmente durante a semana deduzo que ele não coma e vou normalmente à procura de peixe para grelhar ou entrecosto grelhado que ele também gosta. Bifes não vale a pena.

Ana – Carne de porco ele come melhor?

Mãe – Imenso.

Ana – E lulas?

Mãe – Lulas não gosta.

Avó – Lulas não come.

Mãe – Lulas, polvo, chocos, não mastiga.

Avó – É rijo.

Ana – Bacalhau?

Mãe – Bacalhau gosta, gosta de bacalhau assado, com natas também gosta.

Ana – Chouriço?

Mãe – Imenso.

Ana – Fiambre?

Mãe – Fiambre, salsichas é uma coisa que ele adora. Eu com medo daquela história das vacas loucas parei com as salsichas mas agora sei que ele cá come que ele disse-me. Agora já voltei a dar-lhe, de vez em quando deixo-o comer as de lata.

Ana – Carne?

Mãe – Sim.

Ana – Hambúrguer?

Mãe – Pois é os McDonalds.

Ana – Batata frita?

Mãe – Muito, gosta muito.

Ana – Batatas cozidas?

Mãe – Também come, não é muito, já não come tanto.

Ana – Puré?

Mãe – Imenso. Ai, adora puré de batata, isso é uma coisa que ele gosta. É o que eu lhe digo é tudo passado, aquilo é só engolir e gosta.

Ana – Arroz?

Mãe – Gosta muito. Massa gosta muito.

Ana – Ervilhas?

Mãe – Uh... diz que come no arroz: “As bolinhas do arroz são tão boas”, eu já deduzi que são ervilhas.

Avó – Na minha casa quando faço ele também come.

Mãe – Pois, mas eu não costumo fazer arroz com ervilhas.

Ana – Cenoura?

Mãe – Diz que não gosta.

Avó – Mas come na sopa.

Mãe – Pronto, é isso na sopa come mas no prato ele não come cenoura, nem a cenoura cozida que é uma coisa que eu gosto, diz: “Eu não gosto de cenoura” e não come mesmo, não gosta.

Ana – Couves?

Mãe – Na sopa só. O tomate já come assim... de vez em quando... a fatia assim no prato, ele já come o tomate.

Ana – Alface?

Mãe – Come e gosta.

Ana – Milho?

Mãe – Milho para ele é pipocas e se associar o milho às pipocas ele come, de outra forma não costumo dar.

Ana – E cogumelos?

Mãe – Cogumelos gosta muito.

Ana – Couve-flor?

Mãe – Ele não gosta de legumes cozidos. Na sopa come de tudo, agora no prato que lhe ponham legumes ele não come.

Avó – Na sopa desfeito.

Mãe – É. Eu, às vezes, faço cozido à portuguesa e tento pôr-lhe legumes mas não vale a pena que ele não lhes toca.

Ana – Espinafres?

Mãe – Sim, na sopa.

Ana – Azeitonas?

Mãe – Gosta muito.

Ana – Gosta?

Mãe – Gosta mesmo muito. Ele come azeitonas mas eu não lhe dou porque tenho medo mas come azeitonas, trinca, trinca o caroço, come. É uma coisa que ele gosta... Cá está, é os petiscos de entrada para a refeição.

Ana – Caracóis também gosta?

Mãe – Nunca lhe dei mas é capaz de gostar. O meu filho adora petiscos mas eu caracóis nunca lhe dei. Como eu não gosto só se o meu marido comer é que lhe pode dar. Eu caracóis agonia-me mas ele é capaz de comer, ele abre a boca para tudo, ele abre a boca para salada de polvo que é uma coisa tão apaladada, o gosto do polvo ele não se importa mas é rijo e não come. Couve-flor, pickles e ovo, ele adora comer com vinagre. Eu faço peixe cozido, ou qualquer coisa, tenho que pôr vinagre.

Ana – E limão ele gosta?

Mãe – Limão gosta muito, quer as rodela de limão no prato e quer que eu esprema limão por cima da entremeada, do entrecosto ou do bife grelhado. Gosta imenso de limão. Eu, às vezes, tenho medo que lhe faça mal mas também não lhe ponho assim muito.

Ana – Alho francês?

Mãe – Não gosta, não.

Ana – É mesmo o que não gosta, não é?

Mãe – Eu digo-lhe, tinha 9 meses e fizemos-lhe uma sopa e a minha mãe pôs alho francês... conforme a primeira colherada na boca ele gritou aflito. Ele está com uma dor qualquer pensei eu, até que a minha mãe lembrou-se: “Ai, é o gosto do alho francês”. Tínhamos outra sopa, demos e comeu. A partir daí nunca mais demos alho francês.

Ana – Rabanete?

Mãe – Não.

Avó – É o mesmo sabor do alho francês.

Mãe – Pois deve ser parecido.

Avó – Também não é hábito pôr.

Ana – Cebolas? Crua ou cozida...

Mãe – Se for cozinhada ele é capaz de comer, agora crua...

Ana – Alho?

Mãe – Também só cozinhado. Eu acho que cozinhado, sim.

Ana – Ovos cozidos?

Mãe – Ai, ovos cozidos é com ele, gosta muito: cozidos, estrelados, mexidos, de toda a maneira. Gosta muito de ovos.

Ana – Azeite?

Mãe – Eu tempero o prato dele com azeite, tempero a salada com azeite, ele gosta se for pouquinho.

Ana – Vinagre, já me disse que sim.

Mãe – Muito.

Ana – Maionese?

Mãe – Eu em casa evito dar-lhe maionese mas nos hambúrguers traz aquele bocadinho de maionese e ele come, gosta daquele molho nas batatas fritas. Adora aquela rodela de pickles e ele come aquela rodela de pickles.

Ana – É picante...

Mãe – Então, não é?

Ana – Ketchup?

Mãe – Que eu ponha de propósito, não mas se tiver no hambúrguer um bocadinho de ketchup ele come.

Ana – É só no hambúrguer?

Mãe – Só no hambúrguer, eu não ponho em casa no comer dele, evito. Ele, às vezes, vê que eu estou a pôr: “O que é isso?” mas não lhe faço de propósito e não gosto de lhe pôr assim no prato porque acho que é uma coisa que não lhe vai fazer assim muito bem. Ele come tão pouco que se deixo entrar muitas coisas dessas acho que só lhe faz mal.

Ana – E mostarda? Também não?

Mãe – Eu evito dar.

Ana – Há algum alimento que ele goste especialmente e que não esteja aqui mencionado? Ou há algum que não goste?

Mãe – Que ele não goste mesmo é o alho francês.

Avó – Mas a gente nunca mais experimentou.

Mãe – Nunca mais experimentei mas eu acho que ele não vai gostar.

Avó – Também como ele não gostava deixámos de fazer, não é?

Ana – Tem alguma alergia a algum alimentos?

Mãe – Acho que não, comigo ele tem o prato, ou carne ou peixe. Ao almoço, faço peixe quase sempre grelhado e depois ao jantar faço a carne. Não faço sopa. É muito raro eu fazer sopa, só se a minha mãe faz ou então quando ele está muito mal levo-lhe a sopa.

Ana – Mas em casa da avó toda a gente come sopa, não é?

Avó – O meu marido também não é muito apreciador de sopa e ele, se come sopa já não come o segundo prato, já tem mais dificuldade. Se faço sopa de feijão, faço sopa de feijão bastante forte e grossa, dou-lhe um bom prato de sopa e depois já não lhe consigo dar mais nada em cima, depois dou-lhe só fruta. Purés, assim muito fraquinhos não gosta.

Ana – Sopas muito liquidas?

Avó – Não gosta.

Ana – Ele utiliza a faca e o garfo ou utiliza só o garfo e a ajuda da colher?

Mãe – Ele quer meter a faca, ele já está a querer entrar na faca mas eu tenho sempre muito medo porque ele fica tanto tempo à mesa que eu, às vezes, levanto-me e vou fazer outras coisas e fico sempre com medo que ele se espete com a faca. Ele quer, vê a gente comer de faca e garfo e quer, de colher não quer comer, somente para a sopa, só mesmo para a sopa porque ele não quer a colher no resto do comer, pois não, não quer, quer o garfo mas às vezes eu tenho vontade de tentar com a faca mas eu confesso que ainda não tive coragem.

Ana – Eles cá usam.

Mãe – Usam?

Ana – Usam faca.

Mãe – Mas eu tenho lá as facas aquelas facas mais pequenas. O talher dele de prato... a faca não corta quase nada e dá para ajudar.

Ana – Pois cá põe-se a faca.

Mãe – Eles não se magoam?

Ana – Eles não se agriem com as facas e não se magoam.

Mãe – Não? E ele tenta pegar na faca?

Ana – Usa sempre.

Mãe – Então, se calhar, ele já deve notar a falta da faca lá em casa vou-lhe começar a pôr, vou ver a reacção dele porque confesso que não ponho, ponho só o garfo.

Avó – Na minha casa não ponho porque quando é bife, realmente, eu passo-lhe o bife ou então corto-o tão pequenino, tão pequenino que já não parte. Eu vou espetando e, às vezes, até digo: “A avó espeta o bife e tu comes”, eu espeto o garfo e ele depois vai comendo.

Ana – Pois, elas cá também lhes partem o bife mas está a faca para ajudar, vão-se habituando.

Avó – Sim, a faca para ajudar.

Mãe – Então com esparguete dá jeito. Eu noto que ele, às vezes, vai tentar apanhar mas aquilo fica assim um bocado complicado e eu realmente nunca pensei na faca... Às vezes a gente também não se lembra.

Ana – Pois.

Avó – Vê a idade deles, tão pequeninos e não se lembra da faca.

Ana – É verdade.

Mãe – Mas é bom. É bom porque não fazem figurinhas tristes nos restaurantes e a gente também convém ficar bem vistos. Eu gosto que ele se porte bem nos restaurantes.

Ana – Ele participa de alguma maneira ou ajuda nas compras, vai consigo, gosta de estar consigo na cozinha?

Avó – Gosta.

Mãe – Gosta.

Avó – Onde eu estou está sempre e mesmo quando eu vou pôr a mesa: “Ó avó, eu ajudo-te”. Ele gosta de pôr os pratos, ele gosta de ajudar a empurrar a mesa porque eu mudo a mesa de um lado para o outro para vermos televisão e ele: “Ó avó, eu ajudo-te”. Gosta, às vezes a gente: “Está quieto, agora não mexas”.

Mãe – Gosta muito. O meu marido faz muito comer e ele põe-se a olhar, gosta de ver: “O que é que puseste aí, pai?”, “O que é que fizeste”, “É bifes? Ah, está bem” “Mas o que é isso que tu puseste?”, gosta de ver. Ele fica na cozinha muito tempo

e eu fico com medo, porque a gente esquece-se um bocado e ficam as pegadas das panelas, das frigideiras e ele pode tocar e pode derrubar mas ele gosta muito de ficar na cozinha e de pôr a mesa. Diz: “E tu bebes vinho e tu bebes sumo e eu ponho água” e anda naquela coisa para trás e para diante do que vai para a mesa.

Ana – Às refeições, o que bebe?

Avó – Água.

Mãe – Às vezes eu dou-lhe néctares. Eu compro Compal Néctar e dou-lhe bastante porque ele come tão mal que pelo menos o sumo já vai.

Ana – E nas férias o ritmo alimentar dele muda ou é o mesmo?

Mãe – Não muda muito porque normalmente fazemos férias no campismo e vou religiosamente para o Algarve mas evito sempre... é raro levá-lo assim muitos dias seguidos a restaurantes porque eu sei que ele não come. Eu tento sempre os apartamentos que é para eu poder fazer o comer para ele porque se for comer ao restaurante eu sei que ele vai comer mal. Come um dia, dois, três, quatro dias mal, não pode ser, ele depois não come mesmo.

Ana – Portanto ele come em casa.

Mãe – Sim, nas férias vai ao restaurante connosco e petisca. Mas eu evito mesmo mudar muito.

Ana – Sandes, não?

Mãe – Sandes... ele não é pessoa para ficar com sandes porque quando quero ir para a praia... eu não gosto de ir para a praia muito tempo mas se quisesse ir para a praia e quisesse pô-lo a comer sandes na praia ele não comia. Eu tinha que vir para casa com ele, eu tinha que vir fazer comer porque ele não come sandes. Uma carcaça para ele? Nem pensar, ele ficava farto, três dentadas e não comia mais nada e depois na praia então é que ele não come mesmo porque é uma loucura pela praia, pela água, pela areia e então não come mesmo. E ele é muito esquisito: “Porque tem areia, já sujei as mãos, agora já não quero comer, estou todo sujo”, já não quer. Assim venho para casa ao meio dia e faço-lhe a refeição. Depois às 4 ou 5 horas vou outra vez e ele brinca e depois quando chega a casa torna a comer. Tento sempre fazer-lhe as duas refeições porque ele come mal.

Ana – Pois.

Mãe – Eu também não gosto de estar na praia a partir da uma hora, não aguento o calor e também tenho medo com ele porque ele desde os dois meses e meio que faz praia e nunca teve problemas, evito sempre é ficar a essas horas complicadas.

Ana – Costuma ir às compras convosco?

Mãe – Gosta muito de ir ao Jumbo. Adora ir ao Jumbo ou ao Continente às compras. Adora: “Olha, compra-me estes iogurtes que eu gosto. Agora compra-me aquelas mousses, aqueles bolos”. Ah, ele gosta imenso de escolher.

Ana – Gosta das guloseimas?

Mãe – Sim, quanto à parte das guloseimas ele gosta de escolher bolachas, de escolher essas coisinhas... a parte da carne e do peixe é que ele não gosta.

Ana – E com a avó ele vai às compras?

Avó – Vai.

Ana – A este mercado aqui do bairro?

Avó – Ele gosta de ir mas eu não gosto de levá-lo porque é sempre muita gente e a gente não está sossegada e depois eles querem tudo: “Ó avó, compras-me isto?”. Ontem comprei-lhe porque ele tinha-me dito: “Ó avó, não me trouxeste nada?” e eu disse: “A avó quando for traz-te um brinquedo” mas só lhe dei o boneco depois de comer, disse-lhe: “Se comeres eu tenho uma coisinha para ti”. Se for à rua e pedir e eu lhe disser: “A avó não dá porque não tem dinheiro” não chora, não faz barulho.

Ana – Nós temos pedido ou às mães ou aos pais, quem gostar de vir cá para contar uma história ou fazer um bolo ou uma sopa ou uma salada. Pode vir...

Avó – Ele já está farto de me pedir: “Ó avó, vai lá fazer um bolo”.

Ana – Pode ser uma sopa, uma salada...

Mãe – Eu há bocado estava a dizer para ele: “Olha, um dia destes a mãe vai lá e faz uma mousse”, “Ah, mas não pode ser de chocolate porque a mãe do Mário fez um bolo de chocolate. Agora já não pode ser com chocolate”.

Ana – Ah, não faz mal. Quando quiser vir combina-se.

Mãe – Digo assim: “Bem, pronto a mãe já estava a achar que a mousse era mais rápido, e então despachava-se”.

Ana – Pizzas, ele também deve gostar, não?

Mãe – Adora, gosta muito.

Avó – Eu às vezes faço e ele também come.

Mãe – E mesmo quando vamos comer fora ele também come.

Avó – Eu acho que é de pouca alimentação.

Mãe – E a minha mãe fica danada quando lhe compro assim os hambúrguers: “Compras porcarias, estas porcarias, mais vale a gente fazer um bife, cortar um bife e fazer um hambúrguer cá em casa” mas não tem o mesmo gosto dos McDonalds. Eu compreendo que aquilo faz muito mal...

Avó – Faz tão mal...

Mãe – É capaz de fazer mas para as vezes que ele come... Ele é capaz de comer um hambúrguer por mês. Às vezes passam-se vários meses que nem os come mas quando passa pelos McDonalds é que ele diz: “Eu comia um hambúrguer”. Os hambúrgueres têm um gosto diferente dos hambúrgueres lá de casa.

Ana – Todas as crianças gostam de McDonalds e de Coca-cola.

Mãe – Então, não é? Eu acho que eles associam muito a Coca-cola a hambúrguers. O meu filho associa Coca-cola a hambúrguers porque quando chega diz logo: “Eu quero um Happy Meal e aquilo vai tudo e em casa, se eu puser um hambúrguer no prato, ele não come. Hambúrguer no prato? Alguma vez ele comia assim uma sandes? Mas o hambúrguer no pão ele come. Por isso é que eu fico assim, às vezes, irritada.

Ana – Porque será?

Mãe – São os bonecos, depois é a surpresa que vem nos Happy Meals e depois são os balões e depois são montes de crianças ali, aquilo também acaba por ser um restaurante muito à vontade onde eles sabem que podem deixar cair um bocado no chão que ninguém ralha e depois não tem prato. Aquilo é diferente, é mais o mundo deles.

Ana – É...

Mãe – Deduzo que seja mais o mundo deles e as pizzas a mesma história que ele no CascaisShopping se cair um bocado ele não se preocupa tanto. Eles gostam daqueles comerem assim... com a mão. Fica sujo mas não se importa e em casa se tiver o azar de pôr a mão e sujar nas batatas já não gosta, vai logo a correr lavar as mãos porque se sujou. Lá, não se preocupa, não se rala nada.

Ana – Parece que está tudo, muito obrigado.

Mãe – Nada. Sempre às ordens.

Anexo C.3B

Entrevista* com a avó do João / Maio de 1997

(Entrevista realizada no jardim de infância)

Avó – Pois mas a gente olha assim para ele, assim nas perninhas e no corpinho acho-o magrinho.

Ana – O que é que o médico diz?

Avó – Vai agora ao médico este mês.

Mãe – O médico diz que tem pouco peso para a idade que tem.

Ana – Pouco?

Avó – Olha que giro, nunca tinha visto (observa o coelhinho a beber água). Pois, eu por acaso foi uma coisa que tive sempre foi coelhos quando era nova, são é muito porcos.

Ana – Mas este é limpinho.

Avó – Ah! Mas eu tinha dos outros.

Mãe – Mas a mim faz-me pena, eu acho que se tivesse coelhos daqueles... por isso é que eu não consigo comer coelho, acredita? Eu não consigo comer coelho.

Avó – Ai, eu gosto.

Ana – Eu também tenho muita dificuldade em comer coelho.

Mãe – Eu não consigo mesmo porque a minha avó tinha coelhos e eu gostava tanto dos bichos que quando ela os ia matar eu berrava que me desunhava. Eu nunca comi coelho, eu acho que o coelho não é para comer para mim o coelho é um bicho.

Ana – Pois...

Mãe – É para brincar e eu achava-lhes tanta graça. Eu com as galinhas já não penso assim porque não acho graça, agora os coelhos custa-me tanto. E o meu filho... Eu acho uma graça... para ele o frango é uma coisa que se come.

Ana – Pois.

* A mãe do João esteve presente e participou

Mãe – Agora quando estive no Alentejo eu mostrei-lhe os pintainhos pequeninhos e ele disse: “Ah! Mas isto tem cabeça e penas”, achou muito estranho porque não costuma vê-los assim.

Ana – Costuma vê-los no supermercado.

Mãe – Pois, não tem nada a ver vê-los no prato. Coelho viu mas não associa também come pouco coelho.

Avó – Pois não, a gente não lhe dá muito coelho, não come mesmo.

Mãe – Come, já experimentou.

Avó – Já experimentou mas... ainda comeu no Domingo, no Domingo comeu, fiz-lhe... nós tínhamos ido para o campismo nestes feriados, depois fiz coelho e levei que era para não estar sempre a fazer grelhados e fritei-lhe uma batatinha com arroz de manteiga e desfiei-lhe o coelho, como estava maciozinho...

Ana – Não, eles não associam nem o coelho, nem o frango, nem a vaca.

Mãe – Não, não associa.

Avó – Pois não, não estão habituados que a vaca é para comer.

Mãe – A vaca que ele vê lá no Alentejo é a do leitinho.

Avó – É a do leite.

Mãe – Pronto, aí tudo bem, agora quando estamos a comer bife de vaca eu lhe digo: “... pois é, daquelas carnes assim grandes que estão no talho”... E pronto é assim que ele associa a vaca e o porco, não o associa como o animal que se mata para comer.

Ana – E é mais complicado para nós explicar, não é?

Mãe – É mais complicado porque eles não associam e eu acho que se associarem são capazes de ficar um bocado a achar que não vão comer aquele bichinho que eles gostam. O coelho, pronto nunca tinha reparado, não me lembrei, às vezes eu digo-lhe: “Queres coelho?” e ele não liga porque como ele só vê a carne que está cozinhada, a carne que já está no prato não deve associar a este.

Avó – Não porque ele nunca viu matar nenhum.

Mãe – Pois, deve ser isso também.

Avó – No dia em que vir a gente a matar um coelho destes que é para comer a criança depois é capaz de já ter mais receio de comer.

Mãe – Eu com frango vi que ele ficou muito preocupado.

Avó – Eu recordo-me que, quando era miúda, a minha mãe estava no Alentejo e eu estava com ela e então tinha lá uma pata que quando os patinhos nasciam do ovo matava-os, com o bico pegava no pescoço e matava-os, eu chorava pois não gostava de ver aquilo. O que é que eu faço? Tirei três ovos debaixo da pata e fui pôr debaixo de uma galinha, (risos) como a minha mãe tinha aquelas coisas todas e eu fui e tirei. Quando foi a altura nasceram, realmente nasceram, eu todos os dias tinha o cuidado de ir dar o comer aos patos e então, os patos já conheciam a minha voz, a minha maneira de falar para os bichinhos. Olhe um dia, coitadinhos, morreram os dois.

Ana – Um desgosto.

Avó – Desgosto? Eu não comi todo o dia! Arranjei uma caixinha dos sapatos (risos)... isto são coisas que a gente nunca mais esquece... pus os patinhos dentro da caixa dos sapatos fui fazer uma cova para enterrar os patos. Nunca mais! Eu não comia, olhe um desgosto tão grande que quase apanhei porrada para comer, não comia, foi um desgosto tão grande. É o que eu digo, as crianças depois habituem-se, eles vão-se afeiçoando aos animais e depois têm mais dificuldade até em comê-los.

Mãe – É uma pena os miúdos hoje em dia não terem essa sorte.

Avó – Eu também tive cães.

Mãe – A gente pode ter no máximo um cão e agora com esses brinquedos os amigos virtuais.

Avó – Ai os Tamagotchis.

Mãe – Que eu, pelo amor de Deus, não tenho paciência para esses amigos.

Avó – Eu tenho a impressão que não tinha paciência...

Mãe – Eu ofereci um ao meu afilhado e ele está muito entusiasmado com aquilo mas eu acho que não é a mesma coisa.

Ana – Não é.

Mãe – Não tem afectividade, eu acho que falta afectividade e a pessoa torna-se um bocado uma máquina: “Ai! Agora não me apetece, pode morrer que depois ele torna a viver.”

Avó – Pois não, é diferente.

Mãe – Para mim não é a mesma coisa, ter um bichinho em casa é diferente mas o meu filho também andava a pedir um Tamagotchi mas depois conseguimos fazê-lo sair da ideia.

Avó – Agora já lhe disse quando viermos de férias a avó dá lá para a Associação um peixinho.

Mãe – Está farto de pedir um peixinho.

Avó – Mas não quer em casa.

Mãe – É para trazer para aqui.

Avó – Eu disse-lhe: “Quando viermos de férias porque os meninos agora vão de férias e depois os bichinhos morrem mas quando viermos de férias a avó compra um peixinho e depois levas lá para a Associação”. Têm cá um aquário, não têm?

Ana – Há, há.

Avó – Ele já tinha visto aí um aquário.

Mãe – Eu quando era pequenina não achava muita graça a animais.

Ana – Não?

Avó – Eu uma vez na televisão vi uns orelhudos que as orelhas caíam assim e eu disse assim: “Ai Deus me livre, ai não, estes bichos a andarem-me aí nas pernas, nos pés, ai não”, talvez o meu sistema nervoso não dê para os bichos. A gente chega a um tempo que já está cansada.

Mãe – Aí é que está. A minha mãe teve um cão lá em casa durante treze anos, eu e o meu irmão adorávamos o cão mas era uma seca nós íamos para a escola e o bicho tinha que ficar em casa e ela é que tinha que o levar à rua.

Avó – Claro, eu tinha o banho, o passeio...

Mãe – Tinha que lhe dar banho, tinha que fazer comer para o cão.

Avó – Eu tinha que ir às vacinas, eu tinha tudo.

Mãe – Era uma grande seca.

Avó – Tive tanta pena quando ele morreu. Morreu não, tivemos que mandar abater. O meu filho disse logo que queria outro mas eu não quero.

Mãe – Nem pensar, nem que me dêem.

Ana – Eu estou a entrevistar algumas avós, as que estão mais com os meninos e queria perceber um bocadinho que tipo de colaboração é que dão aos pais. Desde que idade é que ficou com o João, desde muito pequenino?

Avó – Desde os três meses.

Ana – Desde os três meses, ficou sempre?

Avó – Sim, sempre, sempre.

Ana – Até ele vir para aqui para a Associação?

Avó – Até ele vir para aqui e mesmo assim vai daqui e muitas vezes fica lá a dormir.

Ana – Durante a semana?

Avó – Durante a semana, aos fins de semana não, vai com os pais mas durante a semana se ele quer ficar, fica. No Inverno fica mais porque está frio para não andar ao frio, à chuva, mas agora... agora até quer ir. Eu ainda ontem estava convencida que ele não queria irmãs não, disse logo: "Eu vou", já é mais dia e ele gosta de ir com eles.

Ana – Com os pais?

Avó – Pois, está menos cansado.

Ana – Portanto ficou desde pequenino consigo, toda aquela parte da mudança das fraldas era a avó?

Avó – Tudo, tudo. Era eu que fazia tudo.

Mãe – Desde os três meses não, desde que ele nasceu.

Avó – Olha, é isso mesmo.

Mãe – Porque eu estive os três meses em casa mas o miúdo estava sempre lá em casa da minha mãe e eu também.

Avó – Sim, desde que nasceu praticamente.

Mãe – Desde que nasceu.

Avó – Por exemplo o que vai acontecer agora: vai ter o bebé no hospital e depois quando o marido vem trabalhar, ela não fica sozinha lá em casa vem para a minha. Quer dizer vem tudo para a minha casa. Bom, até aos três meses eu nunca lhe dava banho, eu não gosto de dar banho a tão pequeninos parece que se partem. Pelo menos no primeiro mês eu não gosto, depois já gosto. Dava-lhe banho, mudava-lhe a fralda, fazia o biberão. Era, faz de conta que era meu... Bem, eu já digo dos três meses porque foi quando ela começou a trabalhar, efectivamente foi quando ele nasceu.

Ana – Ajudou sempre?

Avó – Sim.

Ana – E quanto à alimentação foi muito a avó que introduziu os alimentos?

Avó – Sim, sim, sim.

Ana – E ele tomava biberão?

Avó – Eu é que lhe fazia, eu é que ia com ele ao médico, ela até nem faltava para ir ao médico. Como o médico ia dizendo eu ia fazendo: dava-lhe o biberão, dava-lhe à colher. Ele é ruim de comer agora... quando era bebezinho até ao ano, ano e tal, era uma maravilha de comer, depois é que virou mau de comer.

Ana – O que é que ele comia até ao ano?

Avó – Até aos três meses foi a farinha Cerelac, o leite Aptamil-2, depois começou por pôr a farinha e aos três meses comecei por lhe fazer a sopinha: sopinha de carneiro, comprava um bocadinho da carne do pescoço do carneiro e fazia-lhe a sopinha, depois fazia só com peixe. Depois começou a comer e comecei-lhe a dar batatinha cozida esmagada, punha um bocadinho de água da batata, depois desfiava-lhe o peixe e dava-lhe a comer. Outras vezes punha-lhe na sopa o peixe, passava a carne pelo 'um, dois, três' para ficar toda trituradinha e dava-lhe mas comia à colher, nunca lhe dei no biberão.

Ana – Pois.

Avó – Era sempre à colher. Cozia muita fruta que ele comia muito bem a fruta cozida e dava-lhe iogurtes, o que nunca foi muito amigo de comer foi a bolacha com a banana, assim aquela Cerelac ainda lhe fiz algumas vezes e a farinha Maizena com a geminha do ovo e a casquinha de limão que também gostava. De resto começou a comer quando chegou aquela idade em que o médico disse que ele podia comer de tudo, de tudo mas era relativo, ia-lhe dando assim gradualmente que era para se ir habituando.

Ana – Quando é que notou que ele começou a comer menos bem? Eu acho que ele está bem.

Avó – Sim está com dezanove quilos.

Ana – Está bem, não acha?

Avó – Sim. Pois tem ossinhos como eu digo, agora eu digo-lhe assim para comer: "Olha, se tu não comes eu vejo-te os ossos e depois a avó fica triste porque só te vejo os ossos" e então quando ele come um bocadinho melhor diz que já comeu para tapar os ossos. (risos).

Ana – Quando é que notou que ele começou assim a comer pior?

Avó – Quando começou a andar, começou a andar ao ano talvez ainda não tivesse um aninho... com um aninho já andava. E falar, falou cedo. Mas começou a comer mal foi a partir do aninho ou porque se entretinha a brincar ou porque se modificou. Dai para cá é que ele começou a comer mal mas ia comendo, agora é que come mais mal, tem dias em que realmente ele não come. Eu chego à conclusão que ele não come... ele é calão para comer porque se eu lhe der come. Não é uma criança que coma muito mas vai comendo.

Ana – Não, ele aqui come sempre a sopa.

Avó – Pois.

Ana – A sopa come e depois o resto vamos combinando, não é? O peixe e a carne tento sempre que coma.

Avó – Pois, aqui come, lá em casa não come.

Ana – Nunca comeu salada em casa?

Avó – Come, lá em casa também lhe dou mas às vezes não quer. Aqui há dias o que é que eu lhe comprei que ele disse que queria?...

Mãe – Kiwi.

Avó – Kiwi. “Avó compra-me kiwis” e comeu ali só um bocadinho.

Ana – É mais a graça de ver.

Avó – Aqui é de estar junto dos outros meninos. Mas se estiver muita gente lá em casa desorienta-se. Um diz uma coisa, outro diz outra, acaba por se desorientar. Quando está sozinho comigo come, eu conto-lhe histórias, sento-o ali ao pé de mim, faço barquinhos de papel e digo-lhe assim: “Estás a ver o barquinho?”, depois vou buscar livros e vou-lhe contar histórias mas eu já faço isto há trinta e tal anos porque o meu filho era igual, igualzinho. Este até tem uma coisa melhor mastiga e engole. O meu filho ficava com o comer na boca e eu tinha que fazer assim (apertar as bochechas) para ele engolir mas é assim, lá em casa se a gente lhe contar histórias... agora se a gente lhe puser na mesa e lhe disser: “Come tudo” e começa a exigir, assim não come. Eu digo que ele é muito de fazer a vontade dele e leva-se melhor com carinhos do que estar aos encontrões. Eu digo não vale a pena ralhar, se ele disser que não quer ele ateima que não quer e eu não lhe dou o comer à força. Eu começo-lhe a cantar

uma canção... se lhe vou dar à força há barulho e então nem uma coisa nem outra porque se enerva.

Ana – E ele quando janta em sua casa janta à hora dos adultos?

Avó – Às vezes um bocadinho mais cedo.

Ana – É?

Avó – Sim janta, quando é em minha casa janta sempre à mesma hora.

Ana – E os pais às vezes também jantam, não é?

Avó – Ah pois, agora não é tanto porque o meu genro não está a estudar. Quando está a estudar o pai chega às onze horas e a essa hora já ele estava a dormir.

Ana – Pois.

Avó – Ele acha graça porque ele está a dormir numa salita onde dormia a minha filha e ele então diz: “Isto aqui é o meu quarto”, e era o quarto do padrinho e ele então diz: “Ali é o meu quarto, não vás para lá porque ali é o meu quarto” e às vezes a gente diz: “Mas tu já herdaste tão cedo?” (risos).

Ana – Já tem ali o seu espaço.

Avó – É, é! Ali é onde ele dorme mesmo chegando à hora de dormir... por exemplo, ele fica cá na minha casa e às dez e um quarto, o mais tardar dez e meia, está a dormir. Dou-lhe o leite, mesmo que acabe de jantar, daí a um quarto de hora ou meia hora eu dou-lhe o leite e bebe pelo biberão.

Ana – Isso é mimo?

Mãe – Em casa também.

Avó – É, mas eu prefiro porque eu sei que ele bebe ali uma caneca de leite e se for ao copo não bebe, eu digo-lhe: “Queres vir fazer ó-ó filho, queres dormir?” “Oh vó, eu tenho sono”, então faço-lhe o leitinho, eu lavo-o, visto-lhe o pijaminha, dou-lhe o leite, acendo-lhe a luz, deito-o na cama e ele dorme. Não há problema, dorme a noite inteira e nem chora, só se estiver doente ou que tenha frio, de resto dorme a noite inteira, dá gosto.

Ana – Depois acorda a que horas?

Avó – Chamo-o às oito horas, o mais tardar às oito e meia está a beber o leite que é quando vem para aqui. Dou-lhe o leite antes de vir para aqui, dou-lhe aqueles copos da Tupperware cheios da farinha Cerelac, é meio litro, pronto estamos já aconchegadinhos.

Ana – Já vem aconchegadinho.

Avó – E o almoço quando está na minha casa come sempre o almoço connosco mas às vezes... por exemplo se é peixe cozido, eu não gosto das batatas frias... dou-lhe o almoço mais cedo. Como sei que ele demora a comer dou-lhe primeiro as batatas a ele e depois como eu porque senão quando vou a comer tenho o comer frio.

Ana – Ah sim?

Avó – De resto come ali sempre ao pé de mim, fruta e assim, come.

Ana – Come mais ou menos a fruta, não é?

Avó – A que ele gosta mais é melão, meloa, morangos também gosta, alperces também gosta, vai comendo...

Ana – Vai comendo... mas ele mesmo a maçã agora já vai comendo.

Avó – Bem, mas a maçã descasco-lha, corto-lha às fatias e ele come.

Ana – Sim.

Avó – Metade, é muito raro comer uma maçã inteira, mas come.

Ana – Metade, ele cá também já come metade. A Maria João descasca um pêro e ele come porque os que não gostam com casca não comem com casca.

Avó – Não, ele não come com casca, não está habituado a comer com casca.

Ana – Pois.

Avó – Dizem que faz melhor mas ele está habituado em casa.

Ana – O leite, ele toma com Cerelac ou chocolate.

Avó – É, à noite é com chocolate e de manhã dou-lhe sempre Cerelac porque é uma coisa que alimenta mais.

Ana – Pois.

Avó – De maneira que é chocolate ou Cerelac e, se janta mal, vai Cerelac à noite outra vez o que interessa é que ele fique alimentado. Pode não estar gordo mas está bem alimentado, bem fortinho por dentro como eu digo.

Ana – Pois.

Avó – Porque às vezes não é a gordura que basta, é o que eu digo.

Ana – Não.

Avó – O que interessa é que ele felizmente não tem tido problemas de maior.

Ana – Os talheres que usa lá em casa é a faca e o garfo? Usa mais a colher para ajudar?

Avó – Usa mais a colher e o garfo também.

Mãe – A colher nem quer, diz que é dos bebés.

Avó – Faca é que usa menos, o garfo é com tudo até às vezes eu corto a fruta aos bocadinhos e ele vai com o garfo para se entreter... O garfo usa muito, o que usa menos é a faca.

Ana – E o avô ajuda? Brinca muito com ele?

Avó – Ajuda e brinca. Brinca, brinca muito com ele. Às vezes para o arrelhar... e por vezes ele arrelia-se e grita e depois eu digo: “A esta hora não há necessidade de a criança estar a fazer barulho, anda cá à avó filho porque a avó é que sabe o que tu queres”... Grita, quando não lhe agrada grita mesmo. Às vezes aprendem porque ainda há dias aprendeu umas palavras...

Mãe – E de que maneira, já diz asneiras.

Avó – Javardices.

Mãe – Ele diz que são javardices portanto ele sabe que são, ele já tem consciência que aquilo não se diz e então se for preciso ele usa para provocar.

Avó – Pois, pois! A gente por acaso lá em casa não, não falamos assim.

Ana – Pois eles aqui aprendem.

Avó – Pois então a gente também não queremos que ele seja parvo, eu acho que...

Mãe – É o que eu digo, lá na Associação com os teus amigos quando eles disserem tu dizes agora aqui em casa tu não dizes.

Ana – Ele nem diz muito, nem diz nunca, nunca ouvi.

Avó – Eu só ouvi duas vezes a brincar.

Mãe – Com a prima passa-se. Ela diz muito e ele fica tão irritado de ela estar a dizer e chama-lhe mesmo nomes, é capaz de lhe chamar nomes seguidos, fica danado com ela e ainda aqui há dias dizia: “Eu digo ao teu pai”.

Avó – Mas ele diz asneiras mesmo grandes e eu digo-lhe: “Ponho-te pimenta”.

Ana – A Rita diz: “A minha avó põe-me sal” (risos).

Avó – A gente também diz, eu também digo “Levas pimenta na boca, olha que a avó bate-te, isso é feio, os meninos da rua é que dizem isso, os ciganos” e como ele não gosta de ser cigano...

Ana – Os ciganos?

Avó – Eu quando me arrelio digo “Vai-te embora, sai daqui, sai do pé da avó, não te quero, dou-te aos ciganos, ai!”. Meu Deus quando lhe digo que o dou aos ciganos não suporta. Eu não sei o que é que ele pensa dos ciganos, coitadinho... lá os vê porcos ou assim... e então quando eu o quero sossegadinho... fica logo quietinho à espera de não ir para os ciganos porque não gosta nada. Então nós temos que usar uma coisa de que eles tenham medo.

Ana – Ah sim?

Mãe – O nosso só tem medo de não nos ver mais.

Avó – É!

Mãe – Se lhe digo “Olha que se te perdes nunca mais vês a mãe”, “Nunca mais vejo a mãe, mas porquê?”.

Ana – Que susto que deve ser.

Avó – É! Uma coisa que ele me fez agora na segunda feira e que eu achei tão engraçado foi nós vínhamos a entrar e viu a D. Frederica...

Ana – Ficou contente, tão contente.

Avó – Os olhinhos dele a brilhar.

Mãe – Mas lá em casa é o mesmo.

Avó – Ele até me diz: “Avó, tu és a Frederica”.

Ana – Que engraçado.

Avó – “Tu dás-me o comer, tu és a Frederica”.

Ana – Ela tem muita atenção.

Mãe – Ainda há dias fomos à central comer e disse-lhe para ele: “Então, vá tens que comer vá. Como é que a Frederica faz para tu comeres?”. Depois é assim, ele abre a boca e eu ponho-lhe o comer na boca e depois diz assim “Agora eu já comi, quando eu abro a boca e não tenho nada a Frederica diz: Meu Deus”.

Avó – É! É! Verdade eu admiro.

Mãe – Então nós temos que fazer o jogo da Frederica e o que eu digo é: “Esta senhora deve ter uma paciência para ti”.

Ana – Tem mesmo muita paciência.

Avó – Tem, tem! Eu acho engraçado.

Mãe – Ele fala imenso da Frederica. Ele lá em casa fala a Frederica isto, a Frederica aquilo, passa o dia a dar-me comer. Ai! Filho, coitadinha da Frederica leva a parte pior, chega à uma hora ou ao meio dia e deve ter vontade de fugir.

Avó – E digo-lhe: “Olha, João, sabes quem é que está ali? É a Frederica”. Ele correu para o quintal a ver se a via.

Mãe – Depois vinha muito triste.

Avó – “Não está lá”, “Então, filho, a avó viu-a entrar se calhar foi à secretaria”. Assim que a viu parecia que tinha visto um brinquedo, assim uma coisa que ele goste, ficou assim todo contente, os olhinhos dele viram-se que brilharam de alegria e ela agarrou-se logo a ele, digo assim: “Ai! Realmente...”. Bom e a gente também fica satisfeita, eu sou sincera.

Ana – É verdade.

Mãe – As pessoas são meigas.

Avó – Mas noto, noto. É isso que eu admiro porque a gente vê nos outros colégios e as pessoas são frias.

Mãe – As pessoas são frias e aqui não.

Ana – São muito carinhosas.

Avó – Eu noto isso. Eu até digo, sou sincera, agora aqui que não estão para nos ouvir isto é um meiozinho pobre mas as pessoas são boas.

Ana – Pois.

Avó – Eu tinha tão má impressão disto, sou sincera, mas os meus sobrinhos estavam cá e a minha irmã contava e aí comecei a mentalizar-me que realmente era bom.

Mãe – E as pessoas dizem muito mal.

Avó – E às vezes dizem, eu então digo assim: “Admiro porque vejo carinho e atenção às crianças”.

Ana – As refeições são muito cuidadas.

Avó – Tanta variedade.

Mãe – Eu admiro fazerem sopa todos os dias.

Ana – Há, sopa todos os dias e carne ou peixe, salada...

Avó – Olha, a gente não faz.

Mãe – Parecendo que não isto também é um gosto muito grande.

Ana – Elas aqui preocupam-se imenso com a alimentação das crianças.

Mãe – Eu noto, os miúdos caem, magoam-se e elas ficam preocupadas e telefonam, telefonaram-me uma vez porque ele se tinha magoado e cheguei bastante aflita porque eu fico em estado de choque, para mim eu desespero mesmo.

Avó – Eu nisso tenho mais calma, sofro talvez mais porque tenho que dar coragem aos outros e quando acaba fico pior. O mal é esse...

Mãe – Eu digo-lhe, as avós acabam por ter muito mais contacto com os miúdos do que os pais.

Ana – Hoje em dia é uma sorte os pais terem oportunidade de recorrer aos avós. É bom para os meninos e bom para os pais.

Mãe – Eu, faz-me uma pena aquelas criancinhas minúsculas, com três meses, que têm que ir para os infantários.

Ana – Horas e horas e horas, não é?

Mãe – E depois... porque não há horas... a sorte do meu filho é que a minha mãe o pode vir buscar porque senão ele tinha que vir para aqui para aí às sete e meia da manhã, no máximo um quarto para as oito, era a hora que tinha que entrar.

Avó – Era muito cedo.

Mãe – E não podia sair daqui antes das sete e meia da noite.

Avó – Era muito tempo para a criança.

Mãe – Era tempo a mais para o miúdo, levava doze horas enfiado num sitio nem com muita boa vontade ele conseguia achar graça aquilo e eu acho que é por isso que o meu filho nunca chorou.

Ana – Que bem que ele ficou sempre.

Mãe – Houve um dia que chorou foi na segunda feira.

Avó – É verdade, não sei porquê.

Ana – Nesta segunda-feira?

Mãe – Esta segunda-feira ele veio e estava muito bem, foi brincar e falar com o Jacinto, foi falar com o Jacinto, de repente começou a brincar com o outro miúdo, com os pneus, mas o outro miúdo disse-lhe: “Vai-te embora...” e ele veio ter comigo, agarrou-se a mim e começou a chorar, eu achei estranho porque ele não é de chorar e perguntei: “O que é que foi?”, “Quero-me ir embora, quero ir contigo...”, “Comigo?...”, o Jacinto deve ter percebido que era o pneu, ele está mais habituado aos meninos da aula e às guerras deles, disse-lhe: “Queres o teu

pneu?” e ele: “Quero” (a mãe imita a voz da criança chorosa) “Então anda comigo”, deu a mão ao Jacinto, desapareceu e não chorou mais nada.

Avó – Não bate aos outros meninos, pois não?

Ana – Não. Não tenho mais questões. Obrigada pela ajuda. Até logo. A que horas é que o vem buscar?

Avó – Lá pelas 5 horas. Depois do lanche.

Anexo C.4

Entrevista com a mãe da Ana / Março de 1997

(Entrevista realizada no jardim de infância)

Ana – É para gravar, pode ser?

Mãe – Pode.

Ana – Tenho gravado sempre. A Maria sabe mais ou menos o estudo que eu estou a fazer...

Mãe – Sim, sei .

Ana – Sobre os hábitos alimentares das crianças, sobretudo nas escolas, mas interessa-me conhecer os de casa. Se a escola continua as coisas de casa ou não. Tenho começado por perguntar um bocado qual é a história alimentar deles. Como foi o processo: se mamaram...

Mãe – Ela mamou até aos 4 meses, mais ou menos, e depois começou a beber leite no biberão. Começou com papa por volta dos 4 meses e depois aos 6 meses foi a sopa. A papa era uma vez por dia. Aos 6 meses foi a sopa e depois da sopa era a fruta também. Só que ela detesta fruta. Nunca consegui dar-lhe nem com açúcar, nem cozida, nem passada. Nada! Nunca! A única coisa que ela comia de fruta era a papa. Aquelas papas com fruta. Era a única coisa. E depois a partir do um ano, se não me engano, a sopa era só com a água da carne. A carne não começou logo... só com água do borrego. Cozia o borrego e depois era a sopa. Depois a carne foi mais tarde... não me lembro muito bem em que idade e depois a partir de um ano foi o peixe, o ovo aos poucos. E pronto, foi assim.

Ana – E como é que resolve esse problema dela não comer a fruta?

Mãe – É um problema bem grande. Papas também agora não gosta. Come um bocadinho e pronto não come mais. Ainda a coisa que ela come assim é só os legumes da sopa.

Ana – E não lhe dá vitaminas?

Mãe – Sim, toma vitaminas todos os dias, Vi-Daylin. Mas de resto... fruta é impossível. A única coisa que ela come é a maçã mas é só uma mordidela de vez em quando. Nem come uma maçã inteira.

Ana – Nem morangos, nem nada.

Mãe – Nada, nada, nada.

Ana – Não gosta mesmo de fruta.

Mãe – É, não gosta mesmo de fruta. Ela uma vez estávamos em casa de uns amigos e havia uma menina da idade dela e a mãe estava a dar-lhe banana e disse-lhe: “A Ana também vai comer” e ela não se fez de... pronto, disse que também queria comer. Ela descascou uma banana inteira para ela e ela comeu até ao fim para não dar o braço a torcer. Mas comia, vinha-lhe os vômitos, engolia outra vez. E eu: “Ana, se não quiseses, não comas. Não és obrigada a comer” e ela: “Não, eu quero, eu quero”. Vinha-lhe os vômitos e engolia outra vez e acabou por comer a banana. Mas até hoje eu digo-lhe: “Queres banana?” Ela nunca mais comeu.

Ana – Eu fiz uma lista de alimentos possíveis e tenho estado a ver um bocado com as mães o que é que eles gostam e o que é que eles comem com mais frequência. Leite frio?

Mãe – Leite frio sempre. Não gosta de leite quente.

Ana – Coca – cola?

Mãe – Coca – cola também gosta.

Ana – Bebe?

Mãe – Bebe.

Ana – Muito?

Mãe – Não, muito não. De vez em quando.

Ana – O quê? Uma vez por semana?

Mãe – Nem isso.

Ana – Água?

Mãe – Água também bebe bastante.

Ana – Iogurtes?

Mãe – Iogurtes também gosta mas não de todos. Aqueles com pedaços, nem pensar. Gosta mais dos Petit Danone. Também não é sempre porque ela também se enjoa muito das coisas. Come de vez em quando e come aqueles com uns coisinhos de chocolate, pronto.

Ana – E os cereais não come?

Mãe – E os cereais também às vezes gosta. Às vezes come.

Ana – Papas?

Mãe – Papas também não.

Ana – Enjoou agora.

Mãe – Sim enjoou agora, que ela comia. Quer dizer, enjoou. É aquela coisa... ela come, mas pronto. Agora, quando estive com papeira a médica disse: "Agora, muita papa e leite porque custa a mastigar, faz-lhe confusão. Coisas duras dói". E ela então "Quero papa, papa de Cerelac, quero papa, papa". Só que comia um bocadinho e não comia mais.

Ana – É por causa do anúncio, não é?

Mãe – É do "papa a papa"

Ana – Queijo?

Mãe - Queijo também gosta.

Ana – De todos? Fresco?

Mãe – Fresco adora.

Ana – Requeijão também?

Mãe – Gosta muito de queijo fresco mais que o outro, mas o outro também come.
Manteiga também gosta bem. Carcaças também. Pão de leite também gosta.

Ana – Pão de forma?

Mãe – Também.

Ana – Bolos e guloseimas?

Mãe – Bolos, também não é assim de todos. Quer dizer, ela não aprecia muito bolos... é só mais tipo pastel de nata mas é só o creme e depois a parte de fora não come e bolos secos também não gosta muito.

Ana – Guloseimas gosta, não é?

Mãe – Sim gosta de chocolates, adora chocolates. Chupas também não come muito... Chupa um bocadinho e depois enjoa-se. O que ela mais gosta é de chocolates... Adora chocolates... Podia estar a toda a hora a comer chocolates mas rebuçados também não gosta muito.

Ana – Caramelos?

Mãe – Também não.

Ana – E come todos os dias um chocolate?

Mãe – Não, não come todos os dias. Come muitas vezes, todos os dias assim não. Ela até não devia comer nunca, só assim uma vez por semana e chegava mas é assim... é difícil.

Ana – Fruta já me disse que não.

Mãe – Nada.

Ana – Limão, gosta? Na comida?

Mãe – Não.

Ana – Peixe?

Mãe – Peixe... mais ou menos. Come assim com um bocado de sacrifício.

Ana – Mesmo frito ou cozido? De qualquer maneira?

Mãe – Come mas pronto, é assim, está sempre: “Não quero peixe”, mas tem de comer e come.

Ana – Atum?

Mãe – Atum também gosta muito.

Ana – Atum com massa, o prato preferido na Associação.

Mãe – Gosta muito.

Ana – Lulas?

Mãe – Lulas também não. Não, não gosta.

Ana – Bacalhau?

Mãe – Bacalhau come. Come bem.

Ana – À Braz ou cozido?

Mãe – À Braz. Come à Braz. Cozido também é o problema do peixe. Pronto, acaba por comer mas...

Ana – À Braz é como eles gostam mais.

Mãe – É, ela gosta muito.

Ana – Chouriço?

Mãe – Nem por isso.

Ana – Fiambre?

Mãe – Gosta mas também não é uma coisa que ela coma sempre. Gosta assim de vez em quando.... come.

Ana – Mas pede ou lembra-se?

Mãe – Às vezes lembra-se e pede, mas às vezes vou-lhe dar e não. Pronto, tem dias...

Ana – Salsichas?

Mãe – Salsichas há pouco tempo é que ela começou a gostar porque eu dava-lhe em casa e ela não queria, nunca quis. Pronto, comia mas a maior parte das vezes não queria e eu também não insistia mas agora começou outra vez a comer salsichas.

Ana – E carne?

Mãe – Carne come tudo.

Ana – E come bem, não é?

Mãe – Come.

Ana – E hambúrguer?

Mãe – Hambúrguer não gosta muito.

Ana – Prefere carne para trincar.

Mãe – Prefere carne mesmo, hambúrguer não gosta assim muito.

Ana – Batatas fritas?

Mãe – Adora batatas fritas. Todos gostam, acho eu. Batatas cozidas também, come as batatas inteiras e puré come bem também mas eu também faço muito poucas vezes puré.

Ana – Há uns que as mães têm dito que quando enjoam da papa enjoam também dos purés.

Mãe – Eu também não é uma coisa que faça muitas vezes, mas quando eu faço ela come. Come bem.

Ana – Arroz?

Mãe – Adora arroz. É mole. É como se fosse uma papa.

Ana – Massa?

Mãe – Massas também gosta. Adora pizzas.

Ana – Ervilhas?

Mãe – Também.

Ana – Gosta de ervilhas?

Mãe – Gosta.

Ana – Mesmo quando é base do almoço?

Mãe – Sim, come até mesmo no arroz.

Ana – Favas também gosta?

Mãe – É uma coisa que eu não faço muito. Favas não faço assim muitas vezes mas não sei...

Ana – É um bom alimento. É um prato que parece um bocado pesado mas eu acho que não comem cá.

Mãe – Eu adoro favas mas não é uma coisa que eu faça assim muitas vezes.

Ana – Cenouras?

Mãe – Cenouras também come na sopa.

Ana – Mas disfarçada ou percebe?

Mãe – Não, percebe que é cenoura. Agora, se for cenoura cozida assim à parte com o peixe com batatas isso já não come.

Ana – E crua, também não come?

Mãe – Crua também não.

Ana – Couves?

Mãe – Come.

Ana – Tomate?

Mãe – Tomate não.

Ana – E alface?

Mãe – Também não.

Ana – Milho?

Mãe – Também não.

Ana – Mas ela conhece ou é uma coisa que a Maria não usa muito na salada?

Mãe – Conhece. Na salada não ponho mas faço muitas vezes Macedónia com arroz. Tem milho e essas coisas todas e ela põe sempre para o lado.

Ana – Cogumelos?

Mãe – Cogumelos não gosta muito.

Ana – Couve-flor?

Mãe – Também não.

Ana – Espinafre?

Mãe – Come, come na sopa.

Ana – Azeitonas?

Mãe – Azeitonas também gosta.

Ana – Gosta?

Mãe – Gosta, temperadinhas com coentros... não pode comer muitas vezes mas às vezes come, de vez em quando.

Ana – Não pode comer porque faz alergia?

Mãe – Porque faz mal. Não é uma coisa que faça assim muito bem, faz borbulhas.

Ana – Alho francês?

Mãe – Come na sopa.

Ana – Rabanetes?

Mãe – Rabanetes também só misturados na sopa.

Ana – Cebola crua? Cozida?

Mãe – Não.

Ana – Alho?

Mãe – Alho também não.

Ana – Disfarçado?

Mãe – Só na sopa assim disfarçado.

Ana – Ovos cozidos?

Mãe – Come. Adora ovos... cozidos, mexidos, estrelados, adora ovos. Gosta muito de ovos.

Ana – E gosta de azeite no tempero?

Mãe – Gosta.

Ana – E vinagre?

Mãe – Vinagre não.

Ana – E limão?

Mãe – Também não, mas o azeite gosta muito.

Ana – Maionese?

Mãe – Também gosta.

Ana – Ketchup?

Mãe – Ketchup também gosta. Adora, é docinho. Também gosta muito.

Ana – E mostarda?

Mãe – Mostarda não.

Ana – E feijão? Ela gosta de feijão?

Mãe – Adora, gosta. Gosta de feijão na sopa. Quando faço assim sopa de feijão até o que ela come mais é o feijão porque a couve da sopa de feijão deve ser assim um bocado dura e ela come mais é o feijão. Gosta muito de feijão cozido.

Ana – Há assim algum alimento que não esteja aqui que ela não goste mesmo ou que faça alergias? Ou há alguma coisa que não esteja aqui e que ela goste muito?

Mãe – Não. A única coisa que ela não gosta mesmo e que é impossível é a fruta mas de resto ela come um bocadinho de tudo. Pronto, vai comendo...

Ana – E petiscos? Ela gosta?

Mãe – Assim tipo quê? Caracóis?

Ana – Caracóis, amêijoas...

Mãe – Caracóis gosta, amêijoas não gosta muito. As amêijoas e assim moelas não gosta muito. Gosta de camarão mas também não são muitos, é só assim um ou dois. Caracóis sim, isso gosta.

Ana – E acompanha com os refrigerantes e pão?

Mãe – Pois, a única coisa que ela bebe de refrigerantes é Coca-Cola porque sumos também não. Não bebe sumos nenhuns nem compal, nem nada. Quando era pequenina ainda consegui dar-lhe muitas vezes o compal de pêssego, ainda bebia muitas vezes mas depois pronto... agora não há nada a fazer em relação à fruta, é horrível.

Ana – Tem que tomar suplemento vitamínico. Ela em relação aos alimentos sólidos come bem, não tem problemas nenhuns?

Mãe – Come, come.

Ana – Como é que é o horário das refeições dela em casa aos dias de semana e aos fins de semana?

Mãe – Em casa aos dias de semana só janta. O pequeno almoço é só o leite e aqui, depois, é que come o pão na cozinha, um bocadito de pão ou uma torrada porque ela de manhã não é capaz de comer nada. Também é muito cedo, às 7 horas. Ainda está meio a dormir e é só mesmo o leite. Depois, à noite come o jantar.

Ana – Normal?

Mãe – Normal.

Ana – Come a mesma coisa que os adultos?

Mãe – Sim, sim. Come a mesma coisa que nós, nunca lhe fiz comer à parte. Só a sopa quando era pequenina.

Ana – E come à mesma hora?

Mãe – Come. Só se o João se atrasa é que eu lhe vou dando o jantar mas, geralmente, espera e come connosco.

Ana – Portanto come convosco. E aos fins de semana mantém o mesmo tipo de alimentação?

Mãe – Sim, toma o pequeno almoço um bocadinho mais tarde, depois almoça, lancha e às vezes... às vezes não lhe apetece. Pronto, mas a maior parte das vezes come e depois é o jantar e antes de dormir um leitinho. Leite com chocolate tem que beber sempre, nem que tenha acabado de comer tem que beber sempre.

Ana – E nas férias mudam muito os hábitos alimentares? Ela está mais com outras crianças durante as férias ou...

Mãe – Não, até nem está assim com... pronto, onde está com mais crianças é aqui porque eu não tenho assim muitas crianças na família e quando vou de férias é com alguém de família. Almoça quando nós e janta quando nós.

Ana – Mas é assim, às vezes nas férias mudamos mais para sandes ou...

Mãe – Não, nós fazemos as refeições todas, mais por ela. Ela é pequenina, também não convém andar só a sandes e para já ela não gosta assim muito de sandes. Pão com manteiga, pão com fiambre, só de vez em quando. Por isso não se pode fazer assim muitas sandes, é mesmo refeições.

Ana – E ela também ainda é pequenina, não é?

Mãe – Pois, ainda é pequena para ter uma refeição só de sandes.

Ana – Quando vão às compras, ela vai convosco?

Mãe – Vai.

Ana – E tem noção do que é que se compra?

Mãe – Pronto, ela ainda é um bocado pequena, não é? Ela interessa-lhe mais é os brinquedos, a parte dos brinquedos adora, agora a alimentação não liga assim muito, se formos comprar tipo bolacha ela escolhe, se for comprar chocolate para o leite também, batata frita também, agora o resto vê e se for preciso vai buscar mas não é assim uma coisa que ela...

Ana – E faz as compras num supermercado?

Mãe – Sim no hipermercado.

Ana – No hipermercado?

Mãe – Que é assim sempre muita confusão... É mais difícil para ela e depois é tudo a correr, tem que se saber já onde é que se vai para depois não andar ali e não demorar muito tempo porque senão ficamos uma tarde ou uma manhã inteira, não é? Depois ela também não dá para participar muito.

Ana – E em casa ela ajuda um bocado e está ao pé de si quando cozinha?

Mãe – Adora, adora estar quando eu estou a fazer o comer, às vezes até quer descascar batatas e tudo, só que não pode ser com facas, não é? Mas quer: “Ó mãe eu faço, ó mãe eu faço”, mas é um bocado perigoso porque ela ainda não tem bem a noção.

Ana – A coordenação...

Mãe – Pois.

Ana – Mas gosta de ajudar...

Mãe – Sim, sim. Adora e ajuda muito, vai logo buscar o banco assim que me vê no balcão a fazer as coisas e diz: “Eu quero ajudar-te”. E pronto, está sempre ao pé de mim.

Ana – Mesmo cá ela gosta de pôr a mesa. Ajuda também nesse tipo de coisas em casa?

Mãe – Sim, ajuda.

Ana – Relativamente ao consumo também já vimos que ela mais ou menos come convosco, não é?

Mãe – Sim, sempre. Só um dia ou outro que o João venha mais tarde é que não dá para estar a deixá-la até muito tarde porque às tantas nem come, nem dorme, não é?

Ana – E que utensílios é que ela utiliza? Utiliza a faca e o garfo?

Mãe – O garfo, a faca e a colher.

Ana – Sim?

Mãe – Porque às vezes, principalmente, para o arroz e para a massa ela ainda não usa bem o garfo, gosta de ajudar com a colher.

Ana – De resto ela utiliza faca e garfo e conhece, não é? Mesmo em casa a Maria põe.

Mãe – Sim, sim, eu ponho sempre.

Ana – A escolha é dela?

Mãe – Sim, eu ponho sempre.

Ana – Ela tem preferências... por exemplo, usa chucha?

Mãe – Usa para adormecer.

Ana – E tem o leite com chocolate, tem algum brinquedo?

Mãe – Para adormecer tem um urso que é o bebé que já está muito sujo! Não tem uma orelha porque ela adorava mexer-lhe na orelha e continua a mexer-lhe só que já não tem orelha mas continua sempre a mexer-lhe para adormecer.

Ana – E usa chucha quando? Sempre que quer...

Mãe – É assim: ela já tinha perdido o hábito da chucha porque ela em Agosto deixou de usar chucha, só que entretanto o mano nasceu. Esteve para aí um mês ou dois sem usar e não pedia muito, às vezes até pedia mas nós até a conseguíamos convencer... agora recomeçou e pronto porque já estava a começar a ter o hábito do dedo e depois nós achámos: “Dedo ou chucha? Se calhar é preferível a chucha” porque a chucha é mais fácil de largar do que se começam a habituar-se ao dedo.

Ana – E usa sempre que quer?

Mãe – Sim.

Ana – Para adormecer?

Mãe – Usa para adormecer e durante a noite às vezes perde-a mas quando acorda vai logo à procura da chucha.

Ana – E biberão? Não tornou a querer beber biberão?

Mãe – Às vezes, ela gosta muito quando pode gosta muito de beber no biberão, adora.

Ana – Mas desde que o irmão nasceu ou sempre gostou?

Mãe – Sim, sempre gostou, só que agora mais.

Ana – Lembra-se, está lá ao pé do bebé...

Mãe – Claro, vê os do irmão a toda a hora, não é?

Ana – E a Maria dá-lhe?

Mãe – Dou-lhe pois, não posso dizer-lhe que não.

Ana – À noite, não é?

Mãe – À noite.

Ana – O leitinho com chocolate no biberão...

Mãe – Sempre. À noite e às vezes de manhã, é um vício e é a tal coisa... é bom. Mas ela sempre foi a chucha e o bebê que é o urso.

Ana – E conhece bem os alimentos? Discrimina e sabe?

Mãe – Sim, sabe.

Ana – Ela fala bem, não é?

Mãe – Sim, sabe praticamente tudo.... Tipo o pepino é capaz de não saber apesar de eu pôr sempre na salada mas é capaz de à primeira não saber logo o nome do pepino.

Ana – E ela gosta?

Mãe – De pepino? Não.

Ana – Mas conhece?

Mãe – Conhece mas não gosta, salada para ela é horrível. São dois problemas salada e fruta mas a fruta é pior.

Ana – O único remédio que ela toma é o suplemento vitamínico?

Mãe – Só, só. Não toma mais nada.

Ana – E pronto Maria. Acho que está tudo. Depois se eu precisar de mais alguma coisa, digo-lhe.

Mãe – Está bem. Não há problema. Estou sempre aqui, tem que ser.

Ana – Pois é. É mãe e funcionária. Está sempre por perto. Obrigada pela colaboração.

Anexo C.5

Entrevista com os pais da Verónica / Março de 1997

(Entrevista realizada no jardim de infância)

Ana – Prefiro sempre começar por perguntar qual é a história alimentar desde pequenina. Como é que foi o amamentar, o biberão. Ela não gosta de leite, não é?

Mãe – Não gosta de leite, não.

Ana – Foi muito difícil?

Mãe – Foi, ela experimentou várias marcas de leite e não gostou. Quer dizer, conforme comia, bolçava. Nunca gostou de leite mesmo nenhum. Depois mudei para leite de vaca misturado com água, já tinha ela 17 mesinhos quando começou a beber leite de vaca mas misturado com água que ela é uma bebé prematura.

Ana – E até lá?

Mãe – Sim, agora já come.

Ana – Não, até aos 17 meses?

Mãe – Bebia sim mas, quer dizer, foi sempre difícil.

Pai – Era sempre de vaca.

Mãe – Era sempre leite de vaca mas misturado com água. Duas partes de água, não sei... já não me lembro.

Ana – E sopas começou a tomar cedo?

Mãe – Sim, a partir dos 6 meses, não é? A partir dos 6 meses ela começou...

Ana – E não fez rejeição a mais nenhum alimento a não ser ao leite?

Mãe – Não, não.

Ana – Não lhe misturava leite na sopa?

Mãe – Não.

Pai – Agora bebe o leite misturado na farinha.

Mãe – Sim, na farinha. Ela agora bebe o leite mas disfarçado na farinha. Simples ela não consegue.

Pai – A única coisa que ela não consegue beber é simples, mais nada.

Mãe – Só na farinha.

Ana – E no leite creme também.

Mãe – Leite creme sim. Quer dizer, nem leite com chocolate, ela não bebe.

Ana – Nem iogurte. Ela não gosta muito.

Mãe – Vai comendo.

Ana – Mas prefere leite creme.

Mãe – Prefere leite creme mas, às vezes, lá está... também enjoa o leite creme.

Ana – Um bocadinho, não é?

Mãe – Às vezes custa-lhe um bocadinho a comer.

Ana – Nessa altura manda-lhe um iogurte, não é?

Mãe – Sim, às vezes mando o iogurte para desenojar mas de manhã diz logo: “Quero um leite creme, não quero iogurte”. Ela gosta mais de leite creme.

Ana – Gostas mais, Verónica, de leite creme? E queijo?

Mãe – Queijo ela gosta.

Ana – Manteiga?

Mãe – Manteiga também.

Ana – Gosta dos derivados do leite?

Mãe – Sim, sim.

Ana – Geralmente ela janta e toma o pequeno almoço convosco ou à parte?

Mãe – O pequeno almoço de manhã, portanto, dou-lhe a farinha não é? Cerelac ou uma daquelas farinhas que ela gosta muito. Ah, Nestum não liga muito. Depois, aqui, acho que dão qualquer coisinha de fruta.

Ana – Uma peça de fruta.

Mãe – E depois o almoço é sempre aqui. Quer dizer, ao fim de semana, o almoço... se comer a sopa toda já não come... quer dizer... petisca mas já não come o resto. É mais a sopa que ela vai comendo melhor.

Pai – Uma coisa que eu reparei há bocado é que as bolachas que tu lhe deste, ela andava no parque e estava a dá-las aos amigas.

Ana – Dá mas come o pão. Ela come o pão e depois a seguir come as bolachas e as bolachas, muitas vezes, partilha com a Ana e com a Rita.

Pai – Digo assim: “Olha lá, quem é que come as bolachas? Olha que eu estava a ver lá de cima. Tu não estavas a comer as bolachas. Estavas a dar às tuas amigas”, ficou muito parva a olhar para mim e disse: “Mas tu viste? Tu viste?”.

Mãe – Ela dá porque as outras também dão. Elas também dão, não é?

Pai – Ela é amiga. Gosta de dar também, não é Verónica? Gostas de dar às tuas amigas? Gostas?

Ana – Tem uma grande amiga.

Mãe – É a Ana, não é? É a pretinha.

Ana – É a Rita, não é? Com quem é que gostas mais de brincar aqui na escola?

Mãe – Eu acho que é a Ana que ela fala mais.

Ana – É a Ana, a Rita, não é? São as meninas já mais crescidinhas e brincam muito umas com as outras. E o jantar? Ela janta convosco ou janta mais cedo?

Mãe – Janta à mesma altura.

Ana – E come a mesma coisa?

Mãe – Sim, principalmente a sopa. Temos que dar sempre porque ela se não for a sopa... a carne começa a se enrolar, o peixe a mesma coisa. A sopa tem que ir primeiro, sempre.

Ana – Já fica alimentada e depois o resto...

Mãe – E fruta também não liga nada.

Ana – Não?

Mãe – Às vezes come banana mas é muito raro. Ela não é assim muito de fruta.

Ana – Mas cá come sempre uma peça de fruta.

Mãe – Ela sempre foi muito má de comer mas, quer dizer, por isso é que ela tem este corpito assim tão pequenito.

Ana – Mas agora é uma criança que está bem, não acha?

Mãe – Ela a princípio quando nasceu era até assim muito fraquinha. Talvez não aumentasse o que eu queria, não sei. Depois começou a comer a papinha à colher e deixou o biberão totalmente.

Ana – Totalmente, não é?

Mãe – Sim, totalmente. Deixou mesmo.

Pai – Então, que estás a fazer? (falando com a Verónica que estava presente).

Ana – Está a ouvir com muita atenção. E usa chucha, por exemplo?

Mãe – Usou até aos quatro anos.

Ana – Até agora.

Mãe – Sim, deixou no dia dos anos, no dia em que fez quatro anos.

Pai – No dia em que fez quatro anos deixou a chucha.

Ana – Há outras coisas que goste? Massa?

Mãe – Também gosta.

Ana – Ervilhas?

Mãe – Adora.

Ana – Cenoura?

Mãe – Já gostou mais. Comia a cenoura tão bem, mas agora...

Pai – Até comia crua.

Ana – Couves?

Mãe – Ah! Quando está assim de maré às vezes come as couves. Quando era mais pequenina gostava mais de couves. Tomate ela diz que aqui na escola come. Mas lá em casa não gosta de salada nem alface. Cogumelos também não sei se gosta.

Ana – Ela cá come.

Mãe – O tomate?

Ana – O tomate mais que alface. Couve-flor?

Mãe – Também gosta de couve-flor. Espinafres na sopa.

(A entrevista é interrompida com a chegada de outra pessoa para fazer a limpeza. Deslocámo-nos para outra sala)

Ana – Azeitonas também gosta. Alho francês?

Mãe – Só na sopa.

Ana – Costuma usar?

Mãe – É raro fazer lá em casa alho francês.

Ana – E rabanete?

Mãe – Também não gosta (vai mexendo na lista e vai dizendo) Cebola crua não, cebola cozida não, só se for assim misturada em algum refogado, alho também acho que não. Ovos cozidos gosta, ovos mexidos também, omeleta também, ovos estrelado também, azeite, vinagre, maionese não. Ketchup e mostarda... estas coisas eu não lhe dou.

Ana – Não?

Mãe – Não. Não, nem maionese, nem ketchup.

Ana – Com os hambúrgueres alguns estão habituados a comer.

Mãe – Ah, essas coisas nunca costumo dar.

Ana – Há assim algum alimento que não esteja aqui citado e que ela goste especialmente ou que não goste?

Mãe – O que não gosta...

Ana – O leite.

Mãe – Sim, é o leite.

Ana – E que goste? Há alguma coisa que não esteja aqui? Petiscos? Às vezes, há uns que gostam de algumas coisas especiais.

Pai – Do que é que tu gostas mais, Verónica? Dói-te a garganta?

Mãe – Deve-lhe doer. Ela está com febre.

Ana – Está?

Mãe – Está. Uma pontinha, de manhã tinha 37 e picos.

Ana – Costuma ir convosco quando saem?

Mãe – Sim.

Ana – Come as mesmas comidas, não?

Mãe – Sim, quer dizer, ela come de tudo.

Ana – Em casa também não fazem uma comida especial para ela?

Mãe – Não.

Ana – Portanto, no restaurante também é a mesma coisa?

Mãe – Sim, que é raro ir a restaurantes.

Ana – Ou a festas, ou...

Mãe – Como digo... ela comendo a sopa já não liga assim muito mas tem que petiscar alguma coisa.

Pai – Também não pode ser só a sopa.

Mãe – Também não pode ser só sopa mas, quer dizer, se não lhe der a sopa ela não come o resto.

Ana – Portanto, a sopa... é certo?

Mãe – A sopa é que vai mesmo.

Ana – Dá segurança. Eu também acho. As crianças quando comem a sopa depois se não comerem tanto arroz fica-se mais tranquilo.

Mãe – É o que acontece com ela.

Ana – Quando vão de férias os hábitos alimentares dela mudam muito?

Mãe – Não, não muda.

Ana – Não?

Mãe – Porque eu costumo ter uma casa na Costa. Por norma sou eu que fico com ela nas férias porque o meu marido é raro ter férias nessa altura, no Verão. O almoço é à mesma hora e à tarde o lanche. Não muda assim muito.

Ana – Portanto, mais ou menos, faz a mesma vida e os mesmos hábitos, não é? Ela em casa utiliza a colher, a faca e o garfo?

Mãe – É mais o garfo.

Pai – Só o garfo, não é?

Mãe – Sim, o garfo e a colher para a sopa.

Ana – Pois.

Mãe – Não utiliza assim a faca. Quer dizer também não tem tendência. Às vezes pede para partir a banana. Quer partir a banana às rodelas e pede a faca. Assim para comer não.

Ana – E ajuda?

Mãe – Sim. Às vezes quer varrer, quer ajudar a fazer as camas.

Pai – Ai isso... ela anda sempre com o pano do pó.

Ana – Quando vão às compras ela costuma ir convosco?

Mãe – Sim, quer dizer alimentos não, vai mais para os brinquedos, isso vai.

Ana – Mas vai convosco? Às vezes à segunda-feira ela diz: “Fui ao Jumbo, comprei...”

Mãe – Ah sim, vai. Por norma vai connosco.

Ana – Quando vão às compras ela pede Coca-cola?

Mãe – Não, porque eu não lhe dou. Bebe poucas vezes. Água também bebe pouca, mesmo pouca.

Pai – Fartou-se de beber ali água. Às vezes está farta de correr, a transpirar...

Mãe – Mas, quer dizer, por sistema ela não bebe muita água. Até sai a mim porque eu é raro beber água. Iogurte vai comendo.

Ana – Papas?

Mãe – Vai papando de manhã. Queijo também gosta. Carcaça com manteiga. Também gosta muito de pão. Pão de leite também gosta.

Ana – Pão de forma?

Mãe – Também. Bolinhos é que ela não gosta.

Ana – Não?

Mãe – Quer dizer, assim para o seco ainda vai comendo mas também torce a cara...

Pai – Gosta de pasteis de nata, não gosta?

Mãe – Sim, vai comendo aqueles pastelinhos de nata porque acha que são pequeninos. De resto... a maçã. Também gosta muito de maçã... pêra não gosta muito. Banana vai comendo mas também não liga... laranja assim, assim...

Ana – Kiwi?

Mãe – Acho que nunca dei kiwi. Pêssego gosta.

Ana – Morangos?

Mãe – Morangos também não gosta.

Ana – Limão? Ananás?

Mãe – Não gosta de ananás, pois não?

Pai – Não me recordo.

Mãe – Uma vez comeu mas fez muitas aftas e nunca mais lhe dei.

Ana – Peixe?

Mãe – Também come.

Ana – Atum?

Mãe – Ela também gosta.

Ana – Lulas?

Mãe – Não. Bacalhau gosta e chouriço adora.

Ana – Fiambre?

Mãe – Fiambre também gosta. Salsichas também não vai lá assim muito mas ela aqui diz que come.

Ana – De vez em quando à segunda-feira é salsicha, mas só de vez em quando. Carne?

Mãe – Também vai comendo.

Ana – Hambúrguers?

Mãe – Também gosta. Batata frita adora, batatas cozidas também gosta, puré de batata...

Ana – Gosta de puré de batata ou prefere batata cozida?

Mãe – Ela, quer dizer... às vezes há batata cozida e ela gosta mas também gosta de puré.

Ana – Arroz?

Mãe – Também gosta.

Ana – Tem alergias?

Mãe – Não. Só aquela coisa no nariz. De vez em quando sangra se apanhar muito sol.

Pai – Não pode apanhar sol na cabeça.

Mãe – Garganta também é coisa que ela tem mais.

Pai – Mas isso sai a mim. Quando apanho sol na cabeça tenho hemorragias. Não é só de pequeno mesmo agora se apanhar sol na cabeça...

Mãe – Se dá algum trambolhão fica logo a sangrar.

Ana – E sumos? Bebe?

Mãe – Gosta de sumos de laranja, o que bebe é sumo de laranja.

Ana – Como bebe pouca água...

Pai – De vinho não gosta.

Mãe – Não.

Ana – Não bebe vinho. A Verónica bebe vinho?

Pai – Não gosta de vinho, nem bebe cerveja. Uh... cerveja ela gosta... passa a língua...

Ana – Gosta de provar? O Carlos gosta de caracóis. A Verónica também gosta?

Pai – Óhh esta... esta é maluca por caracóis, não sai a mim.

Mãe – Gosta muito, gosta. Eu também gosto.

Ana – Eu fiquei espantada a primeira vez que a mãe dele me disse “O que ele gosta mais e que não vem aqui, é caracóis”.

Mãe – A Verónica também gosta.

Pai – E gambas já não gosta.

Mãe – Gambas já não gosta. Lá de marisco, estas coisas não gosta nada.

Pai – Mas caracóis...

Mãe – Caracol, vai.

Pai – E caracol já gosta.

Mãe – E cadelinhas, aquelas coisas não gosta. Quer dizer ela também não prova. A gente dá-lhe e ela não quer provar.

Ana – Pois.

Mãe – Mas os caracóis vai tudo.

Ana – Então é uma boa companheira para petisco. E quando ela não come obrigam-na a comer ou insistem?

Mãe – Às vezes insistimos sempre um bocadinho.

Pai – Às vezes tem que se estar a falar com ela, a dizer isto para se distrair para não perceber que está a comer.

Mãe – Às vezes tem que ser.

Pai – Se a gente estiver naquela mesmo de lhe dar ela começa a dizer que não e não. Se a gente começar: “Verónica isto, Verónicazinha aquilo...”. Vamos brincar para o jardim, entretê-la, esquece-se que está a comer. Assim é capaz de comer a sopa toda. Caso contrário não. Está a comer distraída nem se apercebe que está a comer sopa.

Mãe – Começamos a entretê-la. Agora está a comer melhor. Ultimamente come a sopinha toda e ainda come mais... não come tudo. Depois ainda come fruta. Há uma temporada que anda a comer bem.

Pai – Os miúdos geralmente há fases que comem bem, outras fases comem mal.

Ana – Às vezes gostam de umas coisas depois deixam de gostar e começam a gostar outra vez ou enjoam. Acho que não tenho assim mais nada, depois se precisar de mais alguma informação peço.

Mãe – Com certeza.

Ana – Ela aqui eu acho que come bem.

Mãe – Sim.

Ana – Está sentada ao lado da Ana que é a amiga e brincam imenso, mas assim que uma acaba a outra despacha-se para ir brincar ou para se ir deitar.

Mãe – Eu acho que sim...

Ana – Elas as quatro levam mais ou menos o mesmo tempo a comer. Conversam imenso, imenso. Riem, conversam, brincam mas vão comendo e quando uma acaba a outra despacha-se num instante, não é Verónica?

Mãe – Porque ela lá em casa tem muito o costume de estar sempre a pedir qualquer coisa e não faz aquela hora. Eu acho que aqui na escola tem aquele espaço todo

sem comer... Talvez à hora do almoço coma bem, não é? Porque lá em casa está sempre a pedir isto, está sempre a pedir aquilo.

Pai – Um bocado de queijo com pão, um bocado de fiambre...

Mãe – Uma bolacha... às vezes podíamos evitar dar mas ela faz birra e quer, quer mesmo e a gente dá-lha. Depois chega a hora do jantar... Quer dizer... a gente dá sempre o conduto. Nunca vai quase todo e não quer, começa logo a fazer fita. É o que eu digo, em casa está sempre a pedir qualquer coisa e chega a hora de jantar já não come.

Pai – É petisqueira. Gosta de estar sempre a petiscar.

Mãe – Vai brincando e comendo e depois chega come a sopa... Já não come o resto.

Ana – Acho que está tudo. Muito obrigado.

